

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e  
Sociedade (CDPA)



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas  
com a agricultura  
Período de Análise: 01 a 30 de Abril de 2008  
Área Temática: PAA - SAN**

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico  
Jornal Folha de São Paulo  
Jornal O Globo  
Sítio eletrônico do MDS  
Sítio eletrônico do MDA  
Sítio Eletrônico do MMA  
Sítio eletrônico do INCRA  
Sítio eletrônico da CONAB  
Sítio eletrônico do MAPA  
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior  
Sítio Eletrônico da Fetraf  
Sítio Eletrônico da MST  
Sítio Eletrônico da Contag  
Sítio Eletrônico da Abag  
Sítio Eletrônico da CNA  
Sítio Eletrônico da CPT

Assistente de Pesquisa: Karina Kato

## Índice

<b>Emergente restringe exportação de alimento básico</b> – Alan Beattie – Folha de São Paulo – Dinheiro – 03/04/2008.....	6
<b>Boom de commodities é positivo, diz FMI</b> – Sérgio Dávila – Folha de São Paulo – Dinheiro – 04/04/2008.....	7
<b>Propostas selecionadas por edital do MDS fortalecerão agricultura familiar</b> – Sítio Eletrônico do MDS – 04/04/2008.....	9
<b>R\$ 4,4 milhões serão liberados pelo MDS para projetos de Educação Alimentar</b> – Sítio Eletrônico do MDS – 08/04/2008.....	9
<b>Cassel abre Conferência de Soberania Alimentar</b> – Sítio Eletrônico do MDA – 09/04/2008.....	10
<b>Brasil sedia encontro internacional que definirá metas para ampliar acesso à alimentação</b> – Sítio Eletrônico do MDS – 09/04/2008 .....	11
Sociedade civil debate soberania alimentar – Sítio Eletrônico do MST – 09/04/2008 .....	12
<b>Inflação surpreende e sobe 0,48%, puxada por alimentos</b> – Pedro Soares - Folha de São Paulo – Dinheiro – 10/04/2008.....	13
<b>Cassel ressalta políticas de segurança alimentar</b> – Sítio Eletrônico do MDA – 10/04/2008.....	15
<b>Inflação de alimentos causa reação global</b> – Folha de São Paulo – Dinheiro – 11/04/2008 .....	17
<b>Inflação dos alimentos é motivo de alegria, diz Lula</b> – Clovis Rossi - Folha de São Paulo – Dinheiro – 11/04/2008.....	17
<b>Preço será alto por até 6 anos, diz Rodrigues</b> – Folha de São Paulo – Dinheiro – 11/04/2008.....	19
<b>Produção cresce, mas demanda aumenta mais</b> – Gitanio Fortes – Folha de São Paulo – Dinheiro – 11/04/2008.....	20
<b>Incômoda pressão</b> – O Globo – Opinião – 11/04/2008 .....	21
<b>Entre o fogo e o gelo FMI alerta para alta da inflação, puxada por alimentos, que, para Bird, ameaça pobres</b> - José Meirelles Passos – O Globo – Economia – 11/04/2008	22
<b>Lula: inflação aumentou porque os pobres estão comendo mais</b> - Deborah Berlinck* e Eliana Oliveira – O Globo – Economia – 11/04/2008.....	23
<b>MDA discute políticas de combate à crise alimentar mundial em Conferência da FAO</b> – Sítio Eletrônico do INCRA – 11/04/2008 .....	24
<b>Para Lula, é a demanda por alimento que causa inflação</b> - Raquel Ulhôa – Valor Econômico – Brasil - 11/04/2008.....	26
<b>"Superinflação" ameaça combate à fome, diz Banco Mundial</b> – Fernando Canzian – Folha de São Paulo – Dinheiro – 11/04/2008.....	27
<b>Alimentos em alta</b> – Folha de São Paulo – Opinião – Editorial – 12/04/2008 .....	29
<b>Energia renovável e líderes novos</b> – Folha de São Paulo – Dinheiro – 12/04/2008.....	30
<b>Produção de cereal atingirá recorde, diz FAO</b> – Folha de São Paulo – Dinheiro – 12/04/2008.....	32
<b>O momento de agir</b> – Folha de São Paulo – Dinheiro – 13/04/2008.....	32
<b>FMI teme "guerras e conflitos" por alimentos</b> – Fernando Canzian – Folha de São Paulo – Dinheiro 13/04/2008.....	34

<b>Elevação externa das commodities deve manter pressão nas cotações neste ano</b> – Folha de São Paulo – Dinheiro – 13/02/2008.....	36
<b>Consumo e estoque baixo encarecem comida</b> – Mauro Zafalon - Folha de São Paulo – Dinheiro – 13/04/2008.....	38
<b>Brasil e Índia negociam parceria em alimentos</b> – Fernando Canzian – Folha de São Paulo – Dinheiro – 13/04/2008.....	40
<b>Bird e FMI buscam soluções para falta de comida</b> - Bob David, The Wall Street Journal, de Washington – Valor Econômico – Internacional - 14/04/2008.....	41
<b>Alimentos em alta</b> - ILAN GOLDFAJN – O Globo – Opinião – 15/04/2008.....	43
<b>Alimento à hipocrisia</b> – Folha de São Paulo – Opinião – 15/04/2008.....	45
<b>Clima atrasa plantio nos EUA, e preços de soja e milho têm alta</b> – Valor Econômico – Agronegócios - 15/04/2008.....	46

## Segunda Quinzena

<b>Iogurtes, sucos, cremes. É a nova 'cesta básica'</b> - Vera Dantas – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 16/03/2008.....	47
<b>Países barram exportação de alimento para segurar preço</b> – Folha de São Paulo – Dinheiro – 16/04/2008.....	49
<b>ONU pede mudança na agricultura para garantir segurança alimentar</b> – Marcelo NInio – Folha de São Paulo – Dinheiro – 16/04/2008.....	50
<b>Embaixador destaca trabalho pela agricultura familiar</b> – Sítio Eletrônico do MDA – 16/04/2008.....	51
<b>Inflação sobe, com ou sem alimentos</b> – Valor Econômico – Agronegócios – 16/04/2008.....	52
<b>Agrocombustíveis e produção de alimentos</b> – Ariovaldo Umbelino de Oliveira – Folha de São Paulo – Opinião – 17/04/2008.....	54
<b>Respostas à crise alimentar em debate</b> – Sítio Eletrônico do MDA – 17/04/2008.....	56
<b>Acesso à alimentação e biocombustíveis entram na pauta da 30ª Conferência da FAO</b> – Sítio Eletrônico do MDS – 17/04/2008.....	57
<b>Alta de alimentos desafia tendências globais</b> - Fernando Lopes – Valor econômico – Especial - 18/04/2008.....	59
<b>Crise dos alimentos traz mais instabilidade global</b> – Valor econômico – Editorial - 18/04/2008.....	61
<b>FMI vê mais conflito por alimento</b> – Folha de São Paulo – Dinheiro – 19/04/2008.....	62
<b>Amorim rebate com ataque aos subsídios</b> – IUri Dantas - Folha de São Paulo – Dinheiro – 19/04/2008.....	63
<b>Cepal teme aumento da indigência</b> – Fabiano Maisonnave - Folha de São Paulo – Dinheiro – 19/04/2008.....	64
<b>Preços agrícolas vão continuar altos "no curto prazo", diz FAO</b> – Iuri Dantas – Folha de São Paulo – 19/04/2008.....	64
<b>Amorim rebate FMI por crítica a biocombustível</b> - Eliane Oliveira – O Globo – Economia – 19/04/2008.....	66
<b>Lula culpa EUA por crise mundial de alimentos</b> - Soraya Aggege – O Globo – Economia – 20/04/2008.....	67
<b>No 'celeiro' Brasil, dívidas e falta de logística são retrato da agricultura</b> – Eliane Oliveira – Capa - O Globo – Economia – 20/04/2008.....	68

<b>Etanol no centro da crise Biocombustível não é a causa da fome</b> – Deborah Berlingk – O Globo – Economia – 20/04/2008.....	70
<b>Alta de alimentos no mundo coloca governos sob pressão</b> – Marc Lacey - Folha de São Paulo – Dinheiro – 21/04/2008.....	71
<b>Movimentos sociais também criticam álcool</b> – Fabio Zanini - Folha de São Paulo – Dinheiro – 22/04/2008.....	74
<b>Lula afirma que produção de etanol não ameaça a Região Amazônica</b> - Soraya Aggege – O Globo – Economia – 22/04/2008.....	75
<b>ONU pode ter estudo sobre o assunto</b> – O Globo – Economia – 22/04/2008 .....	77
<b>Alimentos vão pressionar mais a inflação em 2008</b> - Cibelle Bouças – Valor Econômico – Brasil - 22/04/2008 .....	77
<b>Bolso mais vazio</b> – Cássia Almeida e Patrícia Duarte – O Globo – Economia – 23/04/2008 .....	79
<b>Taxa brasileira é uma das menores entre emergentes</b> - Ronaldo D’Ercole – O Globo – Economia – 23/04/2008.....	80
<b>Após 30 anos, G-8 debate comida cara</b> – O Globo – Economia – 23/04/2008.....	81
<b>Subsídios levaram à alta nos alimentos, diz FAO</b> – Marcelo Ninio – Folha de São Paulo – Dinheiro – 24/04/2008.....	82
<b>O preço da omissão</b> – Antonio Palocci – O Globo – Opinião – 20/04/2008.....	83
<b>O fim do mundo</b> – Carlos Alberto Sardenberg – O Globo – Opinião – 24/04/2008 .....	84
<b>O Brasil é parte da solução na crise</b> – John Briscoe – O Globo – Opinião – 24/04/2008 .....	85
<b>Barreiras à exportação de grãos</b> – Eliane Oliveira – O Globo – economia – 24/04/2008 .....	87
<b>Abitrigo quer importar sem impostos</b> – Janaína Figueiredo, Martha Beck e Cássia Almeida – O Globo – Economia – 24/04/2008 .....	89
<b>Crise pode fazer Brasil taxar a exportação de alimentos</b> – Miriam Leitão - O Globo – Capa – 24/04/2008.....	90
<b>Hora da mesa</b> – Miriam Leitão – O Globo – Economia – 24/04/2008.....	90
<b>Para governo, petróleo eleva preço de comida em 20%</b> - Eliane Oliveira – O Globo – Economia – 24/04/2008.....	92
<b>Governo age para conter preços de arroz e trigo</b> – Eliane Oliveira e Patrícia Duarte – O Globo – Economia – 25/04/2008.....	93
<b>Alta nos preços dos alimentos já é crise global, diz a ONU</b> – Folha de São Paulo – Dinheiro – 26/04/2008.....	94
<b>Lula afirma que a crise no setor "é passageira"</b> – Mauricio Simionato e Silvia Freire – Folha de São Paulo – Dinheiro – 26/04/2008.....	95
<b>Pressionado por alimentos, IPCA-15 sobe 0,59%</b> - Folha de São Paulo – Dinheiro – 26/04/2008 .....	96
<b>Cassel defende no RS maior produção de alimentos</b> – Sítio Eletrônico do MDA – 26/04/2008.....	98
<b>Crise agrícola gera oportunidade ao país</b> – Mauro Zafalon – Folha de São Paulo – Dinheiro – 27/04/2008.....	99
<b>Crítica a biocombustível vem de lobby, diz especialista</b> – Denise Godoy - Folha de São Paulo – Dinheiro – 27/04/2008.....	101
<b>Falso vilão</b> – O Globo – Opinião – 27/04/2008.....	102
<b>Alimentos em alta podem elevar calote</b> – O Globo – Capa – 27/04/2008.....	103
<b>Tentáculos dos alimentos caros</b> – Patrícia Duarte e Erica Ribeiro – O Globo – Economia – 27/04/2008.....	103

<b>Em meio à crise, Brasil tem chance de avançar no mercado externo</b> - Eliane Oliveira – O Globo – Economia – 27/04/2008.....	105
<b>'A situação atual foi provocada por colheitas ruins e pela especulação'</b> – O Globo – Economia – 27/04/2008.....	106
<b>Lula quer medidas de estímulo a alimentos</b> – Valdo Cruz – Folha de São Paulo – Dinheiro – 28/04/2008.....	107
<b>África sofre com alimentos mais caros</b> – Fábio Zanini – Folha de São Paulo – Dinheiro – 28/04/2008.....	109
<b>Produção gera desigualdade no continente</b> – Fabio Zanini – Folha de São Paulo – Dinheiro – 28/04/2008.....	110
<b>Debate sobre biocombustíveis e alimentos avança na região</b> – Fabio Zanini – Folha de São Paulo – Dinheiro – 28/04/2008.....	111
<b>O mistério do preço da comida</b> – Paulo Guedes - O Globo – Opinião – 28/04/2008.....	112
<b>Haiti: a urgência da fome</b> - José Graziano da Silva Valor Econômico – Opinião - 28/04/2008.....	113
<b>Especialistas: alta de grãos tem vários culpados</b> – Cassia Almeida – O Globo – Economia – 29/04/2008.....	115
<b>Autoridades agora culpam o "mercado"</b> – Valor Econômico – Agronegócios - 29/04/2008.....	116
<b>ONU anuncia força-tarefa contra crise dos alimentos</b> – Marcelo Ninio – Folha de São Paulo – 30/04/2008.....	116
<b>Restrição a exportações preocupa Nações Unidas</b> – Folha de São Paulo – Dinheiro – 30/04/2008.....	118
<b>Medidas devem ser apenas o primeiro passo</b> - Gitanio Fortes – Folha de São Paulo – Dinheiro – 30/04/2008.....	119
<b>Alimento ficará caro por dez anos, diz especialista</b> – Folha de São Paulo – Dinheiro – 30/04/2008.....	119
<b>FGV prevê mais pressão dos alimentos no próximo mês</b> – Tatiana Resende – Folha de São Paulo – Dinheiro – 30/04/2008.....	121
<b>Lula defende biocombustíveis e critica subsídio agrícola externo</b> – Letícia Sander – Folha de São Paulo – Dinheiro – 30/04/2008.....	122
<b>China quer alugar terra para lavoura no exterior</b> - Chico de Gois, Alan Gripp e Daniela Antunes – O Globo – Economia – 30/04/2008.....	123
<b>Governo Federal anunciará medidas para conter alta nos preços dos alimentos</b> – Sítio eletrônico do MDA – 30/04/2008.....	124
<b>Reconstruindo Malthus</b> - Marcello Averbug – Valor Econômico – Opinião - 30/04/2008.....	125

**Emergente restringe exportação de alimento básico** – Alan Beattie – Folha de São Paulo  
– Dinheiro – 03/04/2008

### **Governos de países em desenvolvimento correm para ampliar importações contra aumento de preços e inquietação social**

Os governos dos países em desenvolvimento estão correndo para ampliar as importações de produtos agrícolas e restringir suas exportações, em um esforço por evitar aumentos de preços e inquietação social.

A Arábia Saudita reduziu os impostos de importação sobre toda uma gama de produtos alimentares na segunda-feira, cortando a tarifa de importação de trigo de 25% para zero e reduzindo as tarifas sobre a frango, laticínios e óleos vegetais.

No mesmo dia, a Índia suspendeu as tarifas sobre os óleos comestíveis e o milho e proibiu a exportação de arroz -a não ser da variedade basmati, de alto preço. O Vietnã, enquanto isso, terceiro maior exportador mundial de arroz, anunciou que cortaria em 11% suas exportações do produto este ano.

As decisões marcam o rápido abandono das medidas protecionistas aos agricultores, que em geral são os beneficiários das tarifas sobre a importação de alimentos, em troca de ação que proteja os consumidores contra a escassez de alimentos e os aumentos de preços. Mas economistas alertam de que medidas como essas acarretam o risco de uma espiral mundial de alta nos preços da comida, que vem sendo pressionados pela demanda crescente de mercados emergentes como a China e a Índia e pela expansão do uso da terra com o cultivo para biocombustíveis.

"Existem tantos especuladores que, quando alguma coisa afeta a oferta, a reação é imediata", disse Paul Braks, analista de commodities do Raibobank, um dos maiores financiadores do setor de agronegócios. "Os mercados estão apertados, e quando você vê países exportadores impondo restrições à exportação a fim de estabilizar os preços internos da comida, o mercado fica nervoso." Braks afirma que a instabilidade nos preços dos alimentos foi exacerbada pelos problemas nos mercados financeiros. "A compressão de crédito empurrou muitos investidores para os mercados de commodities, como refúgio", ele disse.

**Problema número um** - Kamal Nath, ministro do Comércio Internacional da Índia, disse que a falta de alimentos se tornou provavelmente o "problema número um" do país.

A Índia, que se tornou auto-suficiente na produção de alimentos nos anos 70, vem importando quantidades substanciais de trigo e outros alimentos básicos nos últimos dois anos. Braks disse que mesmo exportadores de alta produtividade, como a Ucrânia, restringem o embarque de trigo.

Em médio prazo, os preços altos devem encorajar o cultivo de mais terra com esses produtos, especialmente na Ucrânia e na Rússia. "Os preços mundiais dos grãos devem

continuar altos e voláteis pelos dois próximos anos-safra, e depois, a partir de 2010, a resposta em termos de oferta ampliada deve começar a reduzir lentamente os preços", ele afirmou.

As disputas quanto à divisão de custos e benefícios dos preços mais altos da comida ganharam importância na agenda política de muitos países em desenvolvimento, à medida que fortes reduções no poder aquisitivo, especialmente nas cidades, aumentaram muito a pressão sobre os governos.

Os preços mundiais do arroz subiram um terço desde a virada do ano. O custo mais alto da soja deflagrou protestos em países como a Indonésia.

Na Argentina, os fazendeiros protestam contra tentativas do governo de redistribuir os benefícios da alta de preços das commodities por meio de uma elevação nos impostos sobre a soja e outros produtos. Nas Filipinas, investigadores do governo realizaram buscas em armazéns suspeitos de esconder arroz para especulação. \*Tradução de **PAULO MIGLIACCI**

**Boom de commodities é positivo, diz FMI** – Sérgio Dávila – Folha de São Paulo – Dinheiro – 04/04/2008

**Economista-chefe do Fundo diz não se lembrar de descolamento tão grande entre commodities globais e mercados de crédito - FMI diz que países como Brasil fizeram "bom uso" da alta de preços dos produtos básicos que exportam e têm mostrado "resistência"**

É positiva a alta nos preços das commodities que vem beneficiando as economias emergentes na atual crise financeira. E, diferentemente do ocorrido em ciclos anteriores, países como o Brasil fizeram bom uso dela, por isso mostram inusitada resistência à crise atual.

É o que diz o FMI (Fundo Monetário Internacional) em mais uma etapa de sua divulgação bianual das perspectivas para a economia global.

Indagado se uma queda nesses preços não prejudicaria países como o Brasil, que dependem pesadamente da exportação de matérias-primas, Simon Johnson, economista-chefe do Fundo, afirmou que estava "animado em geral pela resistência aparentemente maior [do que em crises anteriores] de muitos países exportadores de commodities".

"Eles fizeram bom uso do boom, em nossa opinião, em relação ao que aconteceu em altas anteriores, e isso deve ajudar mais adiante, seja o que for que aconteça com os preços das commodities", afirmou, ontem pela manhã na sede do FMI.

A alta experimentada atualmente por esse setor da economia tem se provado mais favorável a países que dependem dele, com exportações e investimentos crescendo rapidamente, ao mesmo tempo em que governos se endividam substancialmente menos, diz trecho do estudo "World Economic Outlook", do FMI.

Segundo o relatório, que terá sua íntegra divulgada no dia 9, véspera dos Encontros de Primavera do FMI e do Banco Mundial, a alta nos preços das commodities foi de 75% em termos reais desde 2000, e essa situação não dá mostras de mudar, mesmo com a ameaça de recessão nos EUA.

"Os mercados emergentes e os países em desenvolvimento têm feito um bom trabalho de criar as bases para um crescimento sustentado de forma que, mesmo que o preço das commodities caia um pouco, isso não deve ser muito problemático para eles", disse Johnson. "Eles não parecem tão vulneráveis hoje como estavam em episódios anteriores."

O economista-chefe do FMI disse que não consegue se lembrar de uma época em que tenha havido um descolamento tão pronunciado entre commodities globais e mercados de crédito, "cada um mandando sinais conflitantes em relação ao panorama global".

Outras análises divulgadas recentemente têm creditado ao crescimento dos países chamados emergentes, como o Brasil, a Índia, a Rússia e a China, um contrapeso à crise financeira atual que abate as economias desenvolvidas, lideradas pelos EUA. O Fundo não fez a relação de forma direta, mas deu a entender que constará do relatório que será divulgado.

Parte dele vazou à imprensa nos últimos dias, e o prognóstico que pinta sobre a economia mundial é negativo. Há uma revisão para baixo do crescimento global, a terceira desde julho, e uma expectativa de que a economia americana cresça apenas 0,5% em 2008 e 0,6% em 2009. O economista-chefe não comentou o vazamento, mas reforçou que a visão do Fundo é que a economia dos EUA está "paralisada".

**Tarifa do carbono** - No mesmo encontro, foram discutidos outros dois capítulos analíticos, sobre ambiente e crise hipotecária. No primeiro, o FMI defende uma tarifação das emissões de carbono de maneira "global, de longo prazo, flexível e imparcial". Salienta ainda o impacto de políticas climáticas sobre a economia global, dando como exemplo o caso da corrida ao biocombustível, que elevou o preço de alimentos.

Por fim, o Fundo pede resposta mais agressiva dos formuladores de políticas monetárias quando houver a percepção de que os preços de casas estão explodindo e em desacordo com a valorização de outros produtos. Foi o que aconteceu na recente crise hipotecária dos EUA, origem da crise atual.



## **Propostas selecionadas por edital do MDS fortalecerão agricultura familiar – Sítio Eletrônico do MDS – 04/04/2008**

O Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) disponibilizará, neste ano, R\$ 26 milhões, sendo R\$ 20 milhões para o Programa Compra Direta e R\$ 6 milhões para a Comercialização Direta. Os recursos serão investidos em 60 projetos a serem executados na Região do Semi-Árido. As propostas foram habilitadas e selecionadas pelo Ministério pelo edital nº 08/2008. A [lista de seleção](#) foi publicada no Diário Oficial da União desta sexta-feira (04/04).

Do total de 234 propostas encaminhadas, 101 foram habilitadas e 60 habilitadas e selecionadas. O próximo passo são as mesas técnicas regionais, quando os gestores municipais serão capacitados para a elaboração dos projetos. Os proponentes habilitados e selecionados receberão, via ofício, informações sobre o local e o período destas capacitações.

O Programa Compra Direta visa a aquisição de produtos agropecuários e beneficiados produzidos por agricultores familiares tradicionais, que se enquadram no Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). É dispensada a licitação para esta aquisição, desde que os preços não sejam superiores aos praticados nos mercados locais, regionais e o valor seja limitado a R\$ 3,5 mil por agricultor familiar/ano. A produção de alimentos de pequenos agricultores é distribuída para pessoas em situação de insegurança alimentar, visando garantir acesso à alimentação adequada.

Já o Programa de Comercialização Direta visa a implantação e modernização de Feiras e Mercados Populares para comercialização da produção de beneficiários do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), com intuito de que os participantes adquiram autonomia socioeconômica. *\*Adriana Scorza*

## **R\$ 4,4 milhões serão liberados pelo MDS para projetos de Educação Alimentar – Sítio Eletrônico do MDS – 08/04/2008**

O Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) disponibilizará, neste ano, R\$ 1,2 milhão para projetos em educação alimentar e nutricional a serem desenvolvidos em equipamentos públicos de alimentação e nutrição e R\$ 3,2 milhões em ações de educação alimentar destinadas a iniciativas nas áreas de atuação dos governos estaduais e no Distrito Federal.

Os projetos que receberão os recursos foram habilitados e selecionados por meio dos editais públicos n.º 01/2008 e 02/2008. O aviso de divulgação do [resultado final da seleção](#) de projetos foi publicado no Diário Oficial da União desta terça-feira (08/04).

O edital n.º 01 consiste no apoio financeiro a projetos em educação alimentar e nutricional a serem desenvolvidas em Restaurantes Populares, Bancos de Alimentos e Cozinhas Comunitárias. O objetivo é o de ampliar, fortalecer e complementar a funcionalidade destes equipamentos públicos, considerando a segurança alimentar e nutricional e a garantia do Direito Humano à Alimentação Adequada. Participaram do processo governos estaduais e municipais que já possuem os equipamentos contratados ou

conveniados com o MDS em funcionamento. Para este edital, foram habilitados e selecionados 15 projetos, sendo que cada um receberá, no máximo, R\$ 120 mil.

Já o edital n.º 02 visa destinar recursos a ações em educação alimentar destinadas a iniciativas nas áreas de atuação dos governos estaduais e no Distrito Federal com o objetivo de estimular a promoção de alimentação saudável e adequada em quantidade e qualidade, capacitando a comunidade e valorizando a cultura alimentar local. Para este edital foram habilitados e selecionados 13 projetos, sendo que cada um receberá, no máximo, R\$ 400 mil. \*Adriana Scorza

### **Cassel abre Conferência de Soberania Alimentar – Sitio Eletrônico do MDA – 09/04/2008**

Representantes da sociedade civil em 33 nações da América Latina e do Caribe começam a discutir a soberania alimentar e toda a sua complexidade nesta quinta-feira (10) no Palácio Itamaraty, em Brasília. A Conferência Especial pela Soberania Alimentar, pelos Direitos e pela Vida terá sua abertura oficial às 9h30 com a presença do ministro do Desenvolvimento Agrário, Guilherme Cassel. O evento começa quatro dias antes da 30ª Conferência Regional da FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação) para a América Latina e Caribe, também no Itamaraty, entre 14 e 18 de abril.

A Conferência Especial também contará na solenidade de abertura com as presenças de Alberto Broch (Conselho Nacional de Segurança Alimentar/Consea), Mário Ahumada (Comitê das Organizações da Sociedade Civil para a Soberania Alimentar), José Tubino (FAO), Félix Paz Garcia (Federação Nacional dos Pescadores Artesanais de Honduras).

Ainda nesta quinta-feira, o ministro Guilherme Cassel e o diretor-adjunto da FAO e representante da FAO na América Latina e Caribe, José Graziano da Silva, participam de entrevista coletiva no Itamaraty. A entrevista será às 14h30.

**Temas em debate** - A importância da Conferência Especial reside, entre outros motivos, na sua representatividade e na abordagem de tantos temas. Nela, representantes dos trabalhadores urbanos e rurais, pescadores, extrativistas, quilombolas, indígenas de todos os países da América Latina e do Caribe debaterão até o dia 13 muitos dos assuntos que permeiam a soberania alimentar, como a agricultura familiar, os biocombustíveis, as formas de comercialização, a ação dos movimentos sociais e inclusive as mudanças climáticas.

No sábado (12), por exemplo, será dissecada a reforma agrária na atualidade. O painel previsto para as 9h desse dia é: Reforma Agrária, Uma Tarefa Inconclusa.

**Territórios da Cidadania** - Um dos principais focos da participação do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) tanto na Conferência Especial quanto na Conferência Regional da FAO será o Programa Territórios da Cidadania, lançado este ano pelo Governo Federal para qualificar e agilizar as ações de combate à pobreza rural.

“O programa tem como mérito fundamental o objetivo de levar aos locais mais frágeis do meio rural brasileiro um conjunto de políticas públicas de forma integrada. No campo, as desigualdades, a pobreza e as dificuldades sempre foram maiores. Por isso, o Governo criou um projeto que irá destinar, apenas em 2008, R\$ 11,3 bilhões aos locais mais empobrecidos, que mais necessitam de políticas públicas. A meta da ação, que conta com 19 ministérios, é garantir melhores condições de vida, erradicando a pobreza no campo”, destaca o ministro Guilherme Cassel.

Neste primeiro ano de realização do programa, foram selecionados 60 Territórios da Cidadania em todo o País, justamente os de forte concentração de agricultores familiares, assentados da reforma agrária e beneficiários do Bolsa Família. Esses são lugares com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e reduzido dinamismo econômico.

As ações interministeriais nesses 60 territórios priorizam três eixos: infra-estrutura, apoio a atividades produtivas e acesso aos direitos sociais. Para obter mais informações sobre o programa e acompanhar cada uma das 135 ações previstas em todos esses territórios, basta acessar o portal: [www.territoriosdacidadania.gov.br](http://www.territoriosdacidadania.gov.br)

### **Brasil sedia encontro internacional que definirá metas para ampliar acesso à alimentação** – Sítio Eletrônico do MDS – 09/04/2008

*Participarão da 30ª Conferência Regional para a América Latina e o Caribe - evento da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) - 33 países. O encontro se realizará no Palácio do Itamaraty, em Brasília (DF), a partir da próxima segunda-feira.*

De cada 10 habitantes da América Latina e do Caribe, um está subnutrido. Em toda a região, mais de 52 milhões de pessoas não têm acesso a uma alimentação adequada. Para combater essa realidade, a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) convidou representantes de 33 países, que vão debater alternativas para aumentar o acesso a uma alimentação saudável. Há 18 anos sediada fora do Brasil, a Conferência Regional para América Latina e Caribe terá sua 30ª edição realizada em Brasília (DF), no Palácio do Itamaraty, a partir da próxima segunda-feira (14/04).

Durante toda a próxima semana, os participantes vão discutir ações e programas realizados por seus países nos últimos dois anos e definir novas metas para o próximo biênio. As reuniões dos Comitês Técnicos, responsáveis pelas primeiras deliberações sobre cada tema, serão nos dias 14 e 15 (segunda e terça). Depois, todos os participantes se reúnem em plenária, do dia 16 ao dia 18 (quarta a sexta). O presidente Luiz Inácio Lula da Silva participará do primeiro dia da plenária, às 15h30. Antes disso, das 9h às 12h, a reunião contará com a participação da secretária-executiva do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), Arlete Sampaio.

A delegação brasileira será presidida pelo ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, e contará com mais doze ministros; o presidente do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea), Renato Maluf; os presidentes da Câmara dos

Deputados e do Senado Federal, Arlindo Chinaglia e Garibaldi Alves, além de representantes da sociedade civil. Jacques Diouf, diretor geral da FAO, e José Graziano da Silva, representante da organização na América Latina e Caribe, também irão participar da Conferência.

Para dar mais agilidade ao debate, os temas foram divididos em cinco áreas diferentes, que tratarão de políticas públicas para estimular o desenvolvimento rural inclusivo e sustentável; o controle e a erradicação de doenças nocivas à pecuária; o impacto da produção de biocombustíveis na geração de emprego e renda; as mudanças nas políticas de reforma agrária e comunidades tradicionais, que são consequência das novas ações de acesso a recursos naturais; e políticas de médio e longo prazo de combate à fome. Este último tema será desenvolvido sob a coordenação do MDS.

Fechando a rodada de temas abordados, o escritório central da FAO em Roma, na Itália, enviou recentemente um pedido para que seja incluído na agenda da Conferência um debate sobre a alta no preço dos alimentos, assunto em voga atualmente.

A programação completa e outras informações sobre a 30ª Conferência Regional para a América Latina e o Caribe estão disponíveis no endereço eletrônico <https://www.fao.org.br/cr.asp> \*Mariana Moreira ASCOM / MDS

#### **Sociedade civil debate soberania alimentar – Sítio Eletrônico do MST – 09/04/2008**

As organizações e movimentos sociais que integram o CIP (Comitê Internacional de Planejamento) das ONG/OSC para a Soberania Alimentar da América Latina e Caribe concedem, nesta quinta-feira (10/04), às 10h30, coletiva de imprensa sobre a "Conferência Especial para a Soberania Alimentar, pelos direitos e pela vida", que acontece em Brasília entre os dias 10 e 13 de abril.

Durante a Conferência Especial, cerca de 150 integrantes de movimentos sociais da América Latina e Caribe (entre eles, representantes da Via Campesina - MST, MAB, MPA, PJR, CIMI, MMC, FEAB, CPT - Fetraf e Contag) envolvidos em temas como segurança e soberania alimentar, desenvolvimento econômico e social, reforma agrária, biodiversidade, transgênicos e agro-combustíveis discutirão princípios, conteúdos, conceitos e atividades para o seguimento de um projeto para a agricultura e a alimentação na América Latina e Caribe.

Além disso, será debatido o plano de ação da sociedade civil para a 30ª Conferência Regional da FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação) - que acontece entre 14 e 18 de abril, também na capital federal, da qual participarão 40 representantes da sociedade civil.

Durante os três dias de evento, serão realizados painéis, encontros temáticos e trabalhos em grupo para o desenvolvimento de uma declaração final, a ser concluída no último dia de atividades.

A coletiva de imprensa acontece às 10h30, na sala Geminada A do palácio do Itamaraty. Jornalistas terão acesso ao evento mediante credenciamento na recepção montada no Ministério.

**Fome na América Latina e Caribe** - A América Latina e o Caribe mantêm uma população regional de mais de cinquenta milhões de pessoas subnutridas, equivalentes a 10% de sua população total, porém com diferenças regionais muito grandes. No mesmo período, a América Central aumentou a subnutrição de 22% a 25%. Além disso, a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura, FAO, sofre dificuldades orgânicas e orçamentárias sérias, vive uma reforma estrutural a nível geral, seus propósitos e visão não conseguem se orientar para um modelo de desenvolvimento rural sustentável e perde a capacidade de direcionar esforços para o diálogo com a sociedade civil, o que se traduziu em uma escassa participação dos movimentos sociais nas conferências regionais e na Cúpula Mundial de 2006, e em um retrocesso na aproximação e no trabalho conjunto anteriormente.

**Sobre o CIP** - O Comitê Internacional de Planejamento das ONG/OSC para a Soberania Alimentar da América Latina e Caribe tem como finalidade trabalhar na definição dos temas e ações para ampliar e assegurar a participação das organizações civis na luta pela segurança e soberania alimentar. Em anexo, a programação da Conferência Especial.

**Inflação surpreende e sobe 0,48%, puxada por alimentos** – Pedro Soares - Folha de São Paulo – Dinheiro – 10/04/2008

**IBGE vê sinais de mudança de patamar no preço da comida e novas pressões - IPCA fecha primeiro trimestre com 1,52%; no acumulado de 12 meses, vai a 4,73%, acima do centro da meta para 2008, de 4,5%**

Sob forte pressão da alta dos alimentos, o IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo) ficou em 0,48% em março, pouco abaixo do 0,49% em fevereiro. O índice ficou acima da expectativa do mercado -entre 0,30% e 0,40%- e pode estimular o Banco Central a elevar a taxa de juros em reunião na semana que vem.

O IPCA fechou o primeiro trimestre em 1,52%, mais do que o 1,26% do primeiro trimestre de 2007. No acumulado de 12 meses, o índice bateu em 4,73%. A cada mês, o indicador oficial de inflação se afasta mais do centro da meta traçada pelo governo -de 4,5% para este ano, com intervalo de tolerância de dois pontos para cima ou para baixo.

Para Eulina Nunes dos Santos, coordenadora de Índices de Preço do IBGE, há "sinais de que os preços dos alimentos mudaram de patamar" -para o alto. O motivo, diz, é a alta das commodities no mercado internacional. Segundo ela, a crescente demanda mundial por alimentos, especialmente em países emergentes com crescimento forte, como os asiáticos e alguns africanos, além da expansão do consumo doméstico -puxado pelo incremento de renda-, inflacionam o custo dos alimentos.

Só em março o grupo alimentação subiu 0,89% -mais do que o 0,60% de fevereiro. No trimestre, avançou 3,04% e superou o 1,28% de igual período do ano passado. Nunes disse ainda que a inflação está "mais espalhada agora do que no início do ano", quando os

reajustes ficaram concentrados apenas em alimentos e mensalidades escolares. Em março, também impulsionaram o índice energia elétrica (1,40%), álcool combustíveis (1,73%) e gasolina (0,76%) -preços administrados que se mantinham mais contidos. Para abril, Nunes ressalta que estão previstas novas pressões inflacionárias, decorrentes dos reajustes de remédios, energia elétrica e aço -este último bate especialmente em veículos e artigos para o lar.

Na visão de Nunes, também não há indícios de que a pressão dos alimentos cederá. É que os preços no atacado já mostram nova rodada de aumentos, e as cotações internacionais seguem em trajetória de alta.

Para o economista Eduardo Moreira, da administradora de recursos BNYMellon/ARX, há, de fato, um crescimento da demanda por alimentos em razão da China e também da alocação de estoques de milho para a produção de biocombustível. O economista não acredita, porém, que o grupo alimentação suba no mesmo ritmo de 2007, quando a taxa superou os 10%. É que no ano passado foram registradas restrições de oferta (em feijão, leite, carne e trigo, por exemplo), que não se repetirão em 2008.

Ao falar do reajuste do aço, o economista diz que é possível que ele nem chegue a pressionar veículos e eletrodomésticos, dependendo da concorrência com importados. Mesmo com a pressão nos primeiros meses deste ano, Moreira avalia que a inflação ficará muito próxima do centro da meta -pouco acima ou ligeiramente abaixo, mas sem bater nos 5%. Ele diz que o câmbio -que permite importar produtos mais baratos- joga a favor. Para a consultoria LCA, o resultado de março é "pontual" e não altera sua projeção para o ano - 4,3%. "Boa parte da alta superior à que esperávamos [0,36%] em março deveu-se a pressões pontuais, que deverão ser "devolvidas" nos próximos meses. O bom comportamento dos preços dos serviços e a deflação dos bens duráveis sugerem continuar contidas as pressões associadas à demanda aquecida e ao repasse dos aumentos de custos."

### **Itens essenciais como pão, óleo, ovos e leite pressionam índice**

Essenciais à mesa do brasileiro, pão, óleo de soja, ovos, leite, farinha de trigo e macarrão pressionaram a inflação em março. Nem o feijão preto da feijoada escapou -subiu 5,54% e já acumula alta de 46,06%. Pior: a cerveja, que tão bem acompanha o prato típico do país, aumentou também: 1,74%.

Comer fora de casa também ficou mais caro -alta de 1,14% no mês de março e 3,34% no primeiro trimestre.

Foi a segunda de maior peso nesse período, com contribuição de 0,08 ponto percentual no IPCA. Ficou atrás apenas dos colégios (4,42%, com 0,21 ponto).

Na esteira da alta das commodities, subiram óleo de soja (9,81% no mês e 25,47% no trimestre), ovos (7,71% e 15,50%) e pão francês (4,24% e 6,20%).

Também afetada por quebras de safra nas lavouras de trigo de Argentina e Europa, a farinha aumentou 1,88% em março e 4,22% nos três primeiros meses do ano.

Após variações mais modestas, o leite voltou a pressionar, com alta de 2,57% em março. No trimestre, subiu 1,10%.

Segundo Eulina Nunes do Santos, coordenadora de Índices de Preço do IBGE, é possível que alguns preços retrocedam, como o do feijão, pois a safra não recuará neste ano.

Mas a tendência é de preços aquecidos de derivados de grãos (macarrão, biscoito, óleo etc.) por causa da elevação das cotações internacionais.

Indiretamente, a alta das commodities também afeta os ovos e as carnes, pois eleva os preços das rações animais, afirmou ontem a coordenadora do IBGE.

Na contramão, os combustíveis seguraram a inflação no primeiro trimestre: o preço do álcool caiu 3,40%, e o da gasolina, 1,72%.

#### **Cassel ressalta políticas de segurança alimentar** – Sítio Eletrônico do MDA – 10/04/2008

Na tarde desta quinta-feira (10), o ministro do Desenvolvimento Agrário, Guilherme Cassel, o diretor-adjunto da FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação) e representante da FAO na América Latina e Caribe, José Graziano da Silva, e o secretário de Relações Internacionais do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), Célio Porto, participaram de coletiva para divulgar a 30ª Conferência Regional da FAO. O evento, que será realizado de 14 a 18 deste mês no Palácio Itamaraty, em Brasília, abordará a questão da segurança alimentar.

Tanto o ministro quanto o representante da FAO destacaram em suas falas que a crise alimentar existente no mundo não se deve a uma reduzida produção de alimentos. Para Cassel, o problema demonstra quais países têm políticas efetivas de segurança alimentar.

“Isso significa ter ou não programas de formação de estoques, de crédito, assistência técnica, de controle de preços, escoamento da produção e comercialização”, relatou. “Quando falamos de produção de alimentos em momentos de crise, estamos nos referindo a arroz, feijão, batata, carne. Nós temos todos esses produtos na agricultura familiar”.

O ministro disse ainda que há algum tempo o Brasil investe em políticas públicas específicas para esse setor, como o Programa Nacional de Fortalecimento à Agricultura Familiar (Pronaf) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA).

**Cartilha da FAO** - “A crise alimentar não é de produção, mas especulativa”, afirmou Graziano. De acordo com o representante da FAO, o fenômeno é ocasionado por baixos estoques, defasagem entre consumo e oferta de produtos e falta de políticas

nacionais que permitam aos países mais pobres reagirem a essa crise. Graziano informou que nas próximas semanas a FAO publicará uma cartilha com recomendações sobre como contornar eventuais crises alimentares.

Graziano ainda disse que a FAO pedirá a instituições financeiras, como o Fundo Monetário Internacional (FMI), mais apoio a agricultores familiares. A sugestão é que isso ocorra com taxas mais baixas nos financiamentos à produção e crédito de longo prazo. “Esses agricultores são os grandes produtores de alimentos”, ressaltou.

**Biodiesel e etanol** - Outro tema explorado durante a coletiva foi o biocombustível. Cassel disse que o governo brasileiro tem de reafirmar essa política porque ela é importante para mudar a matriz energética. “É possível produzir alimentos e combustíveis”, enfatizou.

Cassel também defendeu que o Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (PNPB) é original e inovador. “É o primeiro programa que conheço voltado à inclusão dos agricultores familiares e que não compete com a produção de alimentos”, ponderou.

O ministro alertou que é necessário separar o que é estímulo à produção do etanol do estímulo à produção do biodiesel. Este último incentiva o fornecimento de matéria-prima (oleaginosas como mamona, algodão e girassol) pela agricultura familiar.

De acordo com coordenador da Assessoria Internacional do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), Laudemir Muller, que acompanhou a coletiva, o PNPB tem mostrado capacidade de auxiliar no enfrentamento a eventuais crises alimentares, porque alia produção de energia com segurança alimentar. “O biodiesel é baseado na agricultura familiar diversificada e produtora de alimentos, diferente dos modelos de produção de energia focados na monocultura”, comparou.

**Empenho brasileiro** - Na abertura da entrevista, o ministro Cassel deu as boas-vindas aos participantes da Conferência da FAO em nome do governo brasileiro e disse que há 20 anos não se realizava esse evento no Brasil.

Graziano lembrou que nesse fórum são definidas as áreas prioritárias de atuação da FAO para os próximos dois anos. Ele disse que, pela primeira vez na história da Conferência, a FAO convidou o MDA e o MAPA para co-presidirem o evento devido ao empenho do governo brasileiro na sua realização.



**Inflação de alimentos causa reação global** – Folha de São Paulo – Dinheiro – 11/04/2008

**Alta nos preços complica políticas econômicas em momento de crise e põe em risco ganhos recentes no combate à fome - Biocombustíveis são vistos como vilões, e G8 deve discutir medidas em breve; analistas não esperam recuo nos preços em curto prazo**

Líderes de diferentes regiões colocaram ontem a disparada no preço dos alimentos no centro das prioridades globais. E tentam articular alguma forma de ação conjunta, que, se concretizada, pode ter repercussões importantes no Brasil, um dos principais produtores de alimentos do mundo. O país também sofre com a inflação mais alta, mas lucra com o aumento de preço das commodities que exporta.

Segundo a ONU e ONGs de ajuda humanitária, a alta de alimentos já ameaça ganhos no combate à fome nos últimos anos, o que levou o premiê britânico, Gordon Brown, a pedir que o G8 (grupo dos países mais industrializados e a Rússia) discuta o assunto. O álcool combustível, prioridade do agronegócio brasileiro, é visto por alguns como vilão da cena porque o uso do milho para a fabricação de etanol nos EUA é um dos principais responsáveis pela inflação alimentar, ao tirar terra de outros cultivos, reduzindo sua oferta.

A alta dos alimentos ocorre ainda num momento de crise financeira e retração do crédito, mas os bancos centrais temem cortar juros para elevar a liquidez, pois isso pode alimentar ainda mais a inflação. Com países emergentes superpopulosos como China e Índia consumindo cada vez mais alimentos, analistas vêem pouca chance de queda dos preços no curto prazo.

**Inflação dos alimentos é motivo de alegria, diz Lula** – Clovis Rossi - Folha de São Paulo – Dinheiro – 11/04/2008

**Para presidente, preços sobem porque os pobres do mundo estão comendo mais - Brasil vai resolver problema do encarecimento dos alimentos com "muita facilidade" ao aumentar a produção, afirma Lula**

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse ontem que o Brasil vai resolver "com muita facilidade" o problema da inflação no setor de alimentos, porque o atribui, exclusivamente, ao fato de que os pobres do mundo todo estão comendo mais.

Logo, "aumenta a pressão por alimentos", o que faz "com que a inflação suba em alguns países". Por extensão, produzir mais alimentos resolveria o problema. No caso do Brasil, Lula acredita que o problema é fácil de resolver porque, "dos 851 milhões de hectares de terra que há no Brasil, 400 milhões são terras agricultáveis". Mais: "Só de terras que eram pasto e estão degradadas, mas podem ser recuperadas para a produção do que quisermos, temos aproximadamente 60 milhões de hectares, mais do que muitos países têm em sua totalidade".

O presidente afirma que a inflação no caso dos alimentos não é um problema, mas motivo de alegria. Explica: "Primeiro, todos nós temos que dar graças a Deus que o povo está comendo mais. E, quando pobre está tendo acesso à comida, é uma alegria imensa. A segunda é uma outra alegria. É que, se todo mundo voltar a produzir um pouco mais, a agente vai ter mais riqueza, mais emprego e menos inflação".

A receita de Lula vale para todo o mundo porque, diz o presidente, "têm mais chineses comendo no mundo, têm mais indianos comendo no mundo, mais brasileiros comendo no Nordeste e na periferia do país. Têm mais latino-americanos comendo. Tem mais gente na África comendo, e tudo isso aumenta a pressão por alimento".

**Feijão e e leite** - No caso específico do Brasil, Lula vê dois vilões, o feijão e o leite. Representam 0,7 ponto percentual de uma inflação de 4,5%, pelos cálculos do presidente. Completa: "São dois produtos que temos competência para produzir em maior escala. Agora mesmo tivemos problema de seca em Irecê (BA), que vai nos dar problema no feijão. Mas é um produto que, em 90 dias, você planta e colhe. Portanto, um produto que nós podemos ter e que não pode continuar causando problemas à inflação brasileira".

Lula fez seus comentários ao lado do primeiro-ministro holandês, Jan Peter Balkenende, depois de se reunirem no Binnenhof, o complexo de prédios que abriga tanto o Parlamento como o Executivo.

Lula tratou de afastar, antes de ser questionado, a hipótese que os europeus chamam de "food x fuel", ou seja, de que a produção de alimentos está sendo afetada por plantios destinados a combustíveis.

"Não me venham com o discurso de que são os biocombustíveis que estão causando aumento do preço do alimento."

**Commodities e energia** - Balkenende não veio exatamente com esse discurso, mas fez questão de dizer, assim que Lula terminou sua fala, que "é preciso estar consciente de que há uma relação entre inflação e preço de commodities e preço da energia".

O premiê holandês lembrou que, além de comer mais, há países que consomem também mais energia. "Temos que levar em conta que há novos países que estão crescendo rápido, como Índia e China, e isso também é relevante para a necessidade de energia." Para Balkenende, é necessária uma "estratégia internacional" para "falar de biocombustíveis, de sustentabilidade e combustíveis renováveis".

Antes, em conversa com jornalistas brasileiros à porta do Binnenhof, o primeiro-ministro já havia mostrado menos entusiasmo com os biocombustíveis do que costuma fazer seu colega brasileiro.

Disse: "Nós vemos as possibilidades dos biocombustíveis, mas temos que levar em conta os aspectos ambientais. De um lado, tem a ver com energia, mas, do outro, tem a ver

com a maneira como reduz a produção e as necessidades da agricultura. Precisamos uma boa combinação de avaliação em termos de biocombustíveis".

A "boa combinação" não é "obrigatória", como diz Balkenende, apenas para o governante. Também o é para a pessoa física: o premiê contou que mora em uma casa que fica sete metros abaixo do nível do mar -e que, portanto, será facilmente tragada se houver uma subida do nível dos mares como consequência do aquecimento global.

Nuances à parte nos biocombustíveis, o primeiro-ministro fez questão de ressaltar o bom relacionamento entre os dois países, tão bom que a Holanda investe no Brasil quatro vezes mais que na China, a menina-dos-olhos do planeta.

**Preço será alto por até 6 anos, diz Rodrigues** – Folha de São Paulo – Dinheiro – 11/04/2008

Os preços mundiais dos alimentos não deverão recuar dentro dos próximos quatro a seis anos, até que a produção global de grãos se recupere para atender à nova demanda dos países emergentes, afirmou o ex-ministro da Agricultura Roberto Rodrigues.

A adoção de produtos como milho e trigo na produção de biocombustíveis tem sido apontada como a principal razão para a disparada dos alimentos.

É essa elevação que tem gerado protestos e distúrbios e levado governos a impor restrições a exportações e controle de preço.

Mas o ex-ministro brasileiro, que é produtor de cana-de-açúcar, afirmou à Reuters que, embora os biocombustíveis contribuam para a inflação de alimentos, eles têm sido culpados injustamente.

Ele argumentou que a alta dos preços tem sido causada por uma demanda "explosiva" de mercados emergentes como a China e a Índia.

"É o equilíbrio entre oferta e demanda que irá resolver esse problema que temos hoje. Mas a solução não virá no curto prazo", afirmou Rodrigues. "Isso poderá levar quatro, cinco, seis anos."

A demanda cresce 4,8% ao ano em média na Ásia, na África e nos países da América Latina, enquanto aumenta 2,6% ao ano nos países desenvolvidos, disse Rodrigues.

**Produção cresce, mas demanda aumenta mais** – Gitanio Fortes – Folha de São Paulo – Dinheiro – 11/04/2008

Estimativas do Usda (Departamento de Agricultura dos EUA) mostram que a produção mundial cresceu em 2007/08 -à exceção da soja-, mas num ritmo insuficiente para saciar a demanda puxada pelos emergentes, com China, Índia e Brasil à frente. Isso se comprovou pelo recuo dos estoques finais -exceto para o arroz, que apontaram ligeira alta. As previsões vão ao encontro da análise do FMI (Fundo Monetário Internacional), que define o atual boom de commodities como mais amplo e mais duradouro que outras fases de alta desde 1960. A valorização atual dos alimentos se estende desde novembro de 2004. A média de movimentos anteriores ficou em apenas 18 meses.

Além de durar mais tempo, o boom atual tem se caracterizado por um aumento mais expressivo dos preços. O FMI calcula essa alta em 30,4% até o fim de 2007. As valorizações anteriores apresentaram média de 21%. O Banco Mundial prevê que os preços permaneçam elevados até 2009. As cotações não devem retornar ao patamar de 2000 antes de 2015.

O FMI destaca que a demanda cresce também pelo plantio para biocombustíveis, em ascensão por causa dos custos maiores do petróleo. Fatores financeiros turbinam as altas -dólar fraco e juros baixos aumentaram o peso das commodities nos mercados internacionais.

O Banco Mundial, a FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação) e o FMI concluíram que os investimentos em cultivos não seguiram o ritmo de crescimento da demanda nos países em desenvolvimento. Estão em risco avanços recentes contra a pobreza mundial.

**Custo social** - As crises de abastecimento geram tumultos nos países mais pobres. No Haiti e na Costa do Marfim, os protestos contra preços de alimentos em alta se multiplicam. Distúrbios com dezenas de mortos se relatam em Camarões. Cenas parecidas se viram no Senegal e em Burkina Fasso. Multidões foram às ruas na Mauritânia e em Moçambique. No México, houve "o levante da tortilha". Camponeses na Índia e na Indonésia se chocaram com policiais. Na Argentina, fazendeiros se mobilizaram contra elevação de impostos.

Os governos reagem por toda parte. Recentemente a Índia proibiu a exportação de arroz, com exceção da variedade basmati, de alto preço. Suspendeu tarifas de importação para milho e óleos comestíveis. Terceiro maior exportador mundial de arroz, o Vietnã anunciou corte de 11% dos embarques de produto neste ano. Contra a especulação, nas Filipinas, o governo realizou buscas em armazéns. A Arábia Saudita reduziu impostos de importação de trigo, frango, laticínios e óleos vegetais. O Peru anunciou programa de doação de alimentos.

Os biocombustíveis podem não ser necessariamente um mal ao fornecimento de comida. No Brasil, que obtém álcool a partir da cana, governo e especialistas insistem na "triangulação" com a pecuária. Com a intensificação da criação de gado, pode-se aproveitar

áreas antes usadas como pastagens para os canaviais. No caso dos EUA, o álcool de milho estampa frontalmente a disputa entre o tanque e o prato.

### **Incômoda pressão – O Globo – Opinião – 11/04/2008**

Os preços dos alimentos continuam pressionando os índices de inflação, embora se anuncie que o país está colhendo mais uma supersafra, que poderá ultrapassar o volume de 140 milhões de toneladas de grãos. Além de alimentos, o agronegócio brasileiro contribui no momento para ampliar a oferta de biocombustíveis, com uma crescente produção de etanol (a partir da cana) e de biodiesel. Mas, ainda que o agronegócio esteja respondendo bem ao comportamento da demanda no mercado doméstico, os preços internos sofrem o impacto das cotações internacionais, e não há como se fugir disso em uma economia globalizada.

A demanda por alimentos e energia no mundo aumentou muito com o crescimento acelerado das economias da China e da Índia, países mais populosos do planeta, e que incorporaram ao mercado milhões de novos consumidores. Mas também em outras regiões houve crescimento expressivo, como é o caso do Oriente Médio e de grande parte da África, além do Leste da Europa e da Rússia. A oferta de alimentos, por sua vez, foi afetada em escala global por problemas climáticos, que frustraram safras de importantes produtores (Austrália e Nova Zelândia, por exemplo), contribuindo para causar esse desequilíbrio e a inevitável elevação dos preços.

Trata-se de um quadro que não sofrerá modificações a curto prazo, embora a agropecuária costume dar respostas muito rápidas a estímulos de mercado. Alguns especialistas chegam a projetar a continuidade desse cenário de desequilíbrio por seis anos. Ontem, ao comentar as ameaças de inflação à economia mundial, o diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Dominique Strauss-Kahn, chegou a dizer que as autoridades monetárias estavam entre “o gelo e o fogo”, pois, de um lado, se vêem diante do risco de recessão, e por outro não podem ignorar o impacto da alta dos preços de alimentos e energia.

A variação do IPCA, calculado pelo IBGE em março, de 0,48%, elevou a inflação ao consumidor acumulada em doze meses para 4,73%.

Continuamos bem próximos do centro da meta (4,5%), mas essa pressão que parte dos alimentos e da energia não pode, de fato, ser relegada.

Ainda mais quando há evidências de pressão da demanda também em outros preços, e o governo se mantém firme na ganância em custeio, um potente acelerador do consumo. Por isso, é quase unânime a previsão de que o Banco Central aumentará a taxa básica de juros na próxima semana. Pois é sua missão proteger o poder aquisitivo da moeda.

**Entre o fogo e o gelo FMI alerta para alta da inflação, puxada por alimentos, que, para Bird, ameaça pobres** - José Meirelles Passos – O Globo – Economia – 11/04/2008

O diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Dominique Strauss-Kahn, afirmou ontem que o efeito da atual crise financeira global — deflagrada pelos EUA — é que, em termos de política econômica, todos os governos ficarão acuados entre duas situações incômodas a partir de agora: de um lado a desaceleração do crescimento; e de outro o risco de aumento significativo da inflação, puxada pela disparada dos preços dos alimentos, o que, segundo o Banco Mundial (Bird), ameaça o processo de redução da pobreza que os países em desenvolvimento conseguiram implementar nos últimos dez anos.

— A situação em que estamos é entre o gelo e o fogo. Esses são os dois riscos. Os responsáveis pela política terão de escolher algo entre ambos.

Qualquer política econômica terá que se definir agora entre esses dois pontos — disse Strauss-Kahn. Ele advertiu que o mundo está diante da perspectiva de “uma séria desaceleração no crescimento econômico”, porque o fator que desencadeou a atual crise continua em desenvolvimento: ainda não se tem uma dimensão completa do problema das hipotecas de alto risco nos EUA.

— E há outros riscos, como o do aumento da aversão a riscos. Isso faz com que possamos esperar por custos mais altos de financiamento em geral.

Há um outro risco ligado à repentina paralisação, ou pelo menos uma diminuição aguda, nos fluxos de capital para os países emergentes. Algumas dessas economias são muito dependentes de injeções de capital. Um último risco, obviamente, é o de uma sustentação de altos índices de inflação, devido ao preço das mercadorias — advertiu ele.

Strauss-Kahn ponderou que, embora haja um diagnóstico generalizado, comum a todos, não existe uma solução única: — Cada política terá de ser feita sob medida, de acordo com a situação de cada país.

Segundo o executivo, o FMI volta a ter um papel útil no cenário mundial em função dessa crise. O primeiro passo seria o de “entender melhor as conexões entre o que está acontecendo no setor financeiro e o que aconteceu na economia real”.

— Esta não é uma crise de conta corrente nem uma crise de conta de capitais. Se queremos entender melhor o que acontece, temos que ver quem está mais bem equipado, mais bem preparado, para dar uma explicação. E não há nenhuma outra instituição, a não ser o FMI, para trabalhar sobre as conexões entre o setor financeiro e a economia real — disse ele.

Ao ser confrontado por um jornalista britânico, que lhe perguntou como alguém poderia “ter fé no FMI”, depois de o Fundo ter sido parte do problema, por ter incentivado a desregulamentação dos mercados de capital que culminou em procedimentos como as hipotecas de alto risco (subprime), Strauss-Kahn retrucou: — Se você ler o que publicamos um ano atrás, verá que o que aconteceu agora com o mercado de subprime tinha sido descrito por nós.

Strauss-Kahn ressaltou, com ironia, uma atitude dos EUA que, como insinuou, pode ter contribuído para a atual crise, ao fugir de uma monitoração do Fundo: — O que é interessante é o fato de que até poucas semanas atrás o governo dos EUA recusou ter um Programa de Avaliação do Setor Financeiro (do FMI) em seu país. Não estou dizendo que, se isso tivesse sido feito há um ou dois anos, teríamos sido capazes de dizer tudo o que devíamos sobre o sistema financeiro dos EUA, mas pelo menos não podemos ser

responsabilizados pela falta de supervisão onde a crise começa porque o nosso principal instrumento para fazer tal supervisão não foi usado no país.

**Zoellick pede ajuda do Brasil** - Já o presidente do Bird, Robert Zoellick, lançou ontem um dramático apelo à comunidade internacional, em busca de providências urgentes — e conjuntas — para conter o aumento dos preços dos alimentos, que há 36 meses crescem a pleno galope, devido inclusive a especulações no mercado financeiro, mais freqüentes após o início da crise do subprime.

— Nos EUA e na Europa estamos desde o ano passado focalizados nos preços da gasolina no posto. E enquanto muitos se preocupam em encher o tanque de seus carros, muitos outros ao redor do mundo estão lutando para encher os seus estômagos.

E isso está se tornando cada dia mais difícil de fazer — disse Zoellick, cobrando o fim dos subsídios à produção de alimentos e de biocombustíveis, apontados como outras causas da alta dos preços.

Zoellick disse ainda que seria bom que o Brasil — “que contribui generosamente para programas contra a pobreza” — também pudesse participar desse processo: — O Brasil tem sido um grande produtor agrícola, e uma das coisas que seu governo tem nos oferecido seria compartilhar o seu conhecimento em pesquisas agrícolas para ajudar a expandir a produção na África.

**Lula: inflação aumentou porque os pobres estão comendo mais** - Deborah Berlinck\* e Eliana Oliveira – O Globo – Economia – 11/04/2008

Presidente diz que solução é plantar mais e rejeita críticas a biocombustíveis

HAIA e BRASÍLIA. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva deu ontem uma razão “totalmente compreensível” e “boa”, segundo ele, para o aumento da inflação no Brasil e no mundo: o pobre está comendo mais. Lula disse que todos devem agradecer a Deus por isso e que a solução para o problema da inflação é fácil: produzir mais alimentos.

— Os pobres no mundo começaram a comer — disse Lula.

— Temos que dar graças a Deus que o povo está comendo mais.

E quando pobre está tendo acesso à comida é uma alegria imensa. (...) Se todo mundo voltar a produzir um pouco mais, a gente vai ter mais riqueza, mais emprego e menos inflação.

José Graziano culpa ‘mercado capitalista’ Em visita oficial à Holanda, Lula disse que inflação não é um problema só no Brasil, mas mundial.

E aproveitou para rebater os críticos que associam o aumento da produção à fome.

— Não me venham dizer que são os biocombustíveis que estão causando aumento do (preço do) alimento — disse, ao sair de um encontro com o primeiroministro, Jan Peter Balkenende.

Segundo o presidente, foram o feijão e o leite que provocaram o aumento da inflação no Brasil. Lula disse que, se não fossem eles — responsáveis por 0,7 ponto percentual dos 4,5% da meta de inflação fixada para 2008 — o índice anual seria de 3,8%. A solução, disse, é produzir mais.

— São dois produtos que temos competência para produzir em maior escala. Agora mesmo tivemos seca em Irecê (na Bahia), que vai nos dar problema no feijão. Mas é um produto que, em 90 dias, você planta e colhe.

Perguntado sobre as críticas ao aumento da produção de etanol pelo Brasil, Balkenende disse que “há muitas vantagens, mas é preciso se levar em conta os efeitos ecológicos”. Ontem Lula também se encontrou com a rainha da Holanda, Beatrix, e com executivos de grupos holandeses, como Shell e Philips.

Na próxima semana, uma missão empresarial irá ao Brasil.

O representante da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) na América Latina, José Graziano, também expressou preocupação com o aumento dos preços dos alimentos, afirmando que este é um efeito perverso de um ataque especulativo.

Ele explicou que os fundos de investimento optaram por aplicar em commodities e bolsas de mercadorias, antecipando compra de safras em busca de rentabilidade.

— É o mercado capitalista.

Isso passa pela busca de maior rentabilidade dos fundos. Aí estão desde os velhinhos aposentados de Iowa (EUA) até eu, que tenho aplicações em fundos do Banco do Brasil. Todos estamos ajudando nesse ataque especulativo, atrás de melhores retornos dos ativos — disse Graziano, ao anunciar a programação da conferência regional da FAO que começa dia 14 em Brasília.

Termina embargo para venda de carne à Rússia O Ministério da Agricultura informou ontem que Mato Grosso do Sul, Paraná e São Paulo estão autorizados a exportar carne bovina in natura para a Rússia, após mais de dois anos de embargo, em razão de registros de casos de febre aftosa em 2005.

## **MDA discute políticas de combate à crise alimentar mundial em Conferência da FAO** – Sítio Eletrônico do INCRA – 11/04/2008

Começa na próxima segunda-feira (14) a 30ª Conferência Regional da FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação) para a América Latina e Caribe. O evento, que segue até o dia 18, no Palácio do Itamaraty, em Brasília (DF), contará com a participação de 33 delegações dos Países-Membros.

No dia da abertura, o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) coordena o painel: Políticas para Promover e Fortalecer a Participação e Ação Conjunta entre Atores Público-Privados no Desenvolvimento Rural.

“Estamos vivendo uma séria crise mundial de segurança alimentar e a resposta para ela é um aumento da produção da agricultura familiar, do apoio à reforma agrária, à produção de alimentos e às políticas públicas para o setor”, defende o ministro do MDA, Guilherme Cassel. O ministro deve participar da cerimônia inaugural da Conferência da FAO, no dia 16.

Para Laudemir André Müller, coordenador da Assessoria Internacional e de Promoção Comercial do MDA, a discussão que será feita no painel é importante e oportuna devido ao aumento dos preços dos alimentos e à crise de segurança alimentar vivida atualmente. “O aumento dos preços dos alimentos está gerando uma crise de segurança alimentar mundial e



revela o fracasso do modelo agroextrativista de monocultura em combater a fome e a ruína das políticas neoliberais em garantir estabilidade”, conclui Müller.

#### Foco na agricultura familiar

O ministro Guilherme Cassel salienta que o Brasil é um dos países mais preparados do mundo para enfrentar essa crise, por causa dos altos investimentos feitos nos últimos anos na agricultura familiar. “Agora estamos colhendo os resultados com o aumento da nossa produção”, afirma.

Somente nesta safra 2007/2008, o Governo Federal está disponibilizando R\$ 12 bilhões no Plano Safra da Agricultura Familiar – a maior parte desse valor é voltada ao crédito do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, o Pronaf. Com esse recurso, o objetivo é atingir 2,2 milhões de contratos com agricultores familiares em todo o País.

O valor destinado ao Plano Safra da Agricultura Familiar cresce a cada ano. Foi de R\$ 2,3 bilhões na safra 2002/2003; R\$ 5,4 bilhões em 2003/2004; R\$ 7 bilhões em 2004/2005; R\$ 9 bilhões em 2005/2006; e R\$ 10 bilhões em 2006/2007.

#### Fórum de debates

A Conferência Regional da FAO, que acontece a cada dois anos, representa o fórum máximo da organização na região. Durante o encontro são revisadas todas as atividades desenvolvidas pela organização. São também formuladas recomendações, sugestões e desafios, tanto para a FAO quanto para os governos participantes.

A cerimônia inaugural da conferência deverá ser realizada na quarta-feira (16), às 18h, com a participação do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, e dos ministros do MDA, Guilherme Cassel, e da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Reinhold Stephanes. Um dos principais focos da participação do MDA na 30ª Conferência Regional da FAO será o Programa Territórios da Cidadania, lançado este ano pelo Governo Federal para qualificar e agilizar as ações de combate à pobreza rural.

O objetivo do Territórios é levar aos locais mais frágeis do meio rural brasileiro um conjunto de políticas públicas de forma integrada. “Queremos um meio rural mais justo, mais solidário, com mais distribuição de renda, educação, saúde, cultura e cidadania”, afirma Guilherme Cassel.

Por isso, o Governo destinou, apenas em 2008, R\$ 11,3 bilhões aos locais mais empobrecidos, que mais necessitam de políticas públicas. A meta da ação, que conta com 19 ministérios, é garantir melhores condições de vida, erradicando a pobreza no campo.

#### 60 Territórios da Cidadania

Neste primeiro ano de realização do programa, foram selecionados 60 Territórios da Cidadania em todo o País, justamente os de forte concentração de agricultores familiares, assentados da reforma agrária e beneficiários do Bolsa Família. Esses são lugares, também, com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e reduzido dinamismo econômico.

As ações interministeriais nesses 60 territórios priorizam três eixos: infra-estrutura, apoio a atividades produtivas e acesso aos direitos sociais. Para obter mais informações sobre o programa e acompanhar cada uma das 135 ações previstas em todos esses territórios basta acessar o portal: [www.territoriosdacidadania.gov.br](http://www.territoriosdacidadania.gov.br) .

#### Eventos paralelos

Ao longo da Conferência da FAO está prevista a realização de eventos paralelos, promovidos pela própria FAO, pelo governo brasileiro ou pela sociedade civil. Entre eles estão a Conferência Especial pela Soberania Alimentar, pelos Direitos e pela Vida, que desde quinta-feira (10) reúne no Palácio do Itamaraty 120 representantes da sociedade civil das 33 nações latino-americanas e caribenhas envolvidas nos debates.

O objetivo é discutir assuntos que permeiam a soberania alimentar, como a agricultura familiar, os biocombustíveis, as formas de comercialização, a ação dos movimentos sociais e as mudanças climáticas. A Conferência Especial pela Soberania Alimentar dura até domingo (13).

Ainda que essas atividades não sejam parte da programação oficial da Conferência da FAO, acontecem no âmbito desta que é a mais importante instância de debates entre a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação e seus países-membros na região da América Latina e Caribe.

#### **Para Lula, é a demanda por alimento que causa inflação** - Raquel Ulhôa – Valor Econômico – Brasil - 11/04/2008

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva atribuiu ontem o aumento da inflação no Brasil e em outros países ao crescimento da demanda mundial por alimentos - motivo que considerou "bom", por significar que "os pobres do mundo começaram a comer". Depois do diagnóstico, Lula apontou a solução: produzir mais alimentos.

"Desde o fim do ano passado temos acompanhado o crescimento da inflação em vários países do mundo, seja na China, no Chile, no Brasil e em outros países da Europa. Há uma pressão de determinados alimentos que está fazendo com que a inflação suba em alguns países", disse. Para Lula, a razão é "totalmente explicável e compreendida: os pobres do mundo começaram a comer".

Ao lado do primeiro-ministro da Holanda, Jan Peter Belkenende, em Haia - sede do governo holandês -, Lula foi perguntado sobre a inflação pelos jornalistas brasileiros. Ao responder, negou que o aumento da inflação tenha qualquer relação com eventual substituição de plantação de alimentos no país pelo cultivo de cana-de-açúcar, destinada à produção do etanol.

"Estou convencido que o mundo precisa produzir mais alimentos. E não me venham com o discurso de dizer que é o biocombustível que está causando aumento do (preço) do alimento", disse. A afirmação foi feita em um momento de maior resistência na Europa ao uso dos biocombustíveis e do etanol brasileiro como fonte alternativa de energia.

O primeiro-ministro, por sua vez, afirmou que a inflação da Holanda (abaixo de 2%) é baixa, mas está crescendo. Ao contrário de Lula, ele citou diferentes fatores para explicar esse aumento. Disse que, em parte, é resultado do preço das commodities e da energia. Mas também admitiu poder haver relação com o custo da mão-de-obra. O ministro defendeu uma estratégia internacional de uso do biocombustível, levando em conta a questão da sustentabilidade.

"As pessoas falam de biocombustíveis [na Europa]. Claro, há muitas vantagens, mas é preciso se levar em conta os efeitos ecológicos", disse Balkenende. Ele e Lula fizeram declaração à imprensa sobre a importância das parcerias comerciais entre Brasil e Holanda.

O presidente comparou o aumento do consumo de alimentos no mundo ao aumento da expectativa de vida. "O que está causando (a inflação), e isso é bom, é mais ou menos como a longevidade. Todos os sistemas de pensões do mundo estão se queixando, mas, ao mesmo tempo, todos estão felizes porque o ser humano não morre mais aos 60, 70 anos, e está vivendo até os 80."

A situação, segundo ele, é a mesma no caso do aumento do consumo de alimentos, "porque milhões de pobres do mundo, que não tinham acesso à comida, estão tendo acesso agora. Significa que precisamos produzir mais alimentos", disse. No caso do Brasil, o presidente citou especificamente o feijão e o leite, produtos que o Brasil tem condições de produzir mais e que representam hoje 0,7% de uma inflação de 4,5%.

Ao defender um "chamamento" mundial para que os países aumentem a produção, Lula afirmou que o Brasil vai resolver este problema "com muita facilidade", já que dispõe de muita terra agricultável. Ela totalizaria 400 milhões de hectares de um total de 851 milhões existentes no país. Além disso, há outros 60 milhões de hectares antes destinadas a pastagem, que podem ser recuperadas para produção de qualquer coisa.

"Ou seja, mais do que muitos países têm em sua totalidade. Eu confesso que este não é um problema. Primeiro, porque temos que dar graças a Deus que o povo está comendo mais. E, quando pobre está tendo acesso à comida, é uma alegria imensa. Segundo, porque, se todo mundo voltar a produzir um pouco mais, a gente vai ter mais riqueza, mais emprego e menos inflação."

No primeiro dia de sua visita de Estado aos Países Baixos, Lula foi recebido pela rainha Beatriz, em cerimônia oficial de chegada, no Palácio Noordeinde. Depois, reuniu-se com as presidentes das Câmaras Alta e Baixa daquele país e, depois, com o primeiro-ministro.

**"Superinflação" ameaça combate à fome, diz Banco Mundial – Fernando Canzian –**  
Folha de São Paulo – Dinheiro – 11/04/2008

A economia global enfrenta explosão geral no preço dos alimentos. Essa onda inflacionária acumula alta de 83% nos últimos 36 meses e vem reduzindo os estoques de alimentos no mundo ao seu menor nível em mais de duas décadas e meia. Além de estrutural, a rápida expansão dos preços já compromete as metas internacionais de erradicação da fome e miséria em vários países e ameaça levar algumas economias a crises externas.

Em 2007, a conta com a importação de alimentos nos países em desenvolvimento subiu 25%, ao mesmo tempo em que os preços atingiram o seu maior nível em mais de uma geração.

"Enquanto alguns estão preocupados em encher o tanque de seus carros com um petróleo cada vez mais caro, muitos ao redor do mundo se debatem para forrar seus estômagos. E isso fica mais difícil a cada dia", disse Robert Zoellick, presidente do Banco Mundial.

"Em Bangladesh, um saco de arroz de dois quilos consome hoje quase a metade da renda diária de uma família pobre. Já o preço do trigo subiu 120% no ano passado, o que significa uma duplicação no preço do pão", disse em Washington.

O diretor do Departamento para Redução da Pobreza na América Latina, Marcelo Gingale, qualificou como uma "tempestade perfeita" o atual cenário para o setor de alimentos. A explosão de preços ocorre por vários motivos:

1) Aumento da produção de biocombustíveis e manutenção de subsídios nessa área entre os países ricos, como os EUA.

2) Incremento nos custos no setor agropecuário com alta do petróleo e dos fertilizantes.

3) Enriquecimento e mudança na dieta em países como China, Índia e Brasil. Ao ter mais renda disponível, esses consumidores passam a comer mais proteína (carnes), cuja produção exige carboidratos (grãos).

4) Mau tempo e quebra de safra em vários países.

5) A crise e a insegurança atual nos mercados de ações estariam levando muitos investidores a apostar em Bolsas de mercadorias que negociam contratos futuros, muitos lastreados em preços de commodities, como alimentos e metais, inflando os preços.

O Banco Mundial citou a necessidade de expansão de programas sociais como o Bolsa Família brasileiro em outros países para mitigar o problema.

Nesse novo cenário de demanda global e preços em alta, Gingale diz que o grande desafio (e oportunidade) para países produtores como o Brasil é aumentar o valor agregado das exportações (vender carne industrializada em vez de "in natura", por exemplo) e reduzir os custos logísticos.

O banco calcula que esses custos logísticos na América Latina consumam US\$ 0,30 de cada dólar exportado. Nos países europeus, a perda média seria de US\$ 0,19.

Em relação aos biocombustíveis, o FMI estima que mais da metade do aumento da demanda por milho em todo o mundo nos últimos três anos teve como causa o crescimento da produção de álcool nos EUA.

Zoellick também citou o Brasil como produtor de biocombustível, mas ressaltou que o álcool a partir da cana-de-açúcar é o que traz mais "benefícios em termos de produção de energia e em relação a questões ambientais".

O americano também disse que o Brasil deverá ajudar técnicos do Banco Mundial a transferir tecnologia na área de produção agrícola para programas em outros países em desenvolvimento.

Nos países asiáticos, por exemplo, onde a base da alimentação é o arroz, o preço do cereal vem consumindo cada vez mais a renda disponível das famílias. O grão subiu quase 150% nos últimos 12 meses.

Alguns países já enfrentam distúrbios sociais por causa da alta dos alimentos. Zoellick afirmou que a recente explosão nos preços dos alimentos deve provocar o não-cumprimento de uma série das chamadas Metas do Milênio, um conjunto de objetivos para melhorar os indicadores sociais de vários países até 2015.

Também pediu a colaboração dos países-membros do Banco Mundial para levantar mais US\$ 500 milhões para cobrir o rombo que a inflação de alimentos já provocou no programa da ONU destinado a combater a fome no mundo.

Segundo Zoellick, ao menos 33 países (onde mais da metade da renda das famílias é comprometida com alimentos) correm hoje o risco de instabilidade social e institucional por conta desse aumento de preços.

#### **Alimentos em alta** – Folha de São Paulo – Opinião – Editorial – 12/04/2008

A DESPEITO da desaceleração econômica nas nações ricas, as cotações das commodities agrícolas, minerais e energéticas persistem em ascensão. Segundo o FMI, os preços dos alimentos subiram 48% do final de 2006 ao início de 2008. Os fatores que levam a essa alta global dos produtos agrícolas se relacionam a demanda, oferta e estoques reguladores.

O acentuado crescimento da economia mundial entre 2003 e 2007 estimulou a procura por alimentos. Houve problemas de oferta -quebras de safras- em decorrência do clima. Os elevados subsídios da Europa e dos EUA inibiram investimentos em novas plantações ou em tecnologia para tornar as terras aráveis, especialmente nos países em desenvolvimento.

Com a desregulamentação dos mercados financeiros, houve uma redução nos estoques públicos voltados a mitigar desequilíbrios entre a oferta e a demanda. Acreditava-se que os complexos mecanismos de mercado dessem conta de equilibrar oferta e demanda ao longo do tempo. Produziram, no entanto, oscilações bruscas e especulativas nos preços. Os estoques globais de comida estão no menor patamar desde meados da década de 1980. A crise financeira americana, que resultou em desvalorização do dólar, impulsionou os fluxos de capitais para as bolsas de mercadorias e futuros de produtos agrícolas, elevando os seus preços. Finalmente, por segurança alimentar, alguns países decidiram reduzir suas exportações de alimentos.

O enfrentamento dessas questões depende de maiores investimentos na oferta de alimentos e nos estoques reguladores. A crer nas previsões da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO), a produção mundial de cereais deverá atingir patamar recorde -cerca de 2,2 bilhões de toneladas- em 2008-2009, dependendo, é claro, de condições meteorológicas favoráveis.

A disponibilidade de estoques é crucial para conter a instabilidade de preços em um mercado tão importante para as condições de vida das populações e cada vez mais sujeito aos efeitos de abruptas mudanças climáticas.

### **Energia renovável e líderes novos – Folha de São Paulo – Dinheiro – 12/04/2008**

SOB A liderança do professor Jeffrey Sachs, a Universidade de Columbia (Nova York) realizou no fim de março a Conferência Anual State of Planet.

Em sua lista das dez principais questões que os Estados Unidos deveriam enfrentar neste ano, estão, por exemplo, a necessidade urgente do fim da guerra com o Iraque, o aquecimento global e o uso da água.

Mas o oitavo ponto da lista é bastante importante para o Brasil: "Convocar o Congresso para eliminar imediatamente os subsídios para o álcool, de modo a reduzir a pressão sobre os preços dos alimentos nacional e globalmente e para racionalizar a temática sobre energia sustentável".

Isso dá uma boa idéia do debate na sociedade norte-americana sobre o uso do milho para produzir álcool, sobre o qual se atribui a responsabilidade pelo aumento dos preços dos alimentos.

Na mesma direção, a última edição da revista "Time" traz reportagem de capa que condena o álcool, ao afirmar que seus consumidores estão pagando para enriquecer alguns grandes empresários, encarecendo a comida para os mais pobres. Tal análise também se faz na União Européia, onde neste ano foi difícil manter o programa de biocombustíveis.

Trata-se de uma campanha tão forte e repetitiva que dá a impressão de ser coordenada. A quem interessaria isso? Talvez a alguns setores da indústria do petróleo e a outros da indústria de alimentos que perderam dinheiro com os maiores preços do milho americano por não conseguir repassá-los aos seus consumidores de baixa renda.

Isso faz parte do mundo dos negócios: desinformação e contrapropaganda têm peso, tanto quanto informação e propaganda. Mas é impressionante como o álcool de cana não é poupado, como se seu uso perturbasse a oferta de alimentos, o que não é o caso. Todo mundo está cansado de saber que o atual momento de preços altos se deve a um inesperado desequilíbrio entre oferta e demanda de grãos em razão de dois fatores: o espetacular aumento de renda dos países emergentes, que ampliou o consumo de alimentos; e a redução da oferta por causa da seca em vários países, como Austrália, Ucrânia, Europa central e América do Sul nas últimas safras. Com isso, os estoques de cereais caíram, elevando os preços, e a destinação do milho americano para o álcool é apenas uma parte, e não a mais importante, dessa questão.

Mas o mal maior é que a agroenergia, uma maravilhosa alternativa de energia renovável (e não é só o álcool ou o biodiesel, é também a bioeletricidade, a redução das emissões de CO<sub>2</sub>), vai perdendo terreno no cenário mundial, reduzindo a chance de gerar riqueza, renda, empregos e progresso nos países tropicais, podendo melhorar até a geopolítica internacional.

Nesta semana, aconteceu a conferência anual do BID, e, apesar da coragem do seu presidente, de empurrar o assunto com tal visão, ficou claro que muitas lideranças governamentais do nosso continente não têm a compreensão das vantagens que podem auferir com a agroenergia. Talvez energia renovável exija renovação de líderes.

Em boa hora, a Apex e a Unica se juntam para fazer a campanha do nosso álcool e mostrar suas vantagens sobre o do milho. Também é hora de apoiar o professor Sachs na sua demanda contra os subsídios americanos, bem como ao presidente do BID, Luis Alberto Moreno, em sua campanha a favor da agroenergia na América Latina.

*\* **ROBERTO RODRIGUES**, 65, coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior do Agronegócio da Fiesp e professor do Departamento de Economia Rural da Unesp - Jaboticabal, foi ministro da Agricultura (governo Lula). Escreve aos sábados, a cada 15 dias, nesta coluna.*

**Produção de cereal atingirá recorde, diz FAO** – Folha de São Paulo – Dinheiro – 12/04/2008

A produção mundial de cereais deverá atingir recorde com um aumento de 2,6% neste ano, num momento em que os agricultores expandem suas áreas cultivadas, disse a FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura).

Os produtores rurais deverão colher 2,164 bilhões de toneladas de grãos em 2008. A maior parte desse acréscimo na produção será constituída por trigo, disse a FAO em relatório divulgado ontem.

Os contratos de trigo negociados em Chicago quase duplicaram de preço nos últimos anos, alcançando um recorde em 27 de fevereiro, em parte devido ao excesso de chuvas registrado nos Estados Unidos em 2007 e à seca observada no Canadá e na Austrália, que reduziram os estoques mundiais. Como resultado dessa queda de estoques, os países mais pobres deverão gastar 56% mais com grãos neste ano em comparação com o ano passado. Segundo a FAO, 37 países se defrontam com "crises alimentares".

"A inflação dos preços dos alimentos prejudica mais os pobres, uma vez que a parcela do total de seus gastos voltada para a alimentação é muito maior do que a das populações de maiores posses", disse Henri Josserand, representante da FAO.

Os alimentos respondem por 10% a 20% dos gastos do consumidor nas nações industrializadas. Nos emergentes, muitos dos quais os países desenvolvidos são importadores líquidos de alimentos, esse percentual sobe para 60% a 80%.

"As condições favoráveis do clima serão ainda mais decisivas na próxima safra, pelo fato de as reservas mundiais de cereais terem sofrido uma redução drástica", disse a FAO.

**O momento de agir** – Folha de São Paulo – Dinheiro – 13/04/2008

A AGRICULTURA e a segurança alimentar mundial enfrentam desafios que vão do crescimento populacional ao aquecimento global. Em grande medida, nosso futuro será moldado por nossas reações. Precisamos responder com estratégias sustentáveis que considerem as necessidades dos mais vulneráveis e a segurança alimentar. O meio ambiente não é imune ao crescimento agrícola, como mostra a redução das áreas florestais. A mudança climática afeta a agricultura e vidas em geral de modo impensável há algumas décadas.

A tendência de usar commodities agrícolas para produzir biocombustíveis surgiu com a promessa de mitigar a mudança climática, mas trouxe incertezas por causa dos riscos à segurança alimentar. O mundo tem 862 milhões de pessoas com fome, das quais 52



milhões vivem na América Latina e no Caribe. E esse número pode aumentar com a alta dos preços dos alimentos.

As políticas agrícolas e de segurança alimentar precisam ser revistas para responder a esses novos desafios. E é nesse momento crítico que será realizada a 30ª Conferência Regional da FAO para a América Latina e o Caribe, de 14 a 18 de abril, em Brasília. Muitos temas importantes serão discutidos nesse encontro, incluindo doenças transfronteiriças de animais, inocuidade de alimentos, produção de biocombustíveis, segurança alimentar, reforma agrária e desenvolvimento rural.

Precisamos aproveitar esse fórum regional para buscar soluções viáveis para esses desafios. Nessa discussão, não podemos deixar os riscos ofuscarem as oportunidades. A alta dos preços dos alimentos pode aumentar a fome, mas também há milhões de pequenos agricultores que podem se beneficiar dessa situação. A Cepal estima que 36,1 milhões de indigentes, pouco mais da metade do total da região, vivam no campo. Se conseguirmos apoiá-los a produzir mais e melhor, para consumo próprio e venda em mercados locais, podemos salvar milhões de pessoas da fome e da pobreza extrema. A transferência dos preços altos das commodities agrícolas aos agricultores pode aumentar a oferta e incentivar os investimentos. Para aproveitar as oportunidades, precisamos de políticas consistentes e sustentáveis e de investimentos em capital humano, infra-estrutura rural e outros bens públicos.

Programas de transferência condicionada de renda estão sendo usados em vários países da América Latina para alcançar esses objetivos e ajudam a explicar a redução da fome e da pobreza extrema na região. A experiência brasileira com o Fome Zero demonstra que tais programas são mais efetivos quando integrados a ações que auxiliam as pessoas a superar a pobreza com o próprio esforço.

Como dizia Betinho: "Quem tem fome tem pressa". Conciliando ações imediatas com outras de médio e longo prazo, podemos avançar na superação da pobreza e da fome. O momento de agir é agora, e precisamos de um esforço integrado para enfrentar desafios cada vez mais complexos.

Recentemente, o secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, disse que temos as ferramentas e as tecnologias necessárias para superar a fome e que precisamos de vontade política e de melhores investimentos.

Os comentários do secretário-geral da ONU ecoam a visão da FAO e as conclusões da Cúpula Mundial da Alimentação de 2002. Temos confiança de que, juntos -governos, agências internacionais, sociedade civil e empresas-, poderemos enfrentar melhor esse desafio.

A bioenergia também oferece uma oportunidade de promover o desenvolvimento em alguns países pobres. No entanto, essa promessa só se realizará se as decisões certas forem tomadas e se forem implantadas políticas para garantir a segurança alimentar. Nesse contexto, o mundo precisa de uma estratégia internacional de bioenergia que considere as necessidades das populações mais vulneráveis. Um passo importante nessa

direção é a Conferência de Alto Nível sobre Segurança Alimentar Mundial e os Desafios da Mudança Climática e Bioenergia, que será promovida pela FAO de 3 a 5 de junho de 2008. Um dos objetivos dessa conferência é trabalhar pelo estabelecimento de políticas, estratégias e programas que assegurem a agricultura sustentável, o desenvolvimento rural e a segurança alimentar.

No seu último Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial, o Banco Mundial fala numa "nova agricultura". A FAO, um centro de excelência nas áreas de agricultura, pesca, florestas e recursos naturais, está olhando para os desafios e as oportunidades do futuro. Com a participação ativa dos nossos países-membros na América Latina e no Caribe, podemos dar um forte impulso à luta contra a fome e a pobreza.

*\*JACQUES DIOUF , 69, engenheiro agrícola, doutor em economia agrícola pela Sorbonne (Paris, França), é diretor-geral da FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação). [www.fao.org](http://www.fao.org)*

**FMI teme "guerras e conflitos" por alimentos** – Fernando Canzian – Folha de São Paulo – Dinheiro 13/04/2008

**Nº 1 do Fundo diz que preço alto não é só problema "humanitário e econômico" e poderá estar na raiz de conflitos futuros - Em Washington, Mantega defende que FMI facilite acesso de países emergentes a linhas de crédito mais adaptadas a situações de crise**

O diretor-gerente do FMI (Fundo Monetário Internacional), Dominique Strauss-Kahn, afirmou ontem que o mundo "sofrerá conseqüências terríveis", com a possibilidade de "guerras" e "grandes conflitos", caso a explosão de preços dos alimentos não seja resolvida a médio e longo prazos.

"Esse não é apenas um problema humanitário ou econômico. É o tipo de questão que leva a guerras. Os preços dos alimentos podem estar na raiz de outros conflitos no futuro, com todas as suas terríveis conseqüências."

Em entrevista no penúltimo dia da reunião do FMI, em Washington, Strauss-Kahn ressaltou que a alta dos alimentos, combinada a um petróleo cada vez mais alto, pode "destruir" o equilíbrio de países que importam comida e que têm déficit energético.

Os preços mundiais dos alimentos subiram 83%, em média, em 36 meses. Entre os fatores apontados pelo Banco Mundial, está o ingresso de milhões de novos consumidores no mercado de consumo, principalmente na Ásia, na África e na América Latina.

Ao lado da crise financeira atual, esse foi o principal tema da reunião conjunta do Fundo e do Banco Mundial, que termina hoje.

"São questões que exigem 100% da dedicação de uma instituição como o FMI, e estamos preparados, com espírito multilateral renovado, para enfrentá-las", disse Strauss-Kahn.

**Cotas** - O chefe do Fundo disse estar otimista com o andamento do projeto de reforma do sistema de cotas e votos do FMI, que pretende dar mais peso aos emergentes.

Se a reforma for aprovada até o final do mês por 85% dos votos dos 185 países-membros, o Brasil será um dos quatro países mais beneficiados. O país passará a ter uma cota de 1,78% no Fundo, ou 40% a mais do que antes. Passa a ter também um poder de voto de 1,72%, ou 22% mais do que antes. Só tiveram elevações maiores a China, a Coreia do Sul e a Índia.

Ainda sobre a questão dos preços dos alimentos, os EUA prometeram dar "um passo à frente" para que possam ser concluídas, até o final de 2008, as negociações em curso na OMC (Organização Mundial do Comércio) para liberalizar mais o comércio.

O secretário do Tesouro dos EUA, Henry Paulson, disse que concessões maiores do país poderão levar à "necessária liderança" de seu país nas negociações. Mas Paulson também cobrou uma "significativa contribuição" dos países em desenvolvimento.

As discussões em curso na OMC estão emperradas há anos. Os países em desenvolvimento exigem o fim dos subsídios e a abertura dos mercados americano e europeu no setor agrícola em troca de abrir mais seus próprios mercados a produtos industriais e a serviços financeiros do Primeiro Mundo.

O fim dos subsídios, que tornaria mais rentáveis as exportações de alimentos de países em desenvolvimento, incentivando a produção mundial, também recebeu apoio de FMI e Banco Mundial.

O representante dos europeus na reunião, o espanhol Joaquín Almunia, também disse ser "imperativo" solucionar as questões que vêm travando as negociações da OMC, mas não fez referência ao protecionismo de sua região.

Já Brasil e Índia se reuniram para combinar parceria para transferir tecnologia brasileira para o país asiático na área de alimentos.

**Críticas de Mantega** - Em seu discurso na plenária do FMI, Mantega disse não estar "convencido" de que o Fundo tenha "diagnosticado a tempo" os sinais da crise financeira.

"Aqueles que acompanharam mais de perto as análises do Fundo observaram que o estafe foi bastante, digamos, tolerante no seu monitoramento dos sistemas financeiros dos

países avançados", disse Mantega, em discurso na sede do Fundo, representando Brasil e oito países da região.

Afirmando que "as economias emergentes continuam escapando bastante ilesas" da atual crise, Mantega defendeu, no entanto, que o Fundo "aumente os níveis de acesso e estabeleça linhas de crédito mais adaptadas a um contexto em que ocorrerem contrações abruptas de liquidez internacional", como ocorre hoje.

O Fundo já estuda a criação da chamada Linha de Acesso Rápido, que permitiria a países em crise tomarem dinheiro do FMI sem assumirem um programa completo de monitoramento como os atuais.

Sobre a crise internacional, que teve sua origem nos EUA, Mantega disse "lamentar" que medidas de controle e correção de fragilidades nos mercados financeiros tenham demorado tanto para serem tomadas.

Na sexta, o G7, grupo dos sete países mais avançados, aprovou a adoção, nos próximos cem dias, de medidas para dar mais transparência às operações dos bancos. Ontem, o FMI também foi instado por seus membros a aprofundar sua atuação na prevenção de crises.

#### **Elevação externa das commodities deve manter pressão nas cotações neste ano – Folha de São Paulo – Dinheiro – 13/02/2008**

Os preços recordes das commodities no mercado externo começam a colocar novos produtos na lista de altas dos consumidores brasileiros.

O arroz é um deles. Produto que necessitou do apoio do governo para a comercialização na safra passada, está conseguindo uma forte aceleração de preços internos depois que as estatísticas começaram a mostrar problemas no abastecimento mundial. Com isso, o produto brasileiro também tem chance de ganhar o mercado externo em volumes maiores, e as importações uruguaias e argentinas, tradicionais no país, ficarão mais caras.

O reflexo foi imediato: alta de 21% em 30 dias no campo, repasse que deve chegar à mesa dos consumidores nas próximas semanas.

Outro item que deve pesar mais no bolso dos consumidores neste ano é a carne bovina. Neste caso, há uma conjugação de elevação de preços externos e oferta menor interna de gado.

Os mais recentes dados da Abiec (Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne) indicam que os preços externos de março eram 32% superiores aos do mesmo mês de 2007. A demanda externa continua aquecida.

Além disso, internamente os frigoríficos encontram dificuldades para fechar a escala de abate, o que pressiona os preços. Nesta semana, a arroba atingiu os R\$ 80.

O feijão, líder dos aumentos nos últimos meses, embora já comece a cair, ainda não tem um abastecimento tranquilo neste ano, na avaliação do analista Vlamir Brandalitze. A segunda safra foi semeada mais tarde do que o normal, e o produto fica suscetível a eventuais problemas climáticos.

O produto pouco depende do mercado externo, e as previsões de importações da Conab são de volume pequeno. A disparada de preços ocorreu devido à oferta menor de feijão.

O leite, que entra no período de entressafra, também tem pouca influência do mercado externo, mas os 5% exportados aliviarão a demanda interna, na avaliação de Gustavo Beduschi, pesquisador do Cepea (Centros de Estudos Avançados em Economia Aplicada).

A mudança de patamar dos preços do leite nos últimos anos ocorre devido à recuperação da economia e à maior demanda interna, mesmo com a maior oferta de produto.

A alta interna nos preços dos grãos, empurrada pela evolução externa, pesou também nos custos de produção das carnes suína e de frango.

Os consumidores devem se preparar também para o peso dos óleos comestíveis. O de soja, líder de vendas no mercado interno, vai continuar aquecido, seguindo as estimativas de preços elevados, devido aos baixos estoques mundiais.

O milho, também influenciado pelo setor externo, mantém preços médios aquecidos nos seus derivados. O óleo de milho subiu 32% em 12 meses. A redução na produção nos EUA abre caminho para exportações brasileiras, que, mais uma vez, devem superar 10 milhões de toneladas do grão. (MZ)

**Consumo e estoque baixo encarecem comida** – Mauro Zafalon - Folha de São Paulo – Dinheiro – 13/04/2008

**Aumento do consumo aqui e lá fora, falta de estoques e quebras de safra fazem dos alimentos o vilão da inflação no Brasil e no mundo - Desequilíbrio entre oferta e demanda deve continuar e provocar novo impacto nos preços nos próximos anos, afirmam especialistas**

Se o Brasil ficou praticamente imune à atual retração da economia mundial, não deverá se livrar dos efeitos da forte alta das commodities quando se refere à inflação. Por ser um dos principais produtores mundiais de grãos e carnes, o país terá impacto menor do que o dos importadores de alimentos. Mas a alta mundial acelerada já está presente na mesa dos consumidores brasileiros.

E essa tendência vai continuar. "Os preços das commodities se formam lá fora. À medida que há aumento por lá, imediatamente bate aqui." A avaliação é de Reinhold Stephanes, ministro da Agricultura.

Foco de atenção dos líderes mundiais, que colocaram o preço dos alimentos no centro das prioridades globais, a alta preocupa também os brasileiros.

Nos últimos 12 meses, a evolução dos principais alimentos consumidos impressiona, ainda mais na comparação com a inflação do período em São Paulo, de 4,29%: o feijão subiu 168%; o óleo de soja, 56%; o pãozinho, 17%; o filé mignon, 22%; o leite em pó, 42%.

Na média, os alimentos subiram 11,24% -mais do que o dobro da inflação no período, conforme informações da Fipe (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas). O ministro acredita que os preços das commodities vão continuar elevados, podendo, inclusive, mudar de patamar para cima em dois anos.

Luís Carlos Guedes Pinto, antecessor de Stephanes na Agricultura, também acredita na manutenção de preços elevados. "A alta ainda permanecerá por um tempo. Os estoques estão baixos, e a oferta de alimentos será maior apenas quando houver mais investimentos na produção, o que deve ocorrer com esses preços elevados."

Stephanes condiciona a manutenção dos preços lá fora ao crescimento econômico mundial e à manutenção do programa de produção de álcool, que, nos Estados Unidos, tem o milho como matéria-prima base.

Mantidas essas duas linhas -e mesmo que seja um pouco menor o ritmo de crescimento mundial-, continuará o desequilíbrio entre demanda e oferta. Esse desequilíbrio, que já ocorre há três anos, só não se fez sentir antes porque o mundo vinha "comendo estoques", que estavam elevados, afirma o ministro.

À medida que os estoques estão diminuindo e o desequilíbrio entre oferta e demanda continua, a tendência é que, mais à frente, haja um novo impacto nos preços. Possivelmente nos próximos dois anos, afirma Stephanes.

De 1980 a 2005, a agricultura segurava a taxa de inflação, enquanto o peso vinha de outros setores. "Agora, essa curva já começou a inverter e, na minha visão, vai continuar", diz ele.

Para Guedes, a forte alta dos preços externos é fruto de políticas protecionistas dos países desenvolvidos, que, com subsídios, impediram a evolução da produção nos mais pobres.

Um exemplo recente é o da produção de álcool nos EUA. Se os norte-americanos não impusessem elevadas taxas de importação ao produto brasileiro, teriam pelo menos mais 90 milhões de toneladas de milho para oferecer ao mundo, diz ele.

**Pressão interna** - A oferta de alimentos terá de crescer 6% ao ano, um taxa impossível para a maioria dos países, mas Stephanes e Guedes concordam que o Brasil tem grandes vantagens sobre os demais, devido a clima, oferta de terra e estrutura agrícola.

Além da pressão externa, existe a alta nos preços internos devido à demanda e, em alguns casos, à menor oferta de produtos provocada por problemas climáticos.

Paulo Picchetti, coordenador do Índice de Preços ao Consumidor Semanal do Ibre (Instituto Brasileiro de Economia), da FGV, também diz que os preços externos das commodities influenciam os internos. "É inevitável que exista essa correlação." Os repasses, porém, nunca são integrais e imediatos, acrescenta o economista.

Além disso, o peso dos importados, depende de políticas aduaneiras e da taxa de câmbio. A importação de trigo, por exemplo, mesmo sendo o calcanhar-de-aquiles do país, está facilitada pela queda do dólar e pela eliminação temporária da TEC (Tarifa Externa Comum).

Marcio Nakane, coordenador do IPC da Fipe, diz que "os dados indicam que há uma ligação importante" entre os preços externos e internos. Apesar dessa ligação, ele acredita que as pressões deste ano vão ser menos fortes do que as de 2007.

Ele respalda essa expectativa nos recentes números recordes de safras divulgados pela Conab (Companhia Nacional de Abastecimento).

**Brasil e Índia negociam parceria em alimentos** – Fernando Canzian – Folha de São Paulo – Dinheiro – 13/04/2008

**Em meio a um cenário de inflação mundial de produtos agrícolas, Embrapa deve transferir ao país asiático tecnologia brasileira para a produção - Na reunião do FMI, Mantega defende que órgão aumente o acesso dos países em desenvolvimento aos seus recursos**

Brasil e Índia querem fechar uma parceria para transferir tecnologia brasileira, a partir da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), para o país asiático na área de produção de alimentos.

O ministro Guido Mantega (Fazenda) e seu colega indiano, Palaniappan Chidambaram, estiveram reunidos na sede do FMI para acertar detalhes sobre a cooperação, que pretende avançar nas próximas semanas.

O preço dos produtos agrícolas e seu impacto na inflação mundial esteve no centro das discussões do FMI (Fundo Monetário Internacional) e do Bird (Banco Mundial) na reunião conjunta dos organismos, que acaba hoje em Washington.

A posição do governo brasileiro é que a inflação mundial na área de alimentos (os preços subiram 83%, em média, nos últimos 36 meses) não deve ser combatida com redução do consumo ou com políticas para desaquecer as economias emergentes, mas com aumento da produção mundial.

Entre os fatores apontados pelo Bird para o aumento dos preços na área, está o ingresso de milhões de novos consumidores nesse mercado, principalmente na Índia e China, como resultado da rápida expansão econômica desses países.

**Discurso** - Dizendo não estar "convencido" de que o FMI tenha "diagnosticado a tempo" os sinais da crise financeira, Mantega defendeu que o órgão aumente o acesso dos países em desenvolvimento a seus recursos.

"Aqueles que acompanharam mais de perto as análises do Fundo observaram que o estafe foi bastante, digamos, tolerante no seu monitoramento dos sistemas financeiros dos países avançados", disse Mantega em discurso na sede do Fundo, representando Brasil e oito países da região.

Afirmando que "as economias emergentes continuam escapando bastante ilesas" da atual crise, Mantega defendeu, no entanto, que o Fundo "aumente os níveis de acesso e estabeleça linhas de crédito mais adaptadas a um contexto em que ocorrerem contrações abruptas de liquidez internacional", como ocorre hoje.

O Fundo já estuda a criação da chamada Linha de Acesso Rápido, que permitiria a países em crise tomarem dinheiro do FMI sem assumirem um programa completo de monitoramento como os atuais.



Sobre a crise internacional, que teve sua origem nos EUA, Mantega disse "lamentar" que medidas de controle e correção de fragilidades nos mercados financeiros tenham demorado tanto para serem tomadas.

Na sexta, o G7, grupo dos sete países mais avançados, aprovou a adoção, nos próximos cem dias, de medidas para dar mais transparência às operações dos bancos e instituições financeiras que possam antecipar a identificação de crises.

Já os países emergentes, reunidos no G24, querem que o próprio FMI amplie seus mecanismos de controle e supervisão das economias mais avançadas. "O Fundo não tem em relação aos principais acionistas a mesma desenvoltura que demonstra quando lida com países em desenvolvimento."

O brasileiro disse esperar que isso seja alterado a partir da mudança, agora em curso, da representatividade dos países emergentes no Fundo. O comitê executivo do FMI já aprovou uma reforma que dará mais peso a alguns países emergentes.

O Brasil foi um dos quatro países mais beneficiados pelo realinhamento da divisão de cotas e de votação. O país passará a ter uma cota de 1,78% no Fundo, ou 40% a mais do que antes. Passa a ter também um poder de voto de 1,72%, ou 22% mais do que antes. Só tiveram elevações maiores a China, a Coreia do Sul e a Índia.

Essas mudanças ainda precisam ser aprovadas por 85% dos votos dos 185 países-membros do FMI. A Rússia, que não seria beneficiada agora, é contra a reforma. A Argentina também tem criticado as mudanças por considerá-las "modestas".

A proposta prevê um novo realinhamento das cotas a cada cinco anos, levando em conta o tamanho de cada economia do mundo para a redistribuição.

Já os EUA, que são favoráveis à reforma das cotas, também propõem "enxugar" a estrutura atual de comando do Fundo, reduzindo o número atual de 24 membros de seu comitê executivo para 20 até 2012.

**Bird e FMI buscam soluções para falta de comida** - Bob David, The Wall Street Journal, de Washington – Valor Econômico – Internacional - 14/04/2008

Os ministros econômicos que se reuniram em Washington no fim de semana para tratar da primeira crise financeira do século XXI também tiveram de lidar com outra crise, de um tipo que atinge o mundo desde antes do tempo dos faraós: escassez de alimentos.

A alta das commodities fez com que os preços mundiais dos alimentos subissem 83% nos últimos três anos, segundo o Banco Mundial, pondo enorme pressão sobre algumas das nações mais pobres. Enquanto os ministros se reuniam, o primeiro-ministro do Haiti, Jacques-Édouard Alexis, renunciava no sábado, depois que a capital, Porto Príncipe, havia sido sacudida por violentos protestos por causa da alta dos alimentos. A violência no

Haiti ocorreu depois de protestos por causa do preço dos alimentos no Egito, em Burkina Faso, na Tailândia e em outros países.

Muitas autoridades presentes à reunião do Banco Mundial (Bird) e do Fundo Monetário Internacional (FMI) concordaram que o problema é sério e que a política dos EUA de promoção do etanol à base de milho e outros combustíveis o está agravando. "Quando milhões de pessoas passam fome, é um crime contra a humanidade que alimentos sejam desviados para biocombustíveis", disse o ministro da Fazenda da Índia, Palaniappan Chidambaram, ao "Wall Street Journal". O ministro da Fazenda turco, Mehmet Simsek, disse que o uso de produtos agrícolas para biocombustíveis era "repugnante".

Mas, além das críticas aos EUA, houve pouco acordo sobre o que deveria ser feito. O presidente do Bird, Robert Zoellick, pressionou os ministros a se concentrarem na questão dos alimentos numa coletiva na quinta-feira, na qual segurou um saco de arroz de 2 kg que, disse, custaria agora metade da renda de uma família pobre em Bangladesh. E manteve a pressão nas conversas do fim de semana.

Mas ele não foi capaz de obter muita coisa concreta. Ele solicitou recentemente que os países ricos contribuíssem com mais US\$ 500 milhões ao Programa Mundial de Alimentos das Nações Unidas. Mas informou que a ONU recebeu ofertas de apenas metade dessa verba.

O conselho de governadores do FMI (basicamente, os ministros econômicos do mundo, que dirigem tanto o FMI como o Bird) pediram que o Fundo trabalhe com o Bird numa "resposta integrada por meio de assessoria e apoio financeiro". Ontem, o comitê que supervisiona o Bird notou que "grandes grupos de pessoas pobres são severamente afetados por preços altos de alimentos e energia no mundo em desenvolvimento", ecoando o pedido do comitê do FMI por apoio a países vulneráveis e conclamando as nações ricas a serem mais generosas no "apoio imediato a países mais afetados pelos altos preços dos alimentos".

O Banco Mundial planeja gastar mais US\$ 10 milhões para programas de alimentação, e outros doadores estão analisando o aumento de suas verbas. O Banco, o FMI e os maiores países industrializados também pressionam para que a Rodada Doha de negociações comerciais mundiais seja completada, ainda que o corte de subsídios a alimentos nos EUA e na Europa deva aumentar os preços dos alimentos para países importadores.

Na semana passada, o premiê britânico, Gordon Brown, conclamou o Grupo dos Sete (G-7, que reúne os principais países industrializados: EUA, Reino Unido, Canadá, França, Alemanha, Itália e Japão) a desenvolver "uma estratégia internacional para tratar de todos os elementos da crise", incluindo comércio exterior, produtividade agrícola, tecnologia, biocombustíveis e auxílio de curto prazo para países pobres. No passado, o Reino Unido havia liderado a campanha para que o G-7 perdoasse dívidas das nações mais pobres.

Para agravar o problema, em alguns países a inflação de alimentos motivou uma onda de protecionismo comercial. Normalmente, os países impõem barreiras comerciais às importações, para proteger as indústrias locais e também tentar elevar as exportações. Mas recentemente mais de 20 países reduziram as tarifas à importação de alimentos e ergueram barreiras à exportação, na esperança de conter os preços internos e caminhar rumo à "auto-suficiência". A Índia, por exemplo, está restringindo as exportações de cereais.

O efeito mundial dessas barreiras, contudo, tende a ser o de elevar ainda mais os preços internacionais dos alimentos. Essas políticas "distorcem os preços mundiais", disse

Simsek, o ministro turco, ao "Wall Street Journal". Em vez de erguer barreiras, afirmou, a Turquia planeja acelerar a construção de canais de irrigação perto de represas em Anatólia (sudeste do país).

Com as instituições financeiras internacionais trabalhando com lentidão, os países vêm fechando seus próprios acordos. O Brasil convidou recentemente o ministro de Comércio do Egito para discutir um possível acordo comercial que teria um forte componente agrícola. A China também fechou seu primeiro pacto de livre comércio com um país rico, escolhendo a Nova Zelândia, um grande exportador de alimentos, e está discutindo um acordo com a Austrália, outra força agrícola.

Dezoito dos países verificados pelo Bird também estão elevando os subsídios aos consumidores e instituindo controles de preço. Zoellick disse que os países deveriam, em vez disso, avaliar subsídios mais bem dirigidos, como fornecer alimentos em troca de trabalho ou aumentar os programas de alimentação escolar para famílias pobres, de modo que as crianças possam levar comida para casa.

Em conversas informais e entrevistas, os ministros de modo geral concordaram que a política dos EUA para biocombustíveis é particularmente prejudicial. O etanol americano é feito de milho, que, dizem eles, poderia ser exportado para alimentar pessoas com fome e que se beneficia de tarifas que bloqueiam o etanol brasileiro, produzido com muito mais eficiência a partir da cana-de-açúcar.

O Bird também culpou o boom dos biocombustíveis pela alta dos preços mundiais de alimentos. Isso deixou Zoellick numa situação delicada. Antes de assumir seu cargo no Banco Mundial, ele foi representante comercial dos EUA e defendeu as posições do país na agricultura. Em sua entrevista coletiva na quinta-feira, ele foi ligeiramente crítico aos EUA. Elogiou o álcool de cana e questionou se as tarifas que restringem as exportações brasileiras aos EUA fazem "sentido econômico". **(Colaborou John W. Miller, de Bruxelas)**

#### **Alimentos em alta - ILAN GOLDFAJN – O Globo – Opinião – 15/04/2008**

Há protestos em toda parte: Argentina, Egito, Haiti ou Tailândia. A alta dos preços dos alimentos no mundo está fazendo estragos. O Banco Mundial alertou que há risco de aumento da pobreza, desnutrição e violência nos países mais pobres.

Na China e na Índia, a inflação de alimentos subiu de tal forma que está ameaçando a estabilidade política.

Muitos países em desenvolvimento já reduziram tarifas para estimular as importações de produtos agrícolas e/ou restringiram as exportações (como na Argentina, que gerou a crise recente com os agricultores), o que tem acirrado as disputas nas negociações comerciais no mundo (Rodada de Doha).

O que pode estar ocasionando a subida recente dos preços? Como as autoridades econômicas devem reagir a esse fenômeno? O preço das commodities, de fato, tem subido significativamente. O Continuous Commodity Index (CCI) — que é um índice que representa a média de preço de 17 commodities (soja, milho, trigo, boi, açúcar, café, algodão, cobre, ouro, prata etc.) — subiu 132%, nos últimos cinco anos, e 25%, só nos últimos 12 meses. Como conseqüência, o preço dos alimentos tem subido no mundo todo.

Nos últimos 12 meses, a inflação de alimentos na China foi de 23%; na Rússia, 18%; na Turquia, 12%; no Brasil, 11%. Na Argentina, a inflação foi mais modesta, de 7,7%, só que no mundo de fantasia do índice adulterado pelo governo.

Há razões fundamentais para a subida dos preços. Em primeiro lugar, a incorporação de uma população de milhões de pessoas à economia global, em especial na China e na Índia, demanda cada vez mais alimentos com alta proteína, na medida em que a renda aumenta. O segundo fenômeno está relacionado com políticas que pretendem mudar a atual matriz energética no mundo para fontes menos poluidoras. A percepção de vários analistas é que essas novas políticas de combustível acabam desviando recursos da produção de alimentos. Por exemplo, a produção de etanol, nos EUA, estaria pressionando o preço do milho (e seus derivados), encarecendo os alimentos no mundo todo. Deve-se reconhecer também que, de uma forma geral, as alternativas para a geração de energia mais limpa dificilmente virão de graça.

A (mais recente) subida de preços tem também um componente especulativo. Um artigo publicado na revista “Barron’s” (“Commodities: Who’s Behind the Boom?”) estima que uma parte relevante das apostas na subida do índice CCI (chamadas de posições compradas nos contratos no mercado futuro) está na mão de investidores não especialistas, enquanto a posição dos especialistas — agricultores, fabricantes de alimentos e outros — é a de apostar na queda dos preços. O artigo acredita que a posição dos especialistas é sinal do caráter especulativo dos últimos aumentos.

Afora o componente especulativo, qual seria a forma de lidar com um aumento de preços dessa natureza? O mundo precisa crescer de forma mais equilibrada para permitir que a oferta desses produtos acompanhe a demanda. Mas há um problema de coordenação. A princípio, o fenômeno é global e pode parecer sem relação direta com as suas políticas. Desta forma, os países não combateriam a inflação na mesma intensidade se fosse um fenômeno advindo exclusivamente do seu excesso de demanda. Mas o problema é que, se todos os países agirem dessa forma, o mundo demoraria mais para se equilibrar, e a inflação persistiria por mais tempo. Nesse sentido, apesar do custo da crise financeira, a atual desaceleração da economia americana contribui para o combate à inflação global.

Em suma, o aumento recente de alimentos tem gerado consequências globais e apreensões quanto ao futuro. Há componentes especulativos nesta alta recente, mas também há razões fundamentais para a subida dos preços: a economia está cobrando o preço do longo ciclo de prosperidade. A desaceleração vinda dos EUA sinaliza o fim desse ciclo.

O perigo está em todos os países acreditarem que o problema de inflação vem de fora e, no conjunto, inadvertidamente, prolongarem o período inflacionário e os seus custos.

**\*ILAN GOLDFAJN é professor da PUC-Rio.**

**Tom apocalíptico sobre carestia da comida é exagero; subsídios de países ricos dificultam revolução agrícola global**

QUE INSTITUIÇÕES multilaterais, como as Nações Unidas, o FMI e o Banco Mundial, perdem importância não é segredo. O inusitado é que, agora, tentem compensar essa diminuição de peso relativo com uma gritaria apocalíptica em torno da inflação dos alimentos -e de sua relação com os biocombustíveis.

A fiar-se nas palavras de representantes dessas instituições, o mundo parece à beira de um cataclismo. Legiões de famélicos seriam produzidas a cada centavo de alta no preço das commodities; dezenas de conflitos seriam fomentados por causa da falta de comida. Nesse cenário, os biocombustíveis seriam mesmo "um crime contra a humanidade", como disse ontem o relator da ONU para o direito à alimentação, Jean Ziegler.

Há, evidentemente, um exagero estrondoso nesse tipo de avaliação. Ela perde de vista a hierarquia dos fatores que concorrem para a inflação no preço da comida, fenômeno mundial. A parcela de grãos ora utilizada para a produção de combustível, uma fronteira tecnológica no mundo rico, não tem escala para produzir, sozinha, elevação tão vultosa e abrangente no preço dos gêneros alimentícios.

O ganho contínuo de renda das populações mais pobres do mundo -na Ásia, na América Latina e na África-, as quebras de produção em países que são grandes exportadores agropastoris, a disparada no preço da energia e a especulação financeira contra o dólar são os fatores preponderantes para a inflação da comida. O uso crescente do milho, nos EUA, para a produção de álcool também ajuda no processo, mas de modo bem mais restrito.

Abortar investimentos em biocombustíveis, portanto, seria a terapia errada para ampliar em ritmo suficiente a oferta de alimentos. A abordagem correta seria liberar as forças produtivas agrícolas, em nível mundial, de constrangimentos que travam os ganhos de produtividade no setor. Leia-se: acabar com os subsídios a lavouras e rebanhos nas nações desenvolvidas.

Se esse imperativo vigorasse, países africanos miseráveis já teriam passado de importadores a exportadores de comida; uma revolução nas técnicas rudimentares adotadas em vastas regiões do mundo em desenvolvimento teria multiplicado o volume colhido e abatido; o biocombustível para complementar a demanda global por energia seria obtido em terras tropicais que hoje têm baixíssimo ou nenhum aproveitamento; todo o milho produzido nos Estados Unidos seria destinado à alimentação.

Os governos de países ricos de repente ficaram preocupados com o impacto da carestia alimentar na pobreza global. Que ajam, então, para resolver o problema e ponham um fim às barreiras agrícolas.

## Clima atrasa plantio nos EUA, e preços de soja e milho têm alta – Valor Econômico – Agronegócios - 15/04/2008

As oscilações do clima nas regiões produtoras americanas continuam a dar o norte para os preços das principais commodities agrícolas. Ontem, o chamado "weather market" sustentou as altas de soja e milho na bolsa de Chicago. O trigo, por sua vez, encerrou os negócios sem variação.

Os contratos de soja com vencimento em julho subiram 40 centavos de dólar, para US\$ 13,8925 por bushel. O milho para julho subiu 7,25 centavos de dólar, a US\$ 6,0475 o bushel, e o trigo também para julho, inalterado, encerrou negociado por US\$ 9,1050 o bushel em Chicago.



As chuvas no Meio Oeste americano tendem a retardar ainda mais o plantio, já que o solo está muito úmido para que a semeadura possa ser acelerada. O cenário de plantio postergado acentua ainda mais o aperto na oferta das commodities agrícolas, reforçando a tendência de manutenção dos preços nos patamares elevados em que estão.

Para o milho, a primeira cultura a ser plantada na safra americana, o atraso no plantio é particularmente sensível porque sua produtividade tende a recuar se a semeadura não ocorrer até o fim de abril, segundo os técnicos.

No mercado doméstico, a saca de 60 quilos de soja subiu 1,03%, a R\$ 45,16, segundo o indicador Cepea/Esalq, e a de milho avançou 1,01%, para R\$ 26,47, de acordo com o índice Esalq/BM&F.

**Iogurtes, sucos, cremes. É a nova 'cesta básica'** - Vera Dantas – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 16/03/2008

Vendas de produtos mais elaborados cresceram até 30% em 2007, principalmente, por causa da baixa renda

A lista de compras de alimentos e de produtos de beleza e higiene das famílias brasileiras está cada vez mais diversificada. O consumo de produtos de maior valor vem crescendo, puxado principalmente pela baixa renda.

Iogurtes, bebidas à base de soja, sobremesas prontas, sucos, cremes e loções, entre outros itens que fogem da despesa básica, tiveram crescimento expressivo no varejo no ano passado e mantêm o ritmo nesse início de 2008.

“Enquanto alimentos de largo consumo cresceram em torno de 10% no ano passado em relação a 2006, a venda de iogurtes subiu 30% na rede”, compara o diretor do Carrefour, Karim Nabi.

Uma pesquisa da LatinPanel que acompanha o comportamento de compra nos lares brasileiros em 67 categorias mostra esse crescimento de gastos com produtos mais elaborados em 2007. “O aumento das despesas ocorreu pelo reajuste de preços em alguns casos, mas também porque as famílias passaram a comprar maior quantidade ou com mais frequência determinados produtos”, diz a gerente de Atendimento ao Varejo da LatinPanel, Fátima Merlin.

O aumento da renda média do consumidor, em torno de 5%, o crescimento do emprego e sobretudo a maior oferta de crédito no mercado deram fôlego para o avanço de produtos considerados supérfluos, isto é, fora da cesta básica.

Os gastos com iogurte, por exemplo, aumentaram 32% e o volume médio de compra subiu 27%. “Em 2006, o consumo médio de vários produtos mais elaborados estava em queda, caso de iogurtes, leite fermentado e bebidas à base de soja, com perda em torno de 10%”, diz Merlin. Em 2007, as donas de casa gastaram 27% mais com bebidas à base de soja, 21% com leite fermentado e 20% com sobremesas prontas.

Nos carrinhos de supermercado o espaço ocupado pelos itens de beleza também cresceu. Os gastos com cremes e loções subiram 12% e com colônias, 5%.

**GASTO MAIOR** - O tíquete médio de desembolso no ponto-de-venda subiu de R\$ 9,62 em 2006 para R\$ 10,51 no ano passado, mostra a pesquisa da LatinPanel. O gasto médio das famílias aumentou 4% na comparação com o ano anterior.

O consumo da baixa renda se destaca no levantamento. Em sobremesas prontas, por exemplo, enquanto o volume médio de compras das famílias cresceu 10%, apenas nos lares das classes D/E ele aumentou 40%. Nas bebidas à base de soja, as famílias de menor poder

aquisitivo ampliaram em 27% o volume de compras em relação ao ano anterior. Já nas classes A e B o crescimento do consumo foi de 14%.

No Carrefour, nas lojas em regiões onde predomina o público C e D, as vendas de cremes e loções tiveram crescimento acima de 20% em relação ao ano anterior. Na média geral da rede, as vendas desses produtos subiram 15%. “Além do crescimento do consumo há uma variedade maior. Há quatro anos tínhamos uma ou duas marcas de bebidas à base de soja nas gôndolas. Hoje, são quase 10”, diz Nabi, do Carrefour.

**'A situação financeira lá em casa melhorou'** - Iogurtes, leites aromatizados, sucos, pratos prontos congelados, além de cremes hidratantes e produtos para o cabelo entraram, no último ano, na lista de consumo da professora de educação física Natália Teles do Carmo. Com um filho de dois anos, ela se preocupa com o consumo de produtos saudáveis, mas também dá valor a tudo que facilite seu dia-a-dia.

“Alimentos prontos, por exemplo, como massas congeladas e sobremesas, são muito práticos. Mesmo que custem um pouco mais caro do que o feito em casa, vale a pena”, diz. No Wal-Mart, por exemplo, as vendas de sobremesas congeladas estão 30% acima das de 2007.

Natália justifica também o aumento de consumo de alimentos e produtos de beleza pelo incremento de renda do marido, que é bancário. “Estou comprando mais porque a situação financeira lá em casa melhorou”, diz.

O presidente da Associação Paulista de Supermercados (Apas), Martinho Paiva Moreira, pondera que nos lares das classes C/D/E o poder de decisão de compra está nas mãos da mulher que tem uma grande preocupação com o bem estar da família. “Ela está atenta a todos os lançamentos e é sensível ao apelo dos produtos saudáveis como a consumidora de maior poder aquisitivo”, diz.

No início de 2008 o consumo das famílias se manteve aquecido. Em janeiro comparado com o mesmo mês em 2007, o volume de compras de leites aromatizados, por exemplo, foi 26% maior, de cremes e loções 22% e o de amaciantes 18%.

Os números da Associação Brasileira de Supermercados (Abras) revelam também o crescimento de vários produtos que podem ser chamados de supérfluos. As vendas de sorvetes em 2007 na comparação com o ano anterior cresceram 20,4%, os produtos isotônicos 20,1% e os chás líquidos 15,1%.

O casal de comerciantes Wesley Ortiz de Carvalho e Carolina Franco Paré, além de trocar de carro no ano passado, aumentou o volume de compras em casa. “A fatura mensal do meu cartão de crédito ficou em média em torno de R\$ 1 mil por mês. No ano anterior minhas despesas eram menores e o limite do meu cartão mais baixo”, diz Wesley.

O Gol 87 foi trocado por um Ômega 95 e a diferença, acertada à vista. Mas foi no consumo do dia a dia, principalmente no supermercado, que Wesley e Carolina incrementaram os gastos. “É claro que o parcelamento no cartão facilitou. Mas a renda também está melhor”,



diz Carolina. O casal trabalha numa rede de lojas de surfwear e foi beneficiado pelo aumento das vendas. Os gastos com vestuário das famílias, segundo a LatinPanel, cresceram 11% em 2007 ante 2006. “Compramos mais alimentos nos supermercados, fomos a restaurantes e viajamos várias vezes para o litoral e interior”, diz Wesley.

**Países barram exportação de alimento para segurar preço – Folha de São Paulo – Dinheiro – 16/04/2008**

**Indonésia proíbe venda de arroz ao exterior e Cazaquistão pára de exportar trigo - Crise alimentar global leva nações como Vietnã, Egito, China, Camboja e Índia a restringir exportações de commodities agrícolas**

A crise global alimentar se intensificou ontem depois que o Cazaquistão, um dos maiores exportadores de trigo do mundo, paralisou as exportações do produto, e os preços do arroz alcançaram novo recorde após a Indonésia impedir seus fazendeiros de exportar os grãos.

No Japão, a Nihon Shokuhin Kako, uma grande empresa de alimentos do país, afirmou que o encarecimento do milho a forçou a comprar grãos geneticamente modificados pela primeira vez. Apesar de não haver impedimento legal, a empresa quebrou um tabu social e mostrou que a oposição aos alimentos geneticamente modificados pode ficar em segundo plano em relação aos preços neste momento.

Ao mesmo tempo, as proibições das exportações de trigo do Cazaquistão, o quinto maior vendedor do mundo, e as do arroz na Indonésia podem estimular restrições em outros países exportadores de alimentos, que enfrentam uma grande demanda dos importadores. Para Hussein Allidina, do banco Morgan Stanley, a pressão pela paralisação de exportações deve aumentar à medida que os países em desenvolvimento que enfrentam altas taxas de inflação e distúrbios sociais tentam impedir a continuidade da alta dos preços por meio da redução da exportação de commodities. A Indonésia se junta a países como Vietnã, Egito, China, Camboja e Índia na paralisação das vendas.

O preço futuro do milho em Chicago, na semana passada, alcançou o recorde de US\$ 6,16 o bushel (25,4 kg), aumento de 30% nos últimos três meses.

A restrição de exportações de alimentos na Indonésia aumentou o preço do milho em Chicago ontem para o recorde histórico de US\$ 22,17 por cem libras, aumento de 63% em relação a janeiro. Os preços do trigo aumentaram para US\$ 9,11 o bushel. Negociadores alertaram de que pode haver mais aumentos em razão de a barreira na Indonésia ocorrer no mesmo período de restrições na Rússia, na Ucrânia e na Argentina. Os quatro países têm cerca de um terço do mercado mundial de trigo.

**Biocombustíveis** - Enquanto os países exportadores anunciam medidas para reduzir a saída dos alimentos e evitar que a alta dos preços continue, o governo dos EUA saiu em

defesa dos biocombustíveis à base de milho, negando que o produto seja responsável pela alta do preço dos alimentos.

Segundo o secretário de Agricultura dos EUA, Ed Schafer, e a secretária de Estado dos EUA, Condoleezza Rice, os biocombustíveis são um dos fatores que contribuem para a alta, mas o aumento dos custos de energia é o verdadeiro culpado.

Os produtores de álcool irão consumir cerca de 13,1 bilhões de bushels de milho neste ano, segundo o Departamento de Agricultura dos EUA. "Certamente é um fator [para a alta de alimentos], como estamos vendo ocorrer", disse o secretário Ed Schafer. "Mas não é o principal fator. A energia é a grande questão quando se trata do aumento do preço dos alimentos."

Condoleezza Rice também tentou evitar relações entre a crise alimentar e a produção de biocombustíveis, vendida pelo seu governo como uma forma de reduzir a dependência do petróleo. A secretária disse que eles têm ligação, mas há outras questões envolvidas como os altos custos de transporte dos alimentos por causa do preço recorde do petróleo.

"Nós temos um problema energético e um problema alimentar. Há algumas relações entre eles. Mas, para nós, uma parte importante do problema dos alimentos não tem ligação com os biocombustíveis, mas simplesmente com os altos custos de energia e fertilizantes", disse Rice.

#### **ONU pede mudança na agricultura para garantir segurança alimentar – Marcelo Níño – Folha de São Paulo – Dinheiro – 16/04/2008**

A ONU pediu ontem mudanças urgentes na agricultura mundial para reduzir os perigos causados pelo encarecimento dos alimentos. Uma comissão da organização apontou a produção de álcool como um dos motivos do aumento de preços que esvazia o prato dos mais pobres e já ameaça a estabilidade de alguns países.

Com o preço dos produtos agrícolas batendo recordes, aumentou a preocupação mundial com a segurança alimentar e esquentou o debate em torno do uso de grãos como matéria-prima para combustíveis. O relator da ONU para Direito à Alimentação, Jean Ziegler, voltou a chamar a atenção para o problema na segunda-feira ao chamar os biocombustíveis de "crime contra a humanidade".

O preço da farinha subiu 130% desde março do ano passado, e o da soja, 87%. Os alimentos em geral encareceram 83% nos últimos três anos. O estudo patrocinado por cinco agências da ONU adverte que essa inflação está corroendo o poder de compra das populações carentes e pode levar a mais protestos, como os ocorridos em Haiti, Egito e Filipinas.

Segundo a FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação), que colaborou com o estudo, os alimentos representam de 60% a 80% da despesa dos consumidores nos países em desenvolvimento, enquanto no mundo desenvolvido a proporção fica entre 10% e 20%. Essa distorção só poderá ser corrigida, diz o documento, com reformas na agricultura mundial, como a redução do protecionismo.

O problema é que os benefícios trazidos pelos avanços na produção são mal distribuídos, afirma o diretor da comissão, Robert Watson. "Em geral, os pobres ganham pouco ou nada, e 850 milhões de pessoas continuam famintas ou desnutridas, com outros 4 milhões entrando nesse grupo todo ano."

O chefe das negociações agrícolas da OMC, Crawford Falconer, disse que um acordo na estagnada Rodada Doha não conteria a escalada de preços. "A rodada terá um impacto positivo no futuro. Mas não tem a resposta a curto prazo de que o mundo real necessita." *\*Com agências internacionais*

#### **Embaixador destaca trabalho pela agricultura familiar – Sítio Eletrônico do MDA – 16/04/2008**

O embaixador brasileiro José Antonio Marcondes de Carvalho destacou nesta quarta-feira (16), em nome da delegação brasileira na 30ª Conferência Regional da FAO, que o Governo Federal tem atuado no fortalecimento da agricultura familiar para garantir segurança e soberania alimentar. A Conferência da FAO tem como presidente o ministro do Desenvolvimento Agrário, Guilherme Cassel, e ocorre até o dia 18 no Palácio Itamaraty, em Brasília.

“Não há desenvolvimento sustentável sem garantia do emprego e renda, sobretudo para os mais pobres nas áreas rurais. Consciente do problema, o Brasil tem trabalhado intensamente para o fortalecimento da agricultura familiar. Além de assentar 400 mil famílias nos últimos 4 anos, adotou um conjunto de políticas públicas que buscam garantir o acesso ao crédito, à assistência técnica, à educação, ao seguro rural e à comercialização dos produtos”, destacou.

Para o embaixador, a convicção na importância de propiciar aos agricultores familiares melhores condições de vida e níveis mais justos de renda fez com que o Brasil desse impulso, em conjunto com os países-irmãos do Mercosul, à criação de um espaço para debate e troca de experiências sobre as questões relativas ao desenvolvimento da agricultura familiar: a Reunião Especializada sobre Agricultura Familiar (REAF).

**Combate à fome** - Segundo o embaixador, o Brasil cumpriu, 10 anos antes do prazo estabelecido pelas Nações Unidas, o Primeiro Objetivo de Desenvolvimento do Milênio – reduzir pela metade o percentual de pessoas que passam fome e vivem em situação de extrema pobreza. “Em termos absolutos, cerca de cinco milhões de pessoas superaram a condição de extrema pobreza. Esse avanço é resultado de vontade política. O

governo brasileiro deu prioridade para a luta contra a fome e a pobreza por meio de uma política nacional de segurança alimentar e nutricional articulada pelo programa Fome Zero”, disse.

O tema do combate à fome não pode estar sujeito à boa vontade dos dirigentes políticos, por melhor que sejam suas intenções, ressaltou o embaixador. “É necessário que o direito à alimentação seja parte de um conjunto de políticas públicas permanentes que ataquem os fatores estruturais que provocam a fome”.

**Resultados concretos** - Nesse sentido, o Brasil aprovou no ano de 2006 a Lei Orgânica sobre Segurança Alimentar e Nutricional. Essa lei concretizou o projeto de construir um sistema de políticas públicas de combate à fome que envolva também a sociedade civil. “Assim, a Segurança Alimentar e Nutricional deixou de ser política de governo para se transformar em política de Estado”, afirmou.

“No Brasil, estamos trabalhando para assegurar a todos os brasileiros o direito humano à alimentação. Isso não é uma utopia; é uma realidade que se pode construir. Os resultados tangíveis do Fome Zero nos permitem acreditar que processos similares sejam possíveis no âmbito internacional”, assegurou o chefe da delegação brasileira.

#### **Inflação sobe, com ou sem alimentos – Valor Econômico – Agronegócios – 16/04/2008**

Uma análise acurada do IPCA em março mostra que, mesmo retirando do índice itens que têm pressionado o custo de vida, como os alimentos, a inflação vem mostrando tendência de alta desde o segundo semestre de 2007. O bom comportamento dos preços administrados, por sua vez, tem ajudado a segurá-la. Mesmo com a alta do petróleo no mercado internacional, o preço da gasolina não tem subido no Brasil. Tarifas de energia, mesmo com o aumento do custo de geração graças ao uso de termelétricas, estão diminuindo de preço para consumidores residenciais.

Não é razoável esperar que os preços administrados continuem a dar, em 2009, a contribuição que deram em 2007 e estão dando agora. Não se sabe, também, até onde vai o atual ciclo de alta dos preços dos alimentos. O fenômeno não diz respeito somente à entressafra no Brasil; é internacional. Há milhões de novos consumidores no mundo e isso está pressionando os preços.



Em março, o IPCA acumulado em 12 meses chegou a 4,73%, acima, portanto, da meta de 4,5% perseguida pelo Banco Central (BC) e bem superior aos resultados

alcançados em 2006 (3,14%) e 2007 (4,46%). Nos próximos meses, deve romper a barreira dos 5%, embora não haja ninguém prevendo uma explosão acima disso.

Quando se exclui o item feijão do IPCA de 12 meses apurado até março, o índice cai para 4,34%, mas segue bem acima dos percentuais apurados em 2006 e 2007, excluindo-se igualmente esse item do cálculo - respectivamente, 3,2% e 4,17%. Excluídos feijão e leite, o IPCA cai a 4,07%, face a 3,25% e 3,88% dos dois anos anteriores. Retire-se do cálculo também a carne. A inflação apurada diminui para 3,76%, mas ainda fica acima da registrada em 2006 (3,42%) e 2007 (3,55%), feita a mesma exclusão.

A exclusão do grupo alimentação e bebidas faz o IPCA reduzir-se de 4,73% para 3,02%.

---

### **Núcleo do IPCA está em alta desde junho**

---

Fazendo o mesmo em relação à inflação passada, o índice diminui para 2,83% em 2007, o que confirma tendência de alta agora, e aumenta para 3,51% em 2006. É importante olhar também para os itens que têm pressionado a inflação para baixo para saber se, mais adiante, a tendência será eles continuarem ajudando a moderar o custo de vida.

Quando se excluem as cinco principais contribuições de queda do IPCA de 12 meses até março - açúcar cristal, açúcar refinado, seguro voluntário de veículo, microcomputador e energia elétrica residencial -, a inflação aumenta para 5,27%. Retirando-se, além desse grupo, as variações de preços de tomate, televisor, aparelho de telefone, máquina de lavar e gasolina, que completam com aqueles os dez itens que mais contribuíram para derrubar a inflação, o IPCA vai a 5,85%. Nos dois casos, os resultados superam com folga o que aconteceu nos últimos dois anos, feitas as mesmas exclusões - 3,44% em 2006 e 5,64% no ano seguinte.

A mesma trajetória de crescimento é observada nos núcleos da inflação. Como se sabe, o objetivo de se trabalhar com núcleos é justamente excluir movimentos temporários do IPCA, com o objetivo de evidenciar a tendência de inflação. Um dos núcleos analisados, o de exclusão, é calculado por meio da retirada dos preços administrados e de alimentos do índice. Os números mostram que a inflação está se acelerando desde meados de 2007.

Em junho do último ano, o núcleo de exclusão do IPCA acumulado em 12 meses estava em 3,42%. Em dezembro, ele pulou para 4,11%. No mês passado, foi a 4,41%. Quando se analisam os principais índices de inflação apurados no primeiro trimestre do ano, comparando-os com o do primeiro trimestre de 2007, a cara da inflação mete ainda mais medo (ver tabela).

Em maio do ano passado, quando técnicos do governo debatiam a escolha da meta de inflação para 2009, o BC já havia detectado forte pressão nos preços dos alimentos, iniciada no início daquele ano. Por isso, defendeu que a meta fosse reduzida para 4,25% ou 4%. Seria uma forma de sinalizar ao mercado que o processo de desinflação continuaria nos anos seguintes.

A meta menor, professou o BC nas discussões internas, seria perseguida sem custo monetário adicional. Havia espaço, em 2007 e 2008, para acomodação de um possível choque de preços dos alimentos, uma vez que a inflação de 2006 tinha caído a 3,1%. Tratava-se de um caso típico de administração de expectativas. Numa disputa de caráter inteiramente político, os "desenvolvimentistas" do governo pegaram em armas para defender a manutenção da meta em 4,5%, afirmando que um patamar menor faria o BC reduzir a taxa de expansão do PIB.

O grupo venceu a briga, obtendo sua primeira "vitória" no segundo mandato de Lula. Mais adiante, quando a inflação de alimentos se tornou evidente, os "desenvolvimentistas" se gabaram de ter lutado pela inflação maior, tornando-se profetas do acontecido. O episódio revelou desconhecimento de como funciona o regime de metas, além da péssima convivência de setores do governo Lula com a política econômica herdada de FHC. O presidente, claro, é uma exceção. Ele tomou para si essa política e com ela montou a base de seu sucesso político. Mas, enquanto estiver no poder, assistirá a ofensivas de ministros e assessores contra ela. *\*Cristiano Romero é repórter especial e escreve às quartas-feiras. ([cristiano.romero@valor.com.br](mailto:cristiano.romero@valor.com.br))*

**Agrocombustíveis e produção de alimentos** – Ariovaldo Umbelino de Oliveira – Folha de São Paulo – Opinião – 17/04/2008

**E as conseqüências, para a produção de alimentos no Brasil, da expansão da cana-de-açúcar nos últimos 15 anos, quais são?**

A RELAÇÃO entre a expansão dos agrocombustíveis e a produção de alimentos ganhou a agenda política internacional. A agricultura mundial continua passando por transformações profundas. O avanço da "comoditização" dos alimentos e do controle genético das sementes que sempre foram patrimônio da humanidade foi acelerado. Dois processos monopolistas comandam a produção agrícola mundial. De um lado, está a territorialização dos monopólios, que atuam simultaneamente no controle da propriedade privada da terra, do processo produtivo no campo e do processamento industrial da produção agropecuária. O principal exemplo é o setor sucroalcooleiro.

De outro lado, está a monopolização do território pelas empresas de comercialização e processamento industrial da produção agropecuária, que, sem produzir absolutamente nada no campo, controlam, por meio de mecanismos de sujeição, camponeses e capitalistas produtores do campo. As empresas monopolistas do setor de grãos atuam como "players" no mercado futuro das Bolsas de mercadorias do mundo e, muitas vezes, têm também o controle igualmente monopolista da produção dos agrotóxicos e dos fertilizantes.

A crise, portanto, tem dois fundamentos. O primeiro, de reflexo mais limitado, refere-se à alta dos preços internacionais do petróleo e, conseqüentemente, à elevação dos custos dos fertilizantes e agrotóxicos. O segundo é conseqüência do aumento do consumo, mas não do consumo direto como alimento, como quer fazer crer o governo brasileiro, mas, isto sim, daquele decorrente da opção dos Estados Unidos pela produção do etanol a partir do milho.

Esse caminho levou à redução dos estoques internacionais desse cereal e à elevação de seus preços e dos preços de outros grãos -trigo, arroz, soja.

Assim, a "solução" norte-americana contra o aquecimento global se tornou o paraíso dos ganhos fáceis dos "players" dos monopólios internacionais que nada produzem, mas que sujeitam produtores e consumidores à sua lógica de acumulação.

Certamente, não há caminho de volta para a crise, pois, no caso norte-americano, os solos disponíveis para o cultivo são disputados entre trigo, milho e soja. O avanço de um se reflete inevitavelmente no recuo dos outros. Daí a crítica radical de Jean Ziegler, da ONU (Organização das Nações Unidas), que classificou o etanol como "crime contra a humanidade". É no interior dessa crise que o agronegócio do agrocombustível brasileiro quer pegar carona no futuro fundado na reprodução do passado. O governo está pavimentando o caminho.

Por isso, a questão dos agrocombustíveis e a produção de alimentos rebatem diretamente no campo brasileiro. A área plantada de cana-de-açúcar na última safra chegou perto de 7 milhões de hectares e, em São Paulo, onde se concentra mais de 50% do total, já ocupa a quase totalidade dos solos mais férteis existentes. Em meio à expansão dos agrocombustíveis, uma pergunta se faz necessária: quais foram as conseqüências, para a produção de alimentos no Brasil, da expansão da cultura da cana nos últimos 15 anos?

Os dados do IBGE, entre 1990 e 2006, revelam a redução da produção dos alimentos imposta pela expansão da área plantada de cana-de-açúcar, que cresceu, nesse período, mais de 2,7 milhões de hectares. Tomando-se os municípios que tiveram a expansão de mais de 500 hectares de cana no período, verifica-se que, neles, ocorreu a redução de 261 mil hectares de feijão e 340 mil hectares de arroz.

Essa área reduzida poderia produzir 400 mil toneladas de feijão, ou seja, 12% da produção nacional, e 1 milhão de toneladas de arroz, o que equivale a 9% do total do país. Além disso, reduziram-se nesses municípios a produção de 460 milhões de litros de leite e mais de 4,5 milhões de cabeças de gado bovino.

Embora a expansão esteja mais concentrada em São Paulo, já o está também no Paraná, em Mato Grosso do Sul, no Triângulo Mineiro, em Goiás e em Mato Grosso. Nesses Estados, reduziu-se a área de produção de alimentos agrícolas e se deslocou a pecuária na direção da Amazônia Isso deu, conseqüentemente, em desmatamento. Por isso, a expansão dos agrocombustíveis continuará a gerar a redução da produção de alimentos.

A produção dos três alimentos básicos no país -arroz, feijão e mandioca- também não cresce desde os anos 90, e o Brasil se tornou o maior país importador de trigo do mundo. Portanto, o caminho para a saída da crise e da construção de uma política de soberania alimentar continua sendo a realização de uma reforma agrária ampla, geral e massiva.

*\*ARIOVALDO UMBELINO DE OLIVEIRA, 60, é professor titular de geografia agrária da USP e diretor da Abra (Associação Brasileira de Reforma Agrária). Integrou a equipe que elaborou a proposta do Segundo Plano Nacional de Reforma Agrária para o governo Lula (2003).*

## **Respostas à crise alimentar em debate – Sitio Eletrônico do MDA – 17/04/2008**

A ameaça de crise alimentar, que centraliza muitos dos debates na 30ª Conferência Regional da FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação) para a América Latina e Caribe, em Brasília, recebeu posicionamento enfático do ministro do Desenvolvimento Agrário, Guilherme Cassel: “A resposta à crise de segurança alimentar é mais agricultura familiar, mais política pública, mais reforma agrária, mais desenvolvimento rural. É necessário afirmar o novo modelo de produção para o século XXI, um modelo agroecológico e socialmente incluyente. Nesse modelo não há espaço para a monocultura, o latifúndio, o livre mercado e os modelos insustentáveis de produção”.

Em mesa-redonda na tarde desta quinta-feira (17) no evento, que ocorre até sexta-feira (18) no Palácio Itamaraty, o tema da agricultura familiar e reforma agrária foi amplamente debatido. “Não haverá soberania e segurança alimentar se os agricultores e agricultoras familiares não tiverem terra para trabalhar e produzir alimentos em qualidade e quantidade suficientes para toda a nossa sociedade”, ressaltou o ministro Cassel.

O Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) desenvolve uma série de políticas públicas de inclusão a agricultores familiares e assentados da reforma agrária, como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), com foco na produção farta e sustentável de alimentos em pequenas propriedades. Neste ano-safra, o Pronaf está disponibilizando R\$ 12 bilhões em crédito a juros baixos.

**Abordagem ao tema agrário** - Também participaram da mesa-redonda Fernando Soto, da FAO, e Mario Ahumada, do Comitê das Organizações da Sociedade Civil para a Segurança Alimentar/Consea). Ambos relembrou a Conferência Internacional de Reforma Agrária e Desenvolvimento Rural (CIRADR), em março de 2006, em Porto Alegre (RS), que marcou os debates sobre a reforma agrária entre o Brasil e os demais países latino-americanos e caribenhos.

Soto alertou para a desigualdade social, mostrando sua alta incidência na América Latina em comparação a outras regiões do mundo. “O desafio para que a agricultura familiar reduza a pobreza está aí, é bem presente”. E salientou a necessidade de uma abordagem territorial para se implementar acesso não só à terra, mas aos recursos hídricos e, ainda, a cadeias que facilitem o acesso de trabalhadores rurais ao mercado.

Já Ahumada lembrou que os movimentos sociais existentes nos países latino-americanos e caribenhos estão impondo a pauta de uma nova reforma agrária. “Nenhuma reforma agrária é sustentável se é apenas repartir a terra. Não podemos esquecer da função ambiental e dos recursos hídricos, esquecer o fundamento alimentar”, ponderou.

**Eldorado dos Carajás** - A data de 17 de abril, emblemática para os movimentos sociais pela terra no Brasil, também foi lembrada no evento. Na manhã desta quinta-feira, integrantes de movimentos sociais reunidos em Brasília participaram da 30ª Conferência da FAO e, com 19 velas acesas, homenagearam os mortos no massacre de Eldorado dos Carajás, no Pará, em 17 de abril de 1996. Nessa data, 19 trabalhadores rurais sem terra morreram.



Maria da Graça Amorim, da Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar (Fetraf/Brasil), e Paulo de Tarso Caralo, da Confederação dos Trabalhadores na Agricultura (Contag) entregaram, em nome dos movimentos sociais, uma carta intitulada Declaração do Fórum Nacional pela Reforma Agrária e Justiça no Campo Em Defesa do Limite da Propriedade da Terra.

### **Acesso à alimentação e biocombustíveis entram na pauta da 30ª Conferência da FAO** – Sítio Eletrônico do MDS – 17/04/2008

“Políticas inteligentes para a produção de alimentos e biocombustíveis são compatíveis”. O ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Reinhold Stephanes, assegurou, durante a reunião plenária da 30ª Conferência da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), na quarta-feira (16/04), que a produção de biocombustíveis não prejudica a política de segurança alimentar brasileira. Ele afirmou que o País deve contribuir para a produção de uma energia limpa, que permite, ainda, que países produtores agrícolas e em desenvolvimento tenham acesso a mais renda e a uma maior fatia do mercado internacional.

Segundo o ministro, mesmo com o aumento de consumo, causado pela elevação da renda dos brasileiros, o Brasil poderia ser capaz de suprir toda a necessidade alimentar de seus cidadãos. Ele citou o exemplo da China, cujas taxas de crescimento chegam a 23% ao ano. “Difícilmente o mundo terá como dar resposta a esse consumo elevado”, considerou.

Stephanes destacou ainda que apenas uma ínfima área do território brasileiro é destinada aos biocombustíveis. Segundo ele, apenas seis milhões de hectares de terra são destinados à produção de açúcar e álcool. A área para grãos ultrapassa os 50 milhões. No caso da pecuária, são 200 milhões de hectares. “Essa ameaça de redução da produção alimentar existe, mas não no Brasil, e sim nos Estados Unidos e na Europa”, reforçou.

Estiveram presentes no terceiro dia da Conferência a ministra interina do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), Arlete Sampaio, o secretário nacional de Segurança Alimentar e Nutricional do MDS, Onaur Ruano, ministros, secretários, o presidente do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea), Renato Maluf, delegados de países da América Latina e do Caribe, representantes de Organizações Não-Governamentais (ONGs).

O Diretor regional da FAO para América Latina e Caribe, José Graziano, um dos palestrantes, afirmou que a América Latina atravessa um importante ciclo de crescimento, que não se via há 40 anos. Houve queda acentuada no número de pobres e indigentes que vivem em áreas urbanas, mas existe dificuldade em reduzir os índices das áreas rurais. “De cada três habitantes de zonas rurais da América Latina, um está na linha da extrema pobreza”, salientou.

Ao avaliar se a região vai atingir o primeiro Objetivo do Milênio (reduzir pela metade a população que passa fome, até 2015), Graziano destacou que a América Latina e o Caribe caminham nessa direção. “A redução vai bem nos casos de pobreza extrema, mas não tão bem quando se trata da pobreza total e da pobreza nas áreas rurais”, afirmou. Outra questão preocupante, segundo ele, é a subnutrição crônica de crianças menores de cinco anos. Ele acrescentou que a região possui produção suficiente para alimentar todos os

cidadãos. “O tema não é falta de produção, mas falta de acesso aos alimentos. E a América Latina registra os maiores índices de desigualdade do planeta”, lamentou ele.

O embaixador permanente da FAO no Brasil, José Antônio Marcondes de Carvalho, ressaltou que o Brasil cumpriu o Primeiro Objetivo do Milênio dez anos antes do prazo. “O Fome Zero permitiu alívio imediato da fome a cerca de 11 milhões de famílias e a 37 milhões de alunos que freqüentam as escolas brasileiras”, comentou. Ele acredita que os bons resultados da estratégia do governo brasileiro podem render soluções positivas também no exterior.

Para Jacques Diouf, diretor-geral da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), a América Latina e o Caribe têm conseguido progressos neste milênio. “O número de pessoas subnutridas tem diminuído em 7,3 milhões. É uma redução de 3%. O desenvolvimento da agricultura é de extrema importância para fazer frente aos maiores desafios especialmente às inseguranças alimentares e à pobreza extrema”. Houve também elogios para o combate à fome no Brasil. “O presidente Lula demonstra, com o Fome Zero e programas como Pronaf, Bolsa Família e Alimentação Escolar, ações exemplares na luta contra a fome”.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que esteve presente na Conferência no período da tarde, falou sobre o extraordinário potencial que o Brasil tem em aumentar a produção de alimentos e de biocombustível. “Temos que produzir mais feijão, mais arroz, mais soja, mais trigo. E neste aspecto o Brasil tem 400 milhões de hectares preparados para a agricultura. Queremos que outros países pobres plantem e possam vender os seus próprios produtos”. O presidente falou sobre o desafio de aumentar a produção agrícola. “O mundo não estava preparado para ver milhões de chineses, africanos, brasileiros comendo três vezes ao dia. O mundo não estava preparado para isto. À medida que o povo está comendo, temos um desafio bom de aumentar a produção agrícola, porque o povo do nordeste, do norte, da África, da China está comendo mais”.

Em seu discurso, o presidente lembrou que o foco central da agenda de políticas públicas em seu governo é o direito à alimentação. Citou a ampliação da reforma agrária, a agricultura familiar, a concessão de crédito, a assistência técnica e a comercialização dos produtos agrícolas. “Aplicamos políticas sociais que aumentam a renda das pessoas. O Bolsa Família é o maior programa de transferência de renda da história do Brasil que beneficia hoje mais de 11 milhões de famílias pobres”, completou.

Lula acredita que a América Latina e o Caribe poderão vir a ser a única região a ter cumprido os compromissos da Cúpula Mundial de Alimentação e a primeira Meta do Milênio (ONU) de redução do número de pessoas com fome.

Quanto ao programa de biocombustível, o presidente insistiu em seu potencial como instrumento de transformação social e econômica dos países mais pobres. “O biocombustível gera renda e emprego sobretudo no campo. É exemplo de equilíbrio entre os aspectos ambientais, sociais e econômicos”. Para Lula, mais de 100 países têm vocação natural para produzir biocombustível de forma sustentável. Em muitos deles, segundo ele, menos de 20% da população tem acesso à fonte de energia para suas necessidades básicas.

*\*Mariana Moreira e Adriana Scorza*

**Alta de alimentos desafia tendências globais** - Fernando Lopes – Valor econômico –  
Especial - 18/04/2008

Mais do que refletir um desajuste entre oferta e demanda aprofundado pela onda dos biocombustíveis, o progressivo aumento dos preços dos alimentos ao redor do mundo deflagrou um debate global em torno do futuro das relações comerciais internacionais e da eficácia de modelos e técnicas de produção que se consolidaram a partir da revolução verde, que já comemora seu cinquentenário.

Dessas discussões, acredita Rubens Ricupero, surgirão novos conceitos. E, à luz dos "complexos problemas" atuais, uma "multiplicidade de decisões" terá de ser adotada para resolvê-los, com efeitos sobre um rearranjo de forças econômicas já em andamento. "De certa forma", diz o diplomata, ex-ministro da Fazenda de Itamar Franco e ex-secretário-geral da Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento (Unctad), "é tranquilizador saber que isso vai acontecer".

Para Ricupero, diretor da Faculdade de Economia e Relações Internacionais da Fundação Armando Álvares Penteado (Faap) desde 2005, "vivemos o início de um fenômeno que compreendemos mal". Ele afirma que tem acompanhado de perto o desenrolar das polêmicas sobre a questão, sempre acompanhadas de diagnósticos e projeções, mas que sente falta de uma análise mais aprofundada sobre alguns fatores que, em sua opinião, podem mudar o rumo dos acontecimentos.

O primeiro ponto, atenta, é que "tudo o que se afirma é por aproximação". Não há, em sua visão, respostas empiricamente comprovadas para mensurar influências como os problemas climáticos que já castigam algumas regiões, o real vínculo entre os preços do petróleo e das commodities agrícolas, os subsídios energéticos em países desenvolvidos ou mesmo o tamanho da futura demanda de países como China e Índia, entre outros emergentes responsabilizados pela espiral inflacionária que chega a encarecer produtos que sequer consomem. Ricupero lembra, por outro lado, que preços de produtos como o açúcar, por exemplo, não estão em linha com a tendência geral de valorizações.

O segundo ponto levantado pelo diplomata diz respeito à relação entre oferta e demanda em si. Ele acredita que a velha máxima de que ambos sempre se encontrarão no futuro, em um equilíbrio regulado pelo mercado, pode estar com os dias contados, uma vez que há limitações físicas no horizonte. É o caso do petróleo, cuja oferta deveria estar mais abundante se dependesse apenas dos preços - elevados há pelo menos dois ou três anos -, mas que começa a encontrar limitações em países como a Rússia e que já declina no México e em outros produtores.

Menos badalada, a produção de fertilizantes encara cenário semelhante, até porque as matérias-primas derivadas do nitrogênio e que compõem os adubos vêm exatamente do petróleo. "As cotações do petróleo não voltarão mais [aos níveis anteriores à atual escalada], portanto o efeito dessa alta sobre os fertilizantes poderá ser permanente". No caso do potássio, outra importante fonte de nutrientes para a agricultura, as perspectivas de Ricupero são igualmente pessimistas, já que o produto é extraído de poucas minas e a expansão da oferta exige investimentos vultosos.

Ainda na relação entre oferta e demanda, afirma Ricupero, não se sabe ao certo até que ponto a produção de alimentos está sendo influenciada pelo já presente fenômeno do aquecimento global. A Austrália, lembra, vem de seis anos seguidos de seca, o que praticamente dizimou sua produção de arroz. Grande parte dos rizicultores do país vendeu

os direitos que tinha para o uso de água e abandonou a cultura, transformando uma escassez conjuntural em definitiva.

Outra faceta do segundo ponto levantado por Ricupero envolve o acelerado processo de degradação e erosão de solos e os avanços tecnológicos necessários para corrigi-las. Proliferam-se estudos que mostram a queda das despesas dos governos com pesquisas agrícolas - no Brasil inclusive - e a concentração desses gastos em grandes multinacionais privadas.

Ricupero usa o gancho para entrar em uma seara que costuma provocar celeuma: o conflito entre o agronegócio e a agricultura familiar. "É preciso entender que a agricultura em larga escala não vai resolver a fome no mundo". Após as inúmeras visitas que fez pela Unctad a países pobres como Etiópia e Burundi, na África, ele está convencido de que "a verdade não está nos extremos", e que é "simplismo achar que todos os problemas podem ser resolvidos pela ciência". Por isso, defende a importância da agricultura familiar e cooperativista, além do estabelecimento de políticas específicas para populações que vivem em condições de insegurança alimentar.

"Em regiões como essas, talvez o agronegócio até tenha condições de gerar oferta. Mas quem teria dinheiro para pagar?", questiona. Ricupero observa que tradicionais grandes doadores globais de alimentos, como os EUA, reduziram muito as ajudas nos últimos anos. Quase em resposta ao diplomata, na quinta-feira mesmo Washington reforçou a promessa de liberar US\$ 200 milhões adicionais em ajuda alimentar emergencial para países pobres como os africanos mencionados por Ricupero.

Outro movimento destacado pelo ex-secretário da Unctad é o da "comida zero quilômetro", produzida localmente, com menos tecnologia, para abastecimento de mercados locais. Os orgânicos normalmente entram nesse raciocínio - mas não apenas nesse, já que embutem um apelo de marketing interessante.

O terceiro ponto que começa a ser sacudido pelo aumento global dos alimentos é a política de liberalização do comércio agropecuário. "Toda vez que há uma súbita alta de preços e risco de escassez, como agora, a questão vem à tona". Ricupero considera que o auge da liberalização se deu entre 1880 e a primeira guerra mundial, quando as exportações de alimentos turbinaram o crescimento dos EUA e da Argentina, que chegou a representar a quarta principal força econômica do globo. Depois das duas guerras, porém, a auto-suficiência alimentar voltou à agenda.

Tanto que no fim dos anos 1950 nasceu na Europa a Política Agrícola Comum, pavimentando, diz o diplomata, o caminho para o surgimento da União Européia. A revolução verde e suas tecnologias, sobretudo fertilizantes e defensivos, amenizaram temores de desabastecimento e abriram espaço para a queda de subsídios e barreiras tarifárias, mas Ricupero se recorda que desde a Rodada Uruguaí de negociações para a liberalização do comércio o argumento de que agricultura não é indústria e demanda um maior grau de controle está sobre a mesa.

Afinal, indaga, o que seria do "modo asiático de produção agrícola", com milhões de pequenos produtores ineficientes, com a liberalização total do comércio? E ele mesmo responde: "Esse pessoal seria simplesmente aniquilado".

**Crise dos alimentos traz mais instabilidade global** – Valor econômico – Editorial - 18/04/2008

Pela primeira vez desde a década de 1970, uma onda de fome se espalha por vários pontos do globo simultaneamente. Os protestos não ocorrem apenas na miserável África, mas atingem Vietnã e Filipinas, na Ásia, ex-províncias soviéticas, como o Cazaquistão, e países latino-americanos, como México. Ao contrário das crises de anos anteriores, não há nenhuma grande quebra de safra provocada por desastres climáticos de grandes proporções - a única exceção atual é o trigo. Desta vez, os próprios preços se abatem sobre os miseráveis e remediados dos países em desenvolvimento com a força de calamidades naturais. A instabilidade econômica criada com a crise das hipotecas nos EUA soma-se agora princípios de instabilidade política em boa parte do planeta, fruto de uma situação que tem tudo para se tornar explosiva.

A alta dos preços dos alimentos é forte e disseminada a ponto de elevar os índices de inflação em todo o mundo. Na Europa, o nível de preços subiu 3,6% nos doze meses encerrados em março, uma taxa bem acima da faixa de 2% a 2,5% que poderia ser tolerada pelo Banco Central Europeu. Nos EUA, o índice de preços ao consumidor está em 4%, enquanto que chega a 8,3% na China, 12,7% na Rússia, 8,2% na Indonésia, 6,5% em Cingapura, 8,5% no Chile e 12,1% no Egito. As previsões de inflação média dos países emergentes subiram para algo em torno de 7% este ano. Quando examinada a inflação específica dos alimentos, os índices pulam para os dois dígitos. O trigo aumentou 77% no ano passado e o caso do arroz é dramático para os pobres da Ásia: ele mais que dobrou de preço no ano.

A reação dos governos diante da pressão de massas esfomeadas na rua, ou diante da possibilidade de tê-las em futuro próximo, foi a suspensão das exportações, a redução das tarifas de importação, o subsídio direto ao consumo ou o controle de preços. Nenhuma dessas medidas pode de fato resolver os problemas, mas simplesmente minimizá-los e reduzir, no curto prazo, as pressões políticas. Cresce o número de países que estão deixando de exportar produtos que compõem importante parte da cesta de consumo doméstica, atitude que, se generalizada, reduzirá o poder de formação de preços no mercado internacional e, provavelmente, tornará os produtos ainda mais caros e escassos. O controle de preços, que nunca funcionou muito bem, torna-se inócuo.

Há vários fatores em cena que, combinados, explicam a alta. O principal deles é o aumento vertiginoso das cotações do petróleo, hoje em torno de US\$ 114 o barril e que não dá sinais de recuo. Segundo cálculos de consultorias privadas, os preços médios do petróleo este ano serão 20 a 25% superiores aos do ano passado. O choque de preços do petróleo encareceu brutalmente os fretes ao redor do mundo, os combustíveis utilizados nas lavouras e seus insumos, como os fertilizantes. A agricultura também sofreu um choque de custos.

Depois, centenas de milhões de pessoas foram incorporadas ao mercado de consumo pelo desenvolvimento econômico de China, Índia, Rússia e do Leste Europeu após o fim do comunismo. Além disso, o programa de produção de etanol à base de milho dos Estados Unidos, um dos maiores produtores mundiais de milho, trigo e soja, teve efeitos devastadores nas cotações. Por último, há a quebra de safras de trigo em produtores decisivos, como a Austrália.

Com a situação dramática, algumas teses neomalthusianas ressuscitaram, mas não devem prosperar. Não há escassez de comida, a agricultura passa por revoluções sucessivas e deu saltos significativos de produtividade. Nesta altura, é importante que o estímulo de

preços chegue ao agricultor para que ele possa ampliar a área plantada dos produtos demandados. As próximas safras de trigo nos EUA e Europa serão maiores que as de 2007. A redução de barreiras tarifárias podem ter importante papel a cumprir, enquanto que entraves às exportações devem ser desestimulados. Políticas fiscais ativas, com redução temporária da tributação dos alimentos, têm um papel a cumprir. A "deterioração dos termos de troca" entre produtos agrícolas e industriais está sepultada para sempre. Houve uma mudança estrutural na economia mundial e a crise dos alimentos atual é uma de suas primeiras manifestações.

**FMI vê mais conflito por alimento** – Folha de São Paulo – Dinheiro – 19/04/2008

**Diretor do Fundo diz que distúrbios causados pela inflação dos alimentos ainda devem aumentar - Strauss-Kahn afirma que vê problema quando produção de biocombustível é feita a partir de alimentos, como no caso do milho nos EUA**

A escalada de ataques aos programas de biocombustíveis, uma das prioridades do Brasil, intensifica-se. Ontem foi a vez de Dominique Strauss-Kahn, diretor-gerente FMI (Fundo Monetário Internacional (FMI)), dizer que eles representam um problema moral e que os tumultos causados pela disparada nos preços dos alimentos podem ainda não ter chegado ao seu pico.

"Quando produzimos biocombustíveis de produtos agrícolas não usados como alimentos, tudo bem. Mas, quando eles são feitos de produtos alimentícios, isso representa sério problema moral", disse Strauss-Kahn à rádio Europe 1.

Questionado se apoiaria uma possível moratória na produção de biocombustíveis, Strauss-Kahn respondeu: "Caso eles usem alimentos".

Os EUA estão desviando sua produção de milho para fabricar álcool, elevando preços dos alimentos.

Os países precisam encontrar o equilíbrio entre a solução de problemas ambientais e a necessidade de garantir que as pessoas não morram de fome, ele disse, acrescentando que os protestos causados pela alta nos custos dos alimentos em todo o mundo podem piorar. "Em termos de distúrbios causados pelos problemas alimentares, o pior, infelizmente, pode ainda estar por vir", ele declarou. "Centenas de milhares de pessoas serão afetadas." Escassez de alimentos e a disparada em seus preços causaram tumultos e protestos em países como Haiti, Camarões, Egito, México, Níger e Indonésia e geraram um questionamento mais profundo dos biocombustíveis de primeira geração, produzidos com base em safras alimentícias.

**Sarkozy** - O presidente francês, Nicolas Sarkozy, também interferiu no debate, dizendo que a crise atual pedia não por resposta imediata, mas por uma ambiciosa estratégia de apoio à agricultura.

O premiê britânico, Gordon Brown, pediu na semana passada que o G8 (as sete nações mais industrializadas e a Rússia) discutam a alta dos alimentos e os biocombustíveis. A ONU e organizações de ajuda humanitária dizem que a alta de alimentos ameaça avanços recentes no combate à fome.

Os biocombustíveis não são o único fator a elevar os preços dos alimentos. Aumento global do consumo e quebras importantes de safras explicam a inflação alimentar. Na quarta, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva chamou de "palpiteiros" e "simplistas" os críticos dos biocombustíveis. *\*Com agências internacionais*

**Amorim rebate com ataque aos subsídios** – IUri Dantas - Folha de São Paulo – Dinheiro – 19/04/2008

O ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, rebateu ontem as críticas internacionais contra os biocombustíveis atacando os subsídios agrícolas dos Estados Unidos e da Europa, que prejudicariam o avanço da produção de alimentos nos países mais pobres.

"Realmente, o que prejudica a produção de alimentos nos países pobres, vamos ser claros, é a existência de subsídios e barreiras nos países ricos", disse Amorim, após assinar acordos com a FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação). Ao comentar as declarações do diretor-gerente do FMI (Fundo Monetário Internacional), Dominique Strauss-Kahn, que apresentou os biocombustíveis como um problema "moral", Amorim recomendou que tanto o Fundo quanto o Banco Mundial defendam o fim da ajuda estatal a agricultores.

"Se o diretor-gerente do FMI e o presidente do Banco Mundial quisessem dar uma recomendação que realmente melhore a produção de alimentos nesses países [pobres], deveriam dizer: olha, em vez de os Estados Unidos reduzirem os subsídios para US\$ 14 bilhões, e a Europa, para US\$ 20 bilhões, reduzam a zero", afirmou, em referência à Rodada Doha da OMC (Organização Mundial do Comércio).

A lógica do raciocínio de Amorim é simples: com menos subsídios e barreiras protecionistas a produtos agrícolas, os mercados tradicionais acabariam remetendo mais dinheiro para os países em desenvolvimento. Dinheiro para comprar comida, por exemplo. "Se o FMI puder ajudar para que países africanos e países latino-americanos mais pobres possam produzir biocombustíveis que entrem sem barreiras nos países ricos, estará ajudando a renda desses países. E é com renda que obtêm os alimentos", disse o chanceler. Os biocombustíveis foram alvos de críticas de outras instâncias das Nações Unidas. Na segunda-feira, o relator especial da ONU sobre o Direito à Alimentação qualificou os combustíveis verdes de "crime contra a humanidade" e pediu moratória na sua produção mundial.

A partir daí, o governo brasileiro vem tentando esclarecer que o álcool de cana-de-açúcar, por exemplo, não invade outras lavouras. Na quarta-feira, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva chamou os críticos de "palpiteiros". Disse que, se os combustíveis representam um crime contra a humanidade, isso ocorre nos Estados Unidos e na Europa. No Brasil, a cultura de cana-de-açúcar, segundo o presidente, usa apenas 1% das áreas agricultáveis. \*(**IURI DANTAS**)

**Cepal teme aumento da indigência** – Fabiano Maisonave - Folha de São Paulo – Dinheiro – 19/04/2008

A alta no preço dos alimentos traz o risco de jogar ao menos 10 milhões de pessoas na indigência e um número igual na pobreza em toda a região, indica estimativa divulgada pela Cepal (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe), que sugere a diminuição da carga tributária e o aumento de subsídios como forma de minimizar os danos.

A Cepal preparou duas projeções. No cálculo menos pessimista, considerou-se cenário em que o aumento de 15% no preço dos alimentos vem acompanhado de melhora de 5% na renda familiar, provocando a deterioração da condição social de 20 milhões de pessoas nos países da região.

Segundo o estudo, em 2007 houve descompasso entre o aumento do preço dos alimentos e o crescimento da renda. O reajuste salarial acompanha os índices inflacionários, os quais subiram menos da metade em comparação com a escalada dos preços dos alimentos.

Num cenário sem aumento da renda, tanto o número de indigentes quanto o de pobres aumentaria 15,7 milhões cada um. Em termos percentuais, os indigentes passariam dos atuais 12,7% para 15,6% da população regional até o final do ano, enquanto os pobres subiriam de 35,1% a 37,9%.

Para a Cepal, o aumento dos preços "vem para ficar" e deveria provocar políticas específicas.

**Preços agrícolas vão continuar altos "no curto prazo", diz FAO** – Iuri Dantas – Folha de São Paulo – 19/04/2008

O diretor-geral da FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura), Jacques Diouf, disse ontem que o preço dos alimentos vai continuar alto "no curto prazo", por ter raízes complexas, relacionadas a fatores como mudança climática, aumento de consumo nos países pobres e os biocombustíveis.

"Os preços não vão baixar no curto prazo. O que vai acontecer depende de ações humanas. E há a vontade política, que precisa decidir quais ações vão ser adotadas", disse. A alta do preço das commodities agrícolas também deve contribuir para conflitos internos



nos países mais pobres, onde milhares de pessoas terão mais dificuldades de comprar comida, segundo o diretor da FAO. "Estamos convencidos de que, se os preços continuarem aumentando, as populações mais pobres não vão continuar assistindo ao impacto sem reação", disse Diouf ao final da 30ª Conferência Regional da América Latina e Caribe da FAO, encerrada ontem em Brasília.

Em entrevista à **Folha**, ele afirmou que os conflitos devem se restringir ao interior dos países. Diouf avalia que não haverá casos de guerras entre países provocadas por escassez de comida, mas de água. "Conflitos internos, sim. Poderíamos ter conflitos entre as nações sobre a água."

Ele afirmou ainda que a decisão sobre ações específicas será tomada pelos chefes de Estado dos 190 países filiados à organização durante uma cúpula em Roma, em junho. "O preço [dos alimentos] está aumentando pelo mundo e há que tomar medidas estruturais e não concentrar apenas nas consequências", alertou.

Na entrevista coletiva de encerramento do evento, o ministro do Desenvolvimento Agrário, Guilherme Cassel, também defendeu a subordinação dos biocombustíveis aos alimentos, na lavoura e na política de governo. "Não se pode perder a oportunidade dos biocombustíveis, mas isso deve estar subordinado a uma política clara de segurança alimentar. Biocombustível, sim. Mas, antes, segurança alimentar", disse.

Cassel também contou que o IBGE divulgará dados positivos sobre o campo brasileiro no segundo semestre, como o aumento do número de produtores rurais, queda no tamanho das propriedades e aumento da renda dos agricultores.

De acordo com o diretor-geral da FAO, cinco motivos principais explicam o encarecimento recente da comida:

1) Impacto de mudanças climáticas, com seca na Austrália e no Cazaquistão, inundações na Índia, em Bangladesh e no sul da África, frio rigoroso no interior da China, furacões na América Central e no Caribe.

2) Custo dos insumos agrícolas, como sementes e fertilizantes, setor dominado por um oligopólio mundial de empresas e que recebe impacto do aumento do barril do petróleo. "O problema dos preços dos insumos me parece hoje um dos problemas mais fundamentais. Os fertilizantes aumentaram 59% no ano passado", analisou.

3) Consumo maior de alimentos em países em desenvolvimento, como China e Índia, onde a dieta tradicional de grãos e cereais foi acrescentada de carne e leite. "Para um quilo de carne de boi, são necessários de sete a oito quilos de grãos."

4) Uso de grãos, como o milho, na produção de biocombustíveis. "No ano passado, 100 milhões de toneladas de grãos foram usadas para biocombustíveis, com subsídios em alguns países", disse.

5) A especulação financeira em Bolsas de mercados futuros, onde são definidos os preços das commodities agrícolas. "Os fundos especulativos existem, mas estão lucrando com a oportunidade. Se não houvesse essa oportunidade, os fundos especulativos não ganhariam o que estão tendo agora."

**Amorim rebate FMI por crítica a biocombustível** - Eliane Oliveira – O Globo – Economia – 19/04/2008

BRASÍLIA e CHICAGO. Em resposta a declarações do diretor-gerente do FMI, Dominique Strauss-Kahn, de que a produção de biocombustíveis a partir de alimentos cria um “problema moral”, o ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, afirmou ontem que existe uma discussão equivocada e “simplicista” sobre o impacto dessa prática nos preços dos grãos. Segundo o ministro, em vez de criticar produtos como o etanol e o biodiesel, o Fundo Monetário Internacional (FMI) deveria financiar políticas para esse tipo de energia renovável nos países africanos e latino-americanos mais pobres. As nações desenvolvidas, acrescentou Amorim, fariam sua parte abrindo seus mercados e reduzindo os subsídios.

À emissora francesa Europe 1, Strauss-Kahn disse que os biocombustíveis obtidos a partir de produtos agrícolas criaram “um verdadeiro problema moral” e que “nas revoltas da fome, o pior, infelizmente, talvez ainda esteja por vir”: — Quando se faz biocombustíveis de produtos agrícolas não usados na alimentação, tudo bem. Mas quando se faz de produtos alimentícios, representa um grave problema moral.

Chanceler responsabiliza Estados Unidos e UE Amorim rebateu: — O exemplo mais claro e nítido que existe de que esse discurso é equivocado é o Brasil.

No Brasil, a produção de etanol aumentou com a produção de alimentos — afirmou o chanceler brasileiro, após a assinatura do documento final da 30ª Conferência Regional da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO). — Se o diretor-geral do FMI e o presidente do Banco Mundial querem dar uma recomendação que realmente melhore a produção de alimentos nesses países, deveriam dizer o seguinte: olha, em vez de reduzir para US\$ 14 bilhões (os subsídios) nos EUA, ou US\$ 20 bilhões na Europa, reduz a zero.

Amorim defendeu o manejo responsável dessas políticas, a melhor distribuição de renda nos países pobres e responsabilizou os países que mais concedem subsídios — União Européia e Estados Unidos — pela atual situação em regiões da África e da América Latina.

— O que impediu o crescimento da produção de alimentos em países africanos, em países sul-americanos, foram os subsídios. Não foi o biocombustível.

Quer dizer, na África, que me conste, não se deixou de produzir alimentos para se passar a produzir biocombustíveis.

Não produziam alimentos e continuam sem produzir alimentos, porque os subsídios da Europa e dos Estados Unidos impedem que isso ocorra — afirmou.

Preços do arroz batem recorde na bolsa de Chicago No caso do Brasil e das nações africanas, afirmou, esses produtos podem, desde que haja manejo adequado, ser uma fonte de riqueza compatível com a produção de alimentos.

Já o diretor-geral da FAO, Jacques Diouf, alertou que os problemas decorrentes da elevação dos preços dos alimentos e a escassez de produtos básicos em países pobres também se devem aos altos valores que precisam ser pagos pelos fertilizantes e defensivos agrícolas.

Hoje, poucas indústrias no mundo produzem esses insumos.

— Se não houver ações imediatas para permitir que os produtores agrícolas tenham acesso a insumos, teremos problemas — disse Diouf, acrescentando que o organismo vem tentando convencer governos e instituições de crédito internacionais a colaborarem com recursos para facilitar a compra de insumos pelos agricultores.

Ontem, os contratos futuros de arroz subiram pelo quinto dia consecutivo, para o recorde US\$ 24,235 por 100 libras-peso (medida usada na comercialização), na Bolsa de Mercados Futuros de Chicago (Cbot).

### **Lula culpa EUA por crise mundial de alimentos - Soraya Aggege – O Globo – Economia – 20/04/2008**

ACRA (Gana). O presidente Luiz Inácio Lula da Silva chegou ontem a Gana, onde abrirá a 12ª reunião da Unctad (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento), disposto a conquistar apoio na cruzada pelos biocombustíveis. Em seu primeiro discurso oficial, na sede do governo ganense, o presidente culpou a política americana pela crise dos alimentos básicos e criticou o preconceito dos países mais ricos com os pobres. Segundo Lula, produzir álcool a partir do milho foi um equívoco do governo Bush.

— Não vamos aceitar que os países mais pobres paguem a conta mais uma vez. Estão dizendo que os biocombustíveis são a causa do crescimento dos preços dos alimentos. As políticas de biocombustíveis só têm um equívoco: a decisão americana de produzir álcool do milho — disse Lula.

Mais tarde, em entrevista a jornalistas brasileiros, ele argumentou: — Os Estados Unidos produzem o etanol daquilo que dispõem. Logicamente, eu preferiria que eles não produzissem, mas comprassem do Brasil, que usa a cana-de-açúcar.

Mas ele (Bush) não quer (comprar), ele quer produzir. É um problema dele. Agora, o recomendável é produzir biocombustíveis de produtos que não sejam alimento para a população.

Presidente volta a pedir o fim de subsídios agrícolas Sem citar os acordos firmados com o presidente George W. Bush no Brasil, no ano passado, em torno dos biocombustíveis, o presidente Lula lembrou ainda que teve conversas com governantes europeus e com o próprio Bush sobre o assunto.

— Eu tive a mesma conversa com o Bush (e os governos europeus): até quando eles vão ficar vendo a América Central empobrecida ao lado dos Estados Unidos ricos? Não é muito melhor fazer uma parceria com os países da América Central para produzir o etanol de que eles precisam? — questionou.

Segundo ele, trata-se de uma questão de bom senso.

— Se essas pessoas querem continuar subsidiando seus produtos, sem permitir o acesso dos países pobres ao mercado, nós vamos ter uma parte pobre e outra rica como

tivemos no século XX. E eu estou convencido de que o século XXI precisa ser diferente — disse.

Em seu discurso, ao lado do presidente de Gana, John Agyekum Kufour, Lula pediu o apoio dos países africanos em sua defesa dos biocombustíveis e do fim dos subsídios agrícolas. Segundo ele, os países africanos, assim como os latinos e os asiáticos em desenvolvimento, terão que enfrentar uma verdadeira guerra comercial em duas frentes: dentro da OMC (Organização Mundial do Comércio), pela redução dos subsídios agrícolas, e pelo aumento na demanda de consumo alimentar, causada pela própria melhoria da situação econômica desses países: — Nós queremos contar com o apoio do continente africano. No século XXI, os países mais pobres não querem mais ser dependentes de atitudes de benevolência, mas querem ter, sim, acesso à tecnologia, aos financiamentos e produzir para o mundo aquilo que precisa ser produzido.

Lula foi recebido no Aeroporto de Gana com honras militares pelo presidente John Kufuor. Logo depois de seu discurso, no Palácio do Governo, ele assinou vários acordos bilaterais, principalmente na área de agricultura e no controle do vírus da Aids.

**País tem travas para produzir mais alimentos** – Eliane Oliveira – Capa - O Globo – Economia – 20/04/2008

Esperança para reduzir o hiato entre oferta e demanda de comida no mundo, o Brasil enfrenta barreiras: há dívidas de R\$ 87 bilhões no campo e a infra-estrutura é deficiente. Em Gana, na África, o presidente Lula culpou os EUA pela crise de alimentos.

Página 34

**No 'celeiro' Brasil, dívidas e falta de logística são retrato da agricultura** – Eliane Oliveira – Capa - O Globo – Economia – 20/04/2008

BRASÍLIA. O Brasil vive um dilema. É visto como uma esperança para reduzir o hiato entre a oferta e a demanda de alimentos no mundo, mas enfrenta, internamente, um cenário de agricultores endividados e descapitalizados para investir no aumento da produção.

Outro problema que já faz parte da realidade brasileira é a extrema carência de infra-estrutura e logística, que faz com que navios de fertilizantes fiquem até 30 dias parados nos portos, aguardando o desembarço dos produtos.

Esse diagnóstico foi relatado, em fevereiro, a funcionários do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos.

As autoridades americanas perguntaram como o Brasil poderia contribuir para evitar danos maiores do forte aquecimento da demanda mundial.

E é com base nesses dados que os ministérios da Agricultura, do Desenvolvimento Agrário e da Fazenda estão trabalhando, tendo em vista não apenas a aquecida demanda doméstica, mas o impacto, que já vem sendo sentido, da elevação das cotações das commodities agrícolas na inflação.

O superintendente técnico da Confederação de Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), Ricardo Cotta, explica que, como o produtor brasileiro estava descapitalizado na época do plantio da safra atual, no segundo semestre de 2007, teve de recorrer a outras fontes, sendo a mais prática a venda antecipada da produção a empresas de trading.

Isso fez com que deixassem de se beneficiar do aumento dos preços das commodities agrícolas. — O produtor não absorveu a integridade desses preços excelentes. Grande parte da safra de soja de Mato Grosso, por exemplo, foi vendida a R\$ 12, R\$ 13 a saca. Hoje o produto custa muito mais. De qualquer forma, ainda há tempo de se recuperar na safra 2008/09 — afirma Cotta.

Em levantamento recente, a CNA concluiu que a venda antecipada da produção de grãos tem sido a saída para a maioria dos produtores rurais endividados.

De 174 agricultores entrevistados, 151 (87%), usam o mecanismo para garantir crédito e continuar produzindo.

— A exaustão de recursos oficiais de crédito rural para o financiamento da safra e o reduzido limite por pessoa para obtenção de crédito fizeram com que os produtores buscassem outras fontes — destaca Luciano Carvalho, assessor técnico da CNA.

#### **Preço do arroz sobe 1% ao dia no mercado externo**

Citado sexta-feira pelo diretor-geral da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), Jacques Diouf, outro problema são os altos preços dos insumos.

No Brasil, mesmo com o dólar barato, alguns fertilizantes ficaram até 70% mais caros.

— O agricultor brasileiro sofre abusos desse oligopólio mundial de fertilizantes. Algo precisa ser feito — diz o deputado Afonso Hamm (PP-RS), vice-presidente da Comissão de Agricultura, Abastecimento e Desenvolvimento Rural da Câmara.

O parlamentar lembra que está sendo feita uma medida provisória com soluções para o endividamento dos agricultores.

O valor a ser negociado, informou Hamm, é de R\$ 56 bilhões, de um total de R\$ 87 bilhões. Há ainda, sobre a mesa, a redução dos juros nas operações de custeio de 8,75% para 6,75% ao ano e a ampliação do prazo de pagamento para os empréstimos usados em investimentos.

Ao mesmo tempo, algumas medidas estão sendo estudadas para aumentar a produção do país, que tem 200 milhões de hectares que poderiam ser utilizados para o plantio de grãos.

A primeira de uma série de ações nesse sentido foi adotada na semana passada, quando o ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, anunciou incentivos para expandir em 25% a safra de trigo, que começa a ser colhida em julho. Um deles é a liberação de R\$ 1,2 bilhão para financiar o plantio.

Outras medidas que deverão ser adotadas nas próximas semanas são o fortalecimento dos estoques reguladores públicos; a abertura de crédito para o plantio de alimentos em áreas degradadas por pastagem; e uma lei disciplinando o plantio de cana-de-açúcar para a produção de etanol.

O Brasil vem sofrendo pressões internacionais por causa das plantações destinadas a biocombustíveis, como o etanol.

Segundo Stephanes, quem critica não conhece a realidade do país. Ele diz que o Brasil consegue produzir cada vez mais para o mercado interno e ainda aumentar exportações: — A questão no Brasil está rigorosamente compatibilizada.

O problema está, principalmente, nos subsídios da Europa e dos EUA, que estão produzindo biocombustíveis a um custo de produção duas a três vezes superior ao brasileiro, e, conseqüentemente, distorcendo o mercado.

Além do trigo, outro produto básico que começa a faltar no mundo é o arroz — cujo preço, segundo Stephanes, está subindo 1% ao dia no mercado externo —, por causa do crescimento do consumo na Ásia. O secretário de Relações Internacionais do Ministério da Agricultura, Célio Porto, diz que ainda não houve impacto significativo no preço no mercado interno e os estoques públicos estão em volumes razoáveis.

— Devemos chegar até o fim do ano com estoque de 1,5 milhão de toneladas de arroz e excedente de 500 mil a 700 mil para o exterior — confirma o diretor de Gestão de Estoques da Conab, Rogério Colombini.

### **Etanol no centro da crise Biocombustível não é a causa da fome – Deborah Berlingk – O Globo – Economia – 20/04/2008**

PARIS. O Brasil que se prepare: a crise mundial de alimentos vai aumentar a resistência aos biocombustíveis, apontados como um dos responsáveis pela disparada de preços das commodities.

Especialistas ouvidos pelo GLOBO concordam num ponto: biocombustível não é o único nem o principal fator. E se alguém tiver que ser criticado, este não deve ser o Brasil, mas sim os EUA, que contribuíram para a alta do preço do milho, ao subsidiar a plantação do produto para produzir combustível.

A crise alimentar provocada pela alta dos preços desenterra um debate que até organizações internacionais, como o Banco Mundial, quiseram enterrar no passado: que lugar a agricultura merece no mundo de hoje?

Quase toda a África importa cereais. Neste debate, biocombustíveis se misturam com segurança alimentar e proteção ambiental.

Os europeus ameaçam não comprar biocombustíveis de países que estejam causando danos ambientais, como a Malásia, que, segundo eles, corta árvores para plantar coqueiro de dendê. E organizações prevêm o acirramento de uma disputa por terra entre os que querem produzir grãos para alimentos e os que produzem para biocombustíveis.

Para o economista da FAO Abdolreza Abbasian, o Brasil pode escapar dos ataques: — Sob o prisma da produção, a única commodity que tem uma chance razoável de sobreviver às críticas crescentes é a cana-de-açúcar.

Segundo ele, a produção de cana-de-açúcar para o etanol no Brasil “parece ser bastante sustentável”, pois não compete com outras plantações, nem provoca distorção nos preços no mercado internacional.

Siwa Msangi, do International Food Policy Research Institute (IFPRI), em Washington, concorda: — A tecnologia de produção do etanol é certamente mais eficiente — diz Msangi, acrescentando que faria mais sentido (econômico) os EUA importarem etanol do Brasil.

Ambos ressaltam que os países devem prestar atenção nos custos social e ambiental da corrida para os biocombustíveis, em detrimento dos alimentos. Msangi alerta para o fato de que o lucro para os que desmatam para plantar no Brasil é alto: — Se agricultores tiverem lucro na criação de gado ou qualquer outro uso para produção agrícola, eles vão

adiante. Daí a importância de ter uma política nacional de preservação de florestas ou biodiversidade. Mas é uma questão interna do Brasil.

Para os especialistas, as críticas são certamente válidas para os EUA — onde a relação preço do milho e produção de biocombustível a partir do milho é evidente.

— Se a real intenção dos EUA fosse limpar o ar e combater o efeito estufa, perguntase por que eles não estão importando etanol do Brasil em vez de subsidiar (a produção de biocombustíveis a partir do milho) — questiona Abbasian.

Inicialmente entusiasmada com os biocombustíveis, a Europa questiona se não teria avançado rápido demais nesse campo. A União Européia fixou que, a partir de 2020, 10% dos combustíveis consumidos nos 27 países-membros terão que ser biocombustíveis.

Segundo a publicação “Biodiesel”, terão que importar dois milhões de toneladas de etanol e cinco milhões de toneladas de biodiesel.

Cerca de 59 milhões de toneladas de cereais (18% do uso doméstico) seriam utilizados para produção de etanol e biodiesel no bloco.

— Eu vejo uma crescente resistência à idéia de se usar áreas agricultáveis para objetivos industriais, como biocombustíveis — afirma o economista da FAO.

Entre as causas da crise de alimentos apontadas pelo IFPRI, a mais importante coincide com o argumento do presidente Luiz Inácio Lula da Silva: tem mais gente comendo no planeta. O crescimento de países como China e Índia aumentou o poder de compra da população, que passou a comer mais e melhor, consumindo mais carne e leite, pressionando a demanda por grãos usados na alimentação do gado. Mas isso não explica tudo, segundo Abbasian.

A crise atual é a soma de vários fatores, como mudanças climáticas que afetaram produção em exportadores (seca na Austrália, por exemplo), com anos de falta de investimentos na agricultura.

Além disso, a produção agrícola ficou mais cara, e surgiu uma competição por terra entre plantações de grãos para produção de alimentos e para a geração de energia.

**Alta de alimentos no mundo coloca governos sob pressão** – Marc Lacey - Folha de São Paulo – Dinheiro – 21/04/2008

**Países pobres e em desenvolvimento tornaram-se alvo de instabilidade política - Com dificuldades de comprar alimentos, que ficaram mais caros, população de países na África, na Ásia e na América exige medidas do governo**

A fome derrubou o portão de entrada do palácio presidencial do Haiti e causou a demissão do primeiro-ministro do país. A fome do Haiti se tornou mais intensa nos últimos dias à medida que os preços mundiais dos alimentos dispararam em uma alta sem controle, que já supera os 45% do final de 2006 para cá e fez dos alimentos básicos haitianos como o arroz, o feijão e o milho tesouros protegidos com o maior cuidado.

Há alguns dias, os filhos de Saint Louis Meriska receberam apenas duas colheres de arroz na única refeição que fizeram.

No dia seguinte, eles ficaram sem comida. O pai, desempregado, contemplava o chão ao dizer: "Eles me olhavam e diziam que estavam com fome. E eu nada podia fazer. Isso é humilhante e causa raiva".

Na Índia, as pessoas estão dando menos leite às suas crianças. As vasilhas servidas diariamente estão ficando mais ralas, já que um saco de lentilha precisa render cada vez mais refeições.

A crise dos alimentos não está sendo sentida apenas pelos pobres, mas vem erodindo os ganhos da classe trabalhadora e da classe média, semeando uma insatisfação crescente e colocando ainda mais pressão sobre governos frágeis.

No Egito, as Forças Armadas foram encarregadas de assar pão para a população. Lá, a alta dos alimentos ameaça se tornar a fagulha que deflagraria uma explosão de ira contra um governo repressivo.

Em Burkina Fasso e outros países africanos ao sul do Saara, distúrbios pela falta de alimentos também vêm surgindo. Na razoavelmente próspera Malásia, a coalizão governante foi quase derrubada pelos eleitores, que mencionam os aumentos nos preços dos alimentos como sua preocupação.

"Trata-se da maior crise desse tipo que vivemos em mais de 30 anos", disse Jeffrey Sachs, economista e assessor especial de Ban Ki-moon, secretário geral das Nações Unidas. "É uma questão grave e obviamente ameaça muitos governos. Diversos deles já estão sob forte assédio e acredito que conseqüências políticas ainda mais graves virão".

De fato, a alta nos preços das commodities, a maior desde a era Nixon (1969-1974), vem opondo o sul pobre do mundo ao norte relativamente próspero e reforçando a demanda por reformas nas políticas agrícolas dos países desenvolvidos.

Mas os especialistas dizem que não há soluções rápidas para uma crise vinculada a tantos fatores. Na Ásia, os governos estão colocando em vigor medidas que limitarão os estoques caseiros de arroz, depois que consumidores entraram em pânico diante da alta de preços e começaram a adquirir o produto em grande volume.

Mesmo na Tailândia, que tem excedente de 10 milhões de toneladas de produção de arroz com relação ao consumo e é o maior exportador mundial do produto, os supermercados estão exibindo cartazes que limitam a quantidade que cada comprador pode adquirir.

**Tempestade escandalosa** - "Estamos vivendo a tempestade perfeita", disse o presidente de El Salvador, Elías Antonio Saca, no Fórum Econômico Mundial sobre a América Latina, em Cancún, México, na última quarta-feira. "Por quanto tempo mais poderemos suportar essa situação? Temos de alimentar nossos povos e as commodities se tornaram escassas.



Essa tempestade escandalosa pode se tornar um furacão que varreria não só as nossas economias, mas também a estabilidade de nossos países."

Na Ásia, caso o primeiro-ministro malaio Abdullah Ahmad Badawi renuncie, o que parece cada vez mais provável em meio ao tumulto que vem abalando seu partido desde a eleição, ele pode se tornar o primeiro líder político da região a cair vítima da inflação dos alimentos e dos combustíveis.

Na Indonésia, por medo de protestos, o governo revisou seu orçamento para 2008 e elevou o montante que dedicará ao subsídio de alimentos em cerca de US\$ 280 milhões. "A maior preocupação são conflitos causados pela falta de alimentos", disse H. S. Dillon, ex-assessor do Ministério da Agricultura da Indonésia.

No mês passado, no Senegal, policiais portando equipamento de choque espancaram e atacaram com gás lacrimogêneo manifestantes que estavam protestando contra os preços altos. Muitos senegaleses expressaram raiva do presidente Abdoulaye Wade, que investiu pesadamente na construção de estradas e hotéis cinco estrelas para uma conferência realizada no mês passado, enquanto muitos dos cidadãos do país são incapazes de arcar com os preços do arroz ou do peixe.

O presidente René Préval, do Haiti, parece ter desafiado e insultado a população, enquanto o coro contra "a vida cara" ganhava volume nas ruas. Préval disse que, se os haitianos tinham dinheiro para comprar telefones celulares, deviam ter dinheiro para alimentar suas famílias. "Caso haja protesto contra a alta dos preços, venham ao meu palácio me procurar e sairei às ruas com vocês", disse Préval.

Quando os haitianos atenderam ao seu convite, enraivecidos e aos milhares, o presidente preferiu ficar protegido no palácio, enquanto sua guarda e as forças de paz das Nações Unidas resistiam à população. Após poucos dias, a oposição votou pela demissão do primeiro-ministro de Préval, Jacques-Édouard Alexis, levando o presidente a implementar reformas de governo.

"Por que fomos apanhados de surpresa?", perguntou Patrick Élie, ativista haitiano que acompanhou os tumultos na África, no começo deste ano, e temia que eles chegassem ao Haiti. "Quando algo está chegando de tão longe quanto Burkina Fasso, deveríamos estar preparados. O que tínhamos era como uma lata de gasolina deixada para que alguém a acendesse com um fósforo."

Em Níger, protestos em massa na capital, Niamey, levaram o governo a enfim voltar a sua atenção à crise alimentar há três anos, causada por uma complexa combinação de chuvas insuficientes, pragas de gafanhotos e manipulação do mercado por operadores. "Como resultado dessa experiência, o governo criou um posto em nível de gabinete para enfrentar o problema do custo de vida elevado", disse Moustapha Kadi, ativista que ajudou a organizar os protestos de 2005.

"Quando os preços voltaram a subir neste ano, o governo agiu rapidamente para remover as tarifas sobre o arroz, que todo mundo come. A rapidez evitou que as pessoas saíssem às ruas."

No Haiti, onde 75% da população ganha menos de US\$ 2 ao dia e 20% das crianças sofrem de subnutrição crônica, o único negócio que floresce nessa era sombria é a venda de bolinhos feitos de barro, óleo e açúcar, tipicamente consumidos apenas pelos mais miseráveis. "Eles acalmam o estômago", disse Olwiche Louis Jeune, 24, que nos últimos meses passou a comer mais desses bolinhos. Mas as queixas no Haiti hoje não se limitam ao estômago.

Elas estão sendo pichadas nos muros da capital e gritadas pelos manifestantes. Nos últimos dias, o presidente Préval deu uma resposta, usando verbas de assistência internacional e reduções de preços para os importadores a fim de cortar em cerca de 15% o preço de um saco de arroz. Ele também cortou os salários de alguns funcionários importantes do governo.

Mas essas medidas são consideradas temporárias. Soluções reais demorarão anos. Enquanto isso, a maioria dos haitianos mais pobres sofre em silêncio, fracos demais para protestar ou ocupados demais cuidando da próxima geração de famintos. Em Cité Soleil, uma imensa favela haitiana, Placide Simone ofereceu um de seus cinco filhos a um desconhecido: "Pode levar", ela disse, segurando um bebê imóvel nos braços e apontando em direção a quatro crianças magérrimas, nenhuma das quais havia comido naquele dia. "Pode escolher. Basta alimentá-los."

**Movimentos sociais também criticam álcool** – Fabio Zanini - Folha de São Paulo – Dinheiro – 22/04/2008

**Documento de fórum de entidades de países pobres aponta biocombustível como uma das causas da inflação alimentar - Texto divulgado em Gana, onde ocorre encontro da Unctad, ataca prioridade à produção de energia, em vez de cultivo de alimentos**

O argumento central do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, de que o ataque aos biocombustíveis é uma espécie de complô do mundo rico, acabou sendo enfraquecido ontem mais ou menos no momento em que ele deixava a reunião da Unctad, em Acra (Gana), para retornar ao Brasil.

Num breve trecho de um documento de 11 páginas, o Fórum para a Sociedade Civil da Unctad, dominado por entidades de países do Terceiro Mundo, aponta o cultivo de biocombustíveis no lugar de alimentos como uma das causas principais da recente inflação alimentar.

"A crise alimentar é principalmente causada por um descompasso entre oferta e demanda. Outra razão é a mudança da produção de comida para biocombustíveis, uma tendência que deveria ser revista e revertida", diz o texto.

O fórum reúne movimentos sociais, grupos de mulheres, sindicatos e igrejas, por exemplo, e se reúne de maneira paralela nos encontros da Unctad.

Além disso, o organismo internacional que historicamente melhor simboliza o Terceiro Mundo, o G-77, soltou declaração anteontem um pouco mais amena, mas que também expressa preocupação.

"Com relação à energia, nós reconhecemos a necessidade de lidar com o tema das fontes renováveis de energia, incluindo biocombustíveis. Atenção especial deve ser prestada à manutenção de segurança alimentar enquanto se produzem biocombustíveis." Já o primeiro esboço da declaração final da Unctad, que deverá ser divulgada somente no próximo final de semana, também pede cautela.

**Análise** - "Os países devem trocar experiências e análise, de modo a melhor explorar o uso sustentável de biocombustíveis para que promovam desenvolvimento social, tecnológico, agrícola e de comércio, tendo a consciência de que se deve assegurar o equilíbrio adequado entre segurança alimentar e preocupações energéticas", diz o texto redigido pelos países presentes por acordo.

Hoje de manhã, os biocombustíveis serão o principal tema da conferência da Unctad. Uma mesa-redonda discutirá "oportunidades e riscos para pequenos produtores em países em desenvolvimento".

A polêmica ganhou intensidade quando o suíço Jean Ziegler, relator especial da ONU para o Direito à Alimentação, qualificou a produção de biocombustíveis como um crime contra a humanidade. O FMI e o Banco Mundial também se fizeram críticas aos biocombustíveis. **(FÁBIO ZANINI)**

**Lula afirma que produção de etanol não ameaça a Região Amazônica** - Soraya Aggege  
– O Globo – Economia – 22/04/2008

ACRA (Gana) e BRASÍLIA. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou ontem que a "guerra de informações" em torno dos biocombustíveis e da crise mundial de alimentos sequer começou.

Ontem, durante a reunião da Unctad (Conferência das Nações Unidas pelo Comércio e Desenvolvimento), em Acra, voltou ao assunto. Desta vez, enfatizou: o etanol da cana-de-açúcar não ameaça invadir a Amazônia, não prejudica a produção de alimentos, reduz a poluição e é "sete vezes mais eficiente" que o etanol à base de milho, produzido nos Estados Unidos.

— A batalha ainda nem começou.

Ainda estamos na fase das estratégias intelectuais, ou seja, dos cientistas. Olha, eu acho que é uma guerra em que o mundo vai ganhar, não é só Brasil.

O Brasil apenas é o espelho mais forte do que pode acontecer com o biodiesel no mundo — disse ele, pouco antes de deixar Gana e retornar ao Brasil, na tarde de ontem. — A produção brasileira não envolve subsídios, não ameaça a Região Amazônica e não reduz o volume de alimentos. Estamos dispostos a compartilhar com a África os conhecimentos que adquirimos.

Lula também aproveitou seu programa semanal de rádio para defender os biocombustíveis.

Falando de Acra, ele disse que o aumento do preço barril de petróleo também provoca alta nos custos dos alimentos.

— É importante também a gente alertar para os efeitos do aumento do petróleo. O aumento do petróleo encarece o transporte, o aumento do petróleo encarece a produção de fertilizante e tudo fica mais caro.

Portanto, nós não aceitamos que haja meia conversa sobre a questão do aumento dos alimentos — afirmou ontem no programa.

No discurso que fez na ONU ontem, Lula voltou a atacar o protecionismo dos países ricos, cobrou as ajudas prometidas e nunca cumpridas e pediu maior empenho do Banco Mundial e do FMI para fomentar o desenvolvimento das regiões mais pobres.

Citou a África como exemplo para cobrar dos ricos.

— Embora tenha 12% da população do mundo, a participação relativa do continente (africano) na riqueza mundial limita-se a 2,2%, e, no caso das exportações, a 2,7% — declarou, explicando que, embora alguns países africanos estejam crescendo a taxas aceleradas, a situação geral é preocupante: — É preocupante observar que poucos países desenvolvidos cumpriram a meta de conceder 0,7% de seu PIB para ajuda oficial ao desenvolvimento — disse, lembrando o acordo de Monterrey, firmado em 2002.

Lula que ampliar comércio com a África Lula citou na Unctad o próprio caso brasileiro. De acordo com o presidente, a produção do etanol possibilitou o ingresso de mais de 1 milhão de pessoas no mercado de trabalho. Além disso, acrescentou, o uso de álcool combustível evitou a emissão de 644 milhões de toneladas de gás carbônico nos últimos 30 anos.

Ele frisou suas pretensões de ampliar o comércio e os projetos de biocombustíveis com a África.

E afirmou que, em Gana, está em andamento um projeto para o plantio de 27 mil hectares de cana para produção de 150 milhões de litros de etanol por ano, destinados ao mercado sueco. A iniciativa, que envolve o setor privado brasileiro e tem apoio da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), possibilitará a produção de 47 megawatts de eletricidade a partir do bagaço de cana.

## **ONU pode ter estudo sobre o assunto – O Globo – Economia – 22/04/2008**

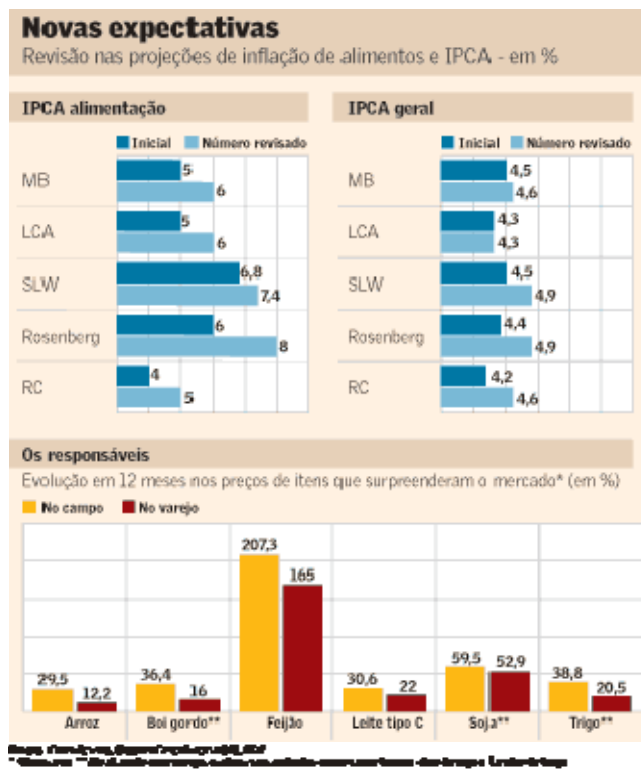
ACRA (Gana). Em sua cruzada em favor dos biocombustíveis, o presidente Lula deixou ontem a África com um trunfo contra o que considera um lobby do petróleo contra o etanol e o biodiesel. Lula aproveitou o encontro com o secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, anteontem à noite, em Acra, para pedir um documento oficial que faça contraponto ao relatório de Jean Ziegler, funcionário da ONU que classificou os biocombustíveis como um “crime contra a humanidade”. Lula conseguiu de Ban Ki-moon a promessa de um possível estudo detalhado sobre as causas da crise mundial dos alimentos. O chanceler Celso Amorim, que esteve na reunião, diz que Lula quer “desfazer mitos”. (S.A.)

## **Alimentos vão pressionar mais a inflação em 2008 - Cibelle Bouças – Valor Econômico – Brasil - 22/04/2008**

As projeções para os preços dos alimentos no mercado interno estão sendo revisadas para cima e puxam, junto, as previsões para o conjunto da inflação ao consumir. As previsões para a cesta de alimentação no ano foram elevadas em até 2 pontos percentuais, situando-se entre 5% e 8%. Por conta da revisão, as estimativas para o IPCA também foram elevadas, entre 0,2 e 0,5 ponto percentual, situando-se entre 4,3% e 4,9%. "Neste ano, a inflação de alimentos está mais espalhada entre os itens industrializados do que no ano passado", compara Carlos Thadeu de Freitas Gomes Filho, economista-chefe da SLW Asset Management, para quem a inflação de alimentos deve ficar em 7,4% no ano.

Os economistas que acompanham inflação esperavam, para este ano, desaceleração na alta dos alimentos, o que ainda não ocorreu. Mesmo sendo um grande produtor agrícola, o país está sendo afetado pela demanda aquecida de países importadores e por restrições impostas por grandes exportadores de commodities, preocupados com a própria inflação.

No acumulado de 12 meses até março, a cesta de alimentação subiu 12,9% dentro do IPCA medido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - acima dos 10,9% de 2007. Gomes observa que, no ano passado, a alta de alimentos ficou concentrada em carne bovina e feijão, que praticamente não impactam os itens industrializados. Outros produtos também começaram a registrar aceleração de preço no fim de 2007, como a soja e derivados e o trigo, influenciados pelo cenário global de oferta e demanda.



Os preços da soja começaram a recuar recentemente no Brasil e no exterior, com o avanço da colheita na América do Sul e o conseqüente aumento da oferta do grão. A expectativa de que os Estados Unidos elevarão a área plantada de soja em detrimento da área de milho na safra 2008/09 que começa a ser plantada em maio também ajudou a aliviar as cotações nas bolsas internacionais, afirma Michael McDougall, vice-presidente sênior da Newedge, corretora de commodities do grupo Société Générale com sede em Nova York.

O efeito no mercado interno também apareceu: o item registrou queda de 9,56% no IGP-10. Já o óleo de soja, demandado tanto para alimentação como para a produção de biodiesel, mantém trajetória ascendente, com elevação de 7,97% no IGP-DI de abril. No varejo, o item já subiu 59% em 12 meses, saindo de R\$ 2 para R\$ 3,18 o litro.

A farinha de trigo, por sua vez, subiu 20,5% em 12 meses, o que provocou um aumento no item pães, bolos, biscoitos, bolachas e massas de 5,5% nesse intervalo. "Os alimentos de origem vegetal estão com uma inflação anualizada de 38,8%. E o impacto secundário de soja e trigo sobre produtos industrializados é maior. Desaceleração de alimentos, se ocorrer, será no segundo semestre", prevê Gomes.

Para Sérgio Vale, economista-chefe da MB Associados, a pressão inflacionária vinda de produtos agrícolas e alimentos já era prevista, mas em níveis mais baixos. "Alguns produtos não estavam nas contas. A reaceleração nos preços do leite, por exemplo, aconteceu antes do previsto", afirma. Raphael Castro, da LCA Consultores, também se surpreendeu com a recuperação antecipada nos preços da carne bovina e do leite tipo C, que voltaram a subir no fim de março, quando normalmente se recuperam na entrada da entressafra, em maio. "Boa parte da alta apurada até agora concentra-se em produtos in natura. Mas é um efeito sazonal. As hortaliças, por exemplo, tendem a desacelerar com a safra."

Salomão Quadros, coordenador de análises econômicas da Fundação Getúlio Vargas (FGV), preocupa-se com dois aspectos: a aceleração nos preços de carne bovina e leite in natura no atacado - que em algumas semanas se refletirá no varejo - e as altas consecutivas nos preços de fertilizantes. "O custo de produção de commodities vai subir, o que pode ser mais um fator de encarecimento de preços."

Para Luís Fernando Azevedo, da Rosenberg & Associados, a desvalorização do dólar no mercado externo manterá as commodities agrícolas atrativas aos olhos dos investidores, contribuindo para manter elevados os níveis de preços e o mercado interno sofrerá os efeitos desse cenário. "Não acredito que a inflação de alimentos chegará a 10,9%, como no ano passado. Mas não duvido que alcançará 8% ou até 9%", afirma.

**Bolso mais vazio** – Cássia Almeida e Patrícia Duarte – O Globo – Economia – 23/04/2008

A inflação para o consumidor deu um salto em abril. Os números da segunda prévia do Índice Geral de Preços do Mercado (IGP-M), divulgados ontem pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), mostram que os preços para o consumidor subiram 0,63% nesses primeiros 20 dias do mês, depois de uma quase estabilidade (0,06%) no mesmo período de março. Nos alimentos, a pressão foi ainda maior. Depois de caírem em média 0,31% no mês passado, avançaram 1,31% em abril. O tomate, por exemplo, cujo preço chegou a recuar mais de 6% em março, ficou 31% mais caro. Segundo especialistas, a economia crescendo forte, em torno de 6% ao ano, facilita o repasse dos preços do atacado para o varejo.

— Num momento de crescimento maior e crédito farto, uma alta no atacado é repassada mais rapidamente para o varejo, sem dúvida — explica o economista Luiz Roberto Cunha, professor da PUC.

Ele afirma que o fato de os IGPs subirem em torno de 10% em 12 meses, enquanto a inflação para o consumidor está em 5% no mesmo período, justifica a preocupação do Banco Central, que elevou os juros básicos da economia na semana passada para 11,75% ao ano. Na segunda prévia de abril, o IGP-M acumula 2,76% no ano e 9,46% em 12 meses.

Essa é a mesma avaliação do coordenador de análises econômicas da FGV, Salomão Quadros.

Para ele, os alimentos estão subindo no varejo, refletindo altas anteriores no atacado.

E isso deve continuar com força, segundo ele, mesmo que o Índice de Preços ao Atacado (IPA), na última coleta, tenha recuado: passou de 1,08% para 0,22%.

— Na verdade, o índice está mascarando outras altas no atacado, inclusive nos produtos agrícolas. O que puxou o índice para baixo foi a soja em grão, que ficou 9,80% mais barata, depois de alta de 4,62% no mês anterior.

Como tem um peso grande no índice, teve influência forte — explicou Salomão.

Ele se referiu a itens em alta como o tomate (35,38% mais caro), que já aparece também mais caro no varejo, bovinos (3,61%) e leite in natura (4,50%). Altas que também devem chegar ao consumidor em breve.

**Mercado prevê taxa maior**

Outro repasse forte aconteceu no pão francês.

Registrou a segunda maior taxa desde 2002: 5,71%, enquanto o trigo no atacado ficou 12,55% mais caro em abril.

Por enquanto, no varejo, as quedas do atacado ainda não chegaram às latas de óleo na prateleira. Elas continuam em alta, refletindo subidas anteriores (nos últimos 12 meses, o grão ficou 48,96% mais caro). O aposentado Cleudo Alves viu o preço praticamente dobrar nos últimos seis meses: — Pagava cerca de R\$ 1,70, agora estou pagando R\$ 3,70, uma alta de 117%.

Ele conta que suas compras no supermercado ficaram cem reais mais caras. O consumidor reclama das altas do feijão e do leite e optou pela troca de marcas: — Comprei uma marca de sabão que é a metade do preço da líder. E ele faz a mesma coisa.

Estou procurando outras marcas mais baratas.

Além desses produtos citados por Alves, outro item deverá inchar sua lista: a carne. No atacado, elas estão subindo forte, segundo pesquisas da Paraty Investimentos. No ano, já subiram 29%: — Nas coletas nos últimos dias, já vemos alta de 2% da carne no varejo. O tomate é outro exemplo, que no ano subiu 130% no atacado.

No varejo, o repasse já foi de 71% — diz João Philippe de Orleans e Bragança, do departamento de pesquisa da Paraty.

Marco Antônio Franklin, sócio da empresa, estima em 20 dias o repasse para os preços do produtos comercializados internacionalmente.

Numa situação de economia aquecida, acha que pode ser até mais rápido.

— Se o fornecedor tiver uma estrutura de exportação pronta, e os preços lá fora subirem, o repasse no mercado doméstico pode ser imediato, principalmente num momento em que o país está crescendo.

Mesmo com a alta de 0,5 ponto percentual dos juros decidida pelo Banco Central na semana passada, o mercado continuou puxando para cima suas expectativas de inflação em 2008. Foi o que revelou ontem a pesquisa semanal Focus: a média das previsões para o IPCA subiu de 4,66% para 4,71%, distanciando-se ainda mais do centro da meta oficial, de 4,5%.

Foi a quarta revisão seguida para cima, o que também vem ocorrendo em outros indicadores de inflação. Para o IGP-M, as contas passaram de 6,02% para 6,21% neste ano, enquanto as do IGPDI, de 5,81% para 6%. Para 2009, o cenário é um pouco melhor. A projeção do IPCA a 4,40% foi mantida. Mesmo com a variação de preços mais intensa, o mercado não alterou a projeção para o encerramento da taxa Selic em dezembro.

— Ainda temos de ver como essas expectativas (de juros) vão continuar daqui para frente, porque as revisões de inflação estão vindo maiores do que se esperava — adiantou o economista-sênior da Unibanco Asset Management (UAM), José Luciano Costa.

### **Taxa brasileira é uma das menores entre emergentes - Ronaldo D'Ercole – O Globo – Economia – 23/04/2008**

SÃO PAULO. Mesmo com a aceleração dos índices nos últimos meses, o Brasil ainda tem uma das menores taxas de inflação entre os países emergentes. Segundo levantamento da consultoria Up Trend, com base em dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), a inflação oficial brasileira nos 12 meses encerrados em março, de 4,7%, só é maior que a do México (4,2%), da Polônia (4,34%) e da Coreia do Sul (3,9%). E se situa em posição confortável em relação a economias como a de China, onde os preços subiram em média 8,3% até março; Rússia, cuja alta foi de 12,7%; Índia, de 5,47%; Turquia, de 9,1%, e Indonésia, de 8,2%.



As altas nos preços dos alimentos, combinadas com a disparada do petróleo, pressionam também os índices das economias bem equilibradas, caso do Chile, onde nos 12 meses até março chegou a 8,5%.

— E essa pressão não tende a ser passageira, porque não há como suprir o forte aumento de demanda dos últimos anos por alimentos — diz Tiago Davino, da Up Trend.

Davino lembra que a inflação medida pelo IPCA acumulava alta em 12 meses de 2,96% em março de 2007, a menor na história, e que a taxa hoje está em 4,7%.

Já na China, grande importadora de alimentos e de petróleo, a inflação saltou de 2,9% para 8,3% no período.

Na Rússia, a alta foi de 7,36% para os atuais 12,7%.

### **Após 30 anos, G-8 debate comida cara – O Globo – Economia – 23/04/2008**

LONDRES e NOVA YORK. A alta recorde dos preços dos alimentos estará na agenda do G8 — o grupo dos sete países mais industrializados do mundo mais a Rússia — durante a reunião do bloco em julho, informou ontem o jornal inglês “Financial Times”. É a primeira vez em quase 30 anos que o tema dos alimentos fará parte das discussões dos presidentes do G-8.

Yasuo Fukuda, o primeiroministro do Japão, afirmou em carta a seus colegas do G-8 que a disparada dos preços dos alimentos coloca desafios globais sérios e iminentes. “A ameaça de fome e desnutrição está aumentando, e os altos preços também trouxeram revoltas sociais”, afirmou Fukuda.

A reunião do G-8 este ano será na cidade japonesa de Hokkaido.

Segundo Fukuda, o G-8 vai discutir comércio de alimentos, biocombustíveis, melhora da produtividade agrícola e o impacto do aquecimento global na agricultura.

Alertas nesse sentido vêm sendo feitos por organismos como a ONU e o Fundo Monetário Internacional (FMI).

O primeiro-ministro britânico, Gordon Brown, também afirmou ontem que a alta dos alimentos é uma grande ameaça à prosperidade mundial.

Ele se reuniu em Londres com a presidente do Programa Mundial de Alimentos da ONU, Josette Sheeran, além de ONGs e grupos de agricultores.

Brown: ‘Lutar contra a fome é um desafio moral’ Na véspera, os presidentes da Bolívia, Evo Morales, e do Peru, Alan García, criticaram os biocombustíveis, afirmando que estes são responsáveis pela alta nos preços dos alimentos.

Ainda assim, Brown disse que apoiará o uso dos biocombustíveis, mas disse que a Grã-Bretanha “será mais seletiva em seu apoio”.

— Lutar contra a fome é um desafio moral para cada um de nós — afirmou o premiê britânico, acrescentando que o encarecimento dos alimentos representa “uma ameaça à estabilidade política e econômica das nações”.

Já a representante da ONU afirmou que, para grande parte da população mundial, a comida não aparece espontaneamente no supermercado. O secretário de Desenvolvimento Internacional britânico, Douglas Alexander, garantiu uma doação extra de US\$ 59,7 milhões ao programa de alimentos da ONU.

**Subsídios levaram à alta nos alimentos, diz FAO** – Marcelo Ninio – Folha de São Paulo  
– Dinheiro – 24/04/2008

Vinte anos de políticas agrícolas equivocadas, incluindo a concessão de generosos subsídios dos países ricos a seus fazendeiros, estão por trás da atual crise mundial de alimentos, a mais grave em mais de quatro décadas. A avaliação é de Jacques Diouf, diretor-geral da FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação).

Preocupada com os altos preços dos grãos, que já ameaça a estabilidade de alguns países em desenvolvimento, a entidade convocou para o começo de junho uma conferência mundial sobre segurança alimentar, que terá a presença do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, segundo os organizadores. Nos documentos preparatórios do encontro, a FAO prevê que os preços dos alimentos continuarão altos nos próximos anos, e não poupa os biocombustíveis pelo fenômeno.

Segundo Diouf, a crise atual não pegou de surpresa a FAO, que vem alertando há anos para problemas como a falta de investimento em infra-estrutura nos países pobres e o excesso de subsídios nos países ricos, que torna economicamente inviável a produção agrícola em muitas partes do planeta. A crítica aos subsídios, principalmente da Europa e dos EUA, é a queixa mais freqüente do governo brasileiro nas negociações comerciais. "Esta não é uma tragédia grega, em que o destino é decidido pelos deuses e os homens nada podem fazer. Não, nós temos capacidade de influenciar o futuro", disse Diouf. Para ele, todos os esforços devem ser concentrados para que a colheita em 2008 seja "um sucesso".

**Aumento na produção** - A previsão da FAO é a de que a produção agrícola tenha um aumento de 2,6% neste ano. Apesar de ser bem menor que o ritmo de crescimento de 2007, de 4,7%, Abdolreza Abbassian, alto economista na FAO, explicou que o volume na verdade será maior, já que os grandes países produtores devem ter bom desempenho. Com isso, já se vislumbra a queda no preço de alguns grãos, como o trigo.

Abbasian disse que não há como negar o peso dos biocombustíveis no aumento dos preços, mas isentou o álcool do Brasil. "A alta dos preços tem a ver com biocombustíveis, mas não o feito a partir da cana", disse o economista, que é secretário do grupo intergovernamental de grãos da FAO. "Tem a ver com a substituição de soja e trigo por milho nas plantações dos EUA".

Isso levou ao aumento nos preços da soja e do trigo, além de tirar milho do prato para colocar nos motores, causando escassez.

O economista indiano adverte que tudo depende do clima, mas há sinais de que os preços vão cair. "Se olharmos para o mercado de futuros, veremos sinais de forte queda nos preços do trigo", diz. "Acredito que teremos um certo alívio nos preços nos próximos meses, começando com trigo e depois levando a outros produtos".

Ninguém deve esperar uma queda significativa nos preços dos alimentos em uma única temporada, diz ele, porque os estoques estão baixos.

## O preço da omissão – Antonio Palocci – O Globo – Opinião – 20/04/2008

O relator especial da ONU para o direito à alimentação, o suíço Jean Ziegler, encontrou uma inusitada explicação para a alta do preço dos alimentos: é culpa da produção de biocombustíveis, “um crime contra a humanidade”.

Outras autoridades européias se ocuparam, nas últimas semanas, num violento tiroteio contra o etanol. O argumento básico utilizado por eles é que a produção do etanol está ocupando áreas de plantio dos alimentos e de pastagens, encarecendo os produtos alimentícios.

Se estivessem seriamente preocupados com as reais razões para a onda altista dos alimentos eles poderiam se perguntar por que o Brasil, maior produtor mundial de etanol de cana-de-açúcar nas últimas três décadas, se tornou, ao mesmo tempo, o maior exportador de soja, açúcar, café, milho, laranja e carne bovina e de frango.

Não se fazem tal pergunta porque ela desmontaria suas apressadas conclusões.

A bem da verdade, os únicos casos em que os biocombustíveis pressionam preços acontecem exatamente nos países onde eles recebem fortes subsídios, inclusive na Zona do Euro, por decisões das próprias autoridades que agora atacam o etanol.

Mas mesmo se considerarmos a produção americana de etanol, com altos subsídios e baixa produtividade energética, e tendo como insumo o milho, causando alguma pressão sobre o preço dos grãos, ainda assim teríamos apenas uma explicação parcial. Serviria mais para demonstrar um claro exemplo de alocação ineficiente de recursos do que para justificar o comportamento do preço dos alimentos.

Mais recentemente verifica-se um movimento de caráter mais especulativo em direção aos mercados de futuros das commodities, com investidores financeiros buscando ativos aparentemente mais robustos diante da crise financeira em curso. Mas se esse movimento colabora com a alta de preços, também não é suficiente para justificá-la.

Parece claro que o principal fator explicativo para a alta dos alimentos é um desequilíbrio entre uma oferta que cresceu pouco nos últimos anos e uma demanda que tem crescido exponencialmente em países emergentes, principalmente naqueles com grandes populações.

Como disse o presidente Lula de forma simples e direta, o fato é que o povo pobre dos países emergentes está comendo mais e a produção não está acompanhando.

Outro fator importante é a escalada do preço do petróleo, cujo patamar mais que dobrou nos últimos cinco anos. É bastante conhecido o efeito do preço dos combustíveis para produtos de baixo valor agregado, que têm no transporte uma parte importante de seu custo.

Mas ainda há, além desses fatores conjunturais, problemas crônicos, estruturais, que têm contribuído com o baixo crescimento na produção de alimentos: o protecionismo e os subsídios praticados pelos países ricos contra os alimentos produzidos nos países em desenvolvimento.

Essa prática anticoncorrencial tem desestimulado os países emergentes a investir mais na produção de alimentos, tendo em vista as fortes barreiras que encontram nas exportações.

E é exatamente essa questão que as autoridades européias tentam camuflar com seus insistentes ataques ao etanol.

É a velha arma do diversionismo.

Enfim, é de se esperar que os inimigos de ocasião dos biocombustíveis continuem sua cruzada, pois o protecionismo, quando posto em questão, sempre é sustentado por argumentos dramáticos. Mas pelo menos seria recomendável que estas autoridades não acreditassem na sua própria mentira. Se continuarmos aceitando diagnósticos pobres, interessados e simplistas sobre tendências de preços, talvez acordemos tarde demais para buscar soluções efetivas para a ampliação na produção de alimentos. Soluções que dependem de ações coordenadas dos países e das instituições multilaterais.

Sem isso sobrarão aos Bancos Centrais a triste tarefa de aumentar juros e compulsórios para conter as pressões inflacionárias já presentes em todos os continentes. O preço dos alimentos é, antes de tudo, o preço da omissão.

**Biocombustíveis só pressionam preços nos países onde recebem fortes subsídios**

**O fim do mundo** – Carlos Alberto Sardenberg – O Globo – Opinião – 24/04/2008

Os preços de commodities, incluindo alimentos, começaram a subir a partir de 2003 e aceleraram a alta de 2005 para cá. Esse movimento coincidiu com o formidável crescimento da economia mundial, com forte participação dos países emergentes, a China em primeiro lugar.

Portanto, não há dúvidas aqui: no essencial, os preços responderam à demanda crescente. A produção, mesmo com acidentes aqui e ali, como as quebras de safra na Austrália, também seguiu aumentando, com alguns países ocupando cada vez mais espaço no comércio mundial, entre os quais o Brasil.

Mas, como no caso do petróleo, o crescimento da produção não alcançou a alta do consumo. Com o mercado muito justo, isso deu margem à especulação de fundos de investimento, o que acrescentou alguns, às vezes, muitos dólares no preço das commodities, isso do segundo semestre do ano passado para cá. Com a crise financeira global, comprar trigo, soja ou petróleo tornou-se um negócio mais seguro do que, digamos, ações de bancos norte-americanos.

Mas na base de tudo, há um forte crescimento da economia global. E nisso a atual alta no preço de alimentos se parece com o que houve em 1973/74. O início dos anos 70 também foi um momento auspicioso da economia capitalista, então bem menor do que hoje, já que quase metade do mundo ainda era socialista.

Mesmo assim, os preços de alimentos decolaram. Na verdade, descontada a inflação, os alimentos custavam, em 1974, o dobro do que custam hoje. E, como hoje, também naquela ocasião apareceram as profecias do fim do mundo. Simplesmente, ia faltar comida no mundo todo, pelos dois motivos: escassez física, com a produção insuficiente para atender uma população cada vez maior e com maior poder de consumo; e preços proibitivos para grande parte das pessoas.

Em resumo, os mais pobres morreriam por falta de dinheiro; as classes médias, por falta dos produtos. Aconteceu bem diferente. Já a partir de 1975 os preços começaram a cair, inicialmente por um mau motivo.

O período de crescimento foi abortado pela súbita alta do petróleo, inflação, alta de juros, recessão. O desastre derrubou a demanda.

Mas quando o mundo começou a se equilibrar, já nos anos 80, com preços ainda atraentes, a produção de alimentos cresceu extraordinariamente, graças especialmente aos formidáveis ganhos de tecnologia. A ciência chegou às fazendas pela genética, pelos fertilizantes, inseticidas e herbicidas. Assim, mesmo com o aumento do consumo, os preços de alimentos caíram sem parar, até o início dos anos 2000, quando, em termos reais, equivaliam a um terço das cotações de 1974.

Esses preços baixos, bons para os consumidores, claro, incomodaram os produtores por muito tempo, sobretudo dos países agrícolas mais pobres. Explica-se: EUA, União Européia e Japão subsidiaram seus fazendeiros com bilhões de dólares, provocando excessos de produção e preços baixos, tornando não competitiva a produção de muitas nações pobres e mesmo em desenvolvimento.

Já nestes anos 2000, a alta de alimentos e das commodities fez a festa de muitos países emergentes, inclusive do Brasil. Ocorre que as populações desses emergentes, com mais riqueza, aumentaram seu consumo e os preços subiram mais ainda.

Em cima disso, vieram a especulação e a decisão dos EUA de subsidiar o etanol de milho. A produção de milho subiu fortemente, deu para álcool e alimentos, mas levou a uma redução na produção de trigo e terminou empurrando para cima todos os preços.

E agora? Agora, voltaram as profecias de fim do mundo. Como em outros momentos, entretanto, é mais provável que a Humanidade, embora fazendo muita besteira, consiga dar um jeito quando a coisa aperta.

Nas circunstâncias normais do mercado, o preço alto atrai mais produtores e, ao final, o mercado se equilibra. Aumentar a produção de alimentos, em tese, não é muito complicado, nem muito caro. (É mais barato, por exemplo, do que produzir mais petróleo.) Mesmo com a limitação de terras boas, a tecnologia (sobretudo dos transgênicos) tem condições de elevar a produtividade dos recursos atuais.

Vai daí que a atual crise de alimentos exige dois tipos de medidas: na primeira, imediata, de fornecer comida aos países mais pobres; a segunda, garantir o aumento da produção, com mais tecnologia e mais mercado aberto.

O Brasil, beneficiário dos preços altos, tem enorme responsabilidade.

### **O Brasil é parte da solução na crise – John Briscoe – O Globo – Opinião – 24/04/2008**

O tema da segurança alimentar e dos biocombustíveis esteve no centro do debate mundial nesta semana, e foi o principal assunto da reunião de primavera do Banco Mundial e do FMI, em Washington. O alerta sobre a forte e duradoura alta nos preços dos alimentos em todo o mundo, e seus possíveis impactos sobre os países mais pobres, é sério.

Há três fatores subjacentes que contribuem para o aumento nos preços dos alimentos em todo o mundo — a disparada nos preços do petróleo e de derivados como fertilizantes, a maior demanda por grãos e carne na Ásia, e o desvio de parte da produção de grãos para a produção de etanol nos países desenvolvidos. Este último efeito levanta um dilema aparente: como obter os benefícios dos biocombustíveis, entre os quais mais segurança energética e menos impactos climáticos e ambientais, sem contribuir para aumentar a pobreza em países já muito pobres? Para o Brasil, esse é um debate de enorme importância. O país ocupa um lugar singular nessa equação.

Com uma excelente base em pesquisa agropecuária e um setor agrícola dinâmico, o Brasil é tanto um dos principais produtores mundiais de biocombustíveis quanto um dos maiores produtores de alimentos.

Além disso, o país tem a maior floresta tropical do mundo, que traz importantes benefícios locais, nacionais e globais.

A resposta brasileira a esse dilema não é nova, e antecede o atual debate, embora isso nem sempre transpareça no calor das discussões. Como ressaltado pelo presidente Robert Zoellick, do Banco Mundial, o programa de etanol do Brasil é muito mais eficiente na redução de emissões de gases de efeito estufa em comparação com outros programas existentes nos países desenvolvidos.

Estudos mostram que o etanol brasileiro é uma solução energética verdadeiramente limpa e viável dos pontos de vista econômico e ambiental.

A experiência brasileira de mais de 30 anos, que possibilitou ao país substituir o equivalente a dois anos da atual produção de petróleo por álcool, não registra impactos significativos sobre produtos alimentares básicos. Apenas a produção de grãos nesses 30 anos cresceu quase 200%, enquanto que a área aumentou menos de 25%. A produtividade fez a diferença. O presidente Lula tem tido um papel fundamental ao esclarecer o debate, trazendo a experiência do país a diversos fóruns internacionais.

A situação é muito diferente com os programas de biocombustíveis dos países desenvolvidos, que necessitam de grandes subsídios e de proteção comercial para se manterem.

Com o crescimento da demanda por alternativas energéticas, associada aos altos preços do petróleo, esses programas desviam produtos alimentares para uso como biocombustível, criando uma alta de preços que é exportada pelos mercados mundiais de commodities e de maneira perversa acaba afetando justamente os países que poderiam suprir esses mercados de forma eficiente e sustentável.

Assim, em vez de ser parte do problema, o Brasil traz em si as soluções, tanto em biocombustíveis quanto em alimentos. O país é líder no mercado de etanol, e está levando o seu conhecimento e experiência para países da África e da Ásia em um exemplo de transferência sul-sul de conhecimentos.

Diversos países em desenvolvimento vêm nos biocombustíveis um caminho para estimular o desenvolvimento rural, criar empregos e poupar divisas com a substituição das importações de petróleo.

Mesmo com um crescimento expressivo da demanda, o aumento da área plantada com cana no Brasil não deve pressionar o setor de alimentos ou o meio ambiente. A cana representa menos de 10% das terras cultivadas (ou menos de 1% da área do país), sendo que a soja e o milho representam mais de 55%. Há ainda 200 milhões de hectares de pastos e áreas abandonadas existentes disponíveis para a expansão dessas culturas, com mínimos impactos ambientais ou substituição de culturas alimentícias.

A forte base científica da Embrapa e outras instituições indica que a maior parte do aumento futuro da produção deve vir do aumento da produtividade, em vez da simples expansão da área cultivada. A agricultura brasileira já é modelo para o mundo — com o crescimento inexorável da demanda por produtos agrícolas, a contribuição brasileira só pode continuar a crescer.

Os países em desenvolvimento, assim como o Brasil, reconhecem que os preços dos alimentos e questões de mudanças climáticas são ameaças globais, e se preocupam com os

seus impactos na economia, nos meios de sustento e na qualidade da vida das suas populações.

É preciso que os países ricos compreendam que não haverá solução para o desafio da segurança energética, dos preços dos alimentos e das mudanças climáticas enquanto os pontos de vista e as preocupações dos países em desenvolvimento, e especialmente economias-chave como a brasileira, não forem levados em consideração. O presidente Lula tem corretamente assumido uma liderança global nessas questões. O Banco Mundial é um parceiro próximo do Brasil nesse debate, que está na base de um desenvolvimento mais inclusivo e sustentável para todos. *\*JOHN BRISCOE é diretor do Banco Mundial para o Brasil.*

### **Barreiras à exportação de grãos – Eliane Oliveira – O Globo – economia – 24/04/2008**

Para garantir o abastecimento interno e evitar novos reajustes do arroz — principalmente a partir do segundo semestre, quando começa a entressafra de grãos —, o governo suspendeu as exportações do produto e vai pressionar o setor privado a fazer o mesmo. O governo se preocupa com os efeitos no Brasil da crise mundial provocada pela disparada dos preços de alimentos.

O ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, avisou que, se os produtores não atenderem ao apelo, poderão ser punidos com barreiras, como taxaço dos embarques. O milho também poderá entrar na lista.

A restrição será discutida hoje entre Stephanes e rizicultores.

— Queremos chegar a um acordo com o setor privado que vai durar o tempo necessário para que tenhamos segurança de que não vai faltar o produto no Brasil — disse o ministro.

Também hoje, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) vai leiloar parte dos estoques públicos de arroz, estimados em 1,2 milhão de toneladas. O objetivo é forçar a queda do preço, que vem subindo, conforme o ministro, 1% ao dia. Ontem, havia localidades onde a saca de arroz custava R\$ 30, quando o preço mínimo de referência do governo é de R\$ 22. Os preços ainda estão sob controle no varejo — a alta foi de 0,72% em março, pelo IPCA.

O Brasil produz praticamente todo o arroz que consome e não é um grande exportador. Não deve vender mais do que 500 mil dos 11,9 milhões de toneladas que colherá na atual safra. Mas o forte crescimento do consumo na Ásia levou os países da região — como Indonésia, Malásia, Índia e Vietnã — a limitarem a exportação, para garantir o abastecimento doméstico e segurar preços (a cotação subiu até 119% em um ano). O Egito também limitou exportações.

Com isso, muitas nações passaram a procurar o Brasil para comprar o excedente. O país já havia vendido cerca de 500 mil toneladas e decidiu manter como reserva técnica as 600 mil restantes. Segundo técnicos, além de tradicionais compradores, como europeus, asiáticos e sul-americanos, a maior parte das consultas de última hora partiu de africanos — Guiné Bissau, Gana, Nigéria e Congo.

#### **Nos EUA, Wal-Mart limita compras**

1 Já o milho está se tornando cada vez mais escasso devido à maior produção de biocombustíveis nos EUA, que usam o cereal como matériaprima.

Para Stephanes, embora o Brasil tenha um excedente de 12 milhões de toneladas, precisa ter cuidado: — Podemos ter dificuldade de importação, porque o milho que se produz fora é transgênico e ainda não utilizamos o transgênico.

A suspensão no caso do arroz foi decidida há uma semana, mas somente ontem se tornou pública, por causa de uma frase do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em cerimônia na Embrapa: — Muitos países vieram pedir, saber se o Brasil tinha arroz para vender.

Todo o mundo quer comprar arroz, e o Brasil não pode abrir mão de seu estoque. Já tinha até vendido umas 500 mil toneladas e foi obrigado a parar, porque não podemos deixar o Brasil correndo risco.

A decisão foi mal recebida pela Confederação de Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA): — A CNA é totalmente contra qualquer imposição de restrição à exportação de produtos agrícolas. Trabalhamos em um mercado livre, aberto e concorrencial — disse o superintendente técnico, Ricardo Cotta.

Sobre o risco de a inflação subir devido aos alimentos, Stephanes disse que os preços “já bateram no teto”.

Ele não acredita em reajustes adicionais de arroz, derivados de trigo e milho. E lembrou que o governo ampliou recursos para o plantio de trigo.

— O Brasil está numa situação melhor que China, Índia e Rússia, que têm mais pressão inflacionária.

E o país é grande produtor de commodities — disse o ministro da Fazenda, Guido Mantega.

No mais recente sinal da falta de oferta de arroz, o Sam's Club, divisão atacadista da Wal-Mart, informou que vai limitar a venda do grão nos EUA. O cliente só poderá comprar quatro sacos de nove quilos por vez. Na véspera, o principal concorrente do Sam's Club, a Costco, já havia anunciado limitações em arroz e farinha.

*\*COLABORARAM Chico de Gois e Martha Beck (com agências internacionais) 1 PARA GOVERNO,*

#### PETRÓLEO ENCARECE COMIDA EM 20%. LULA ATACA 'LEVIANDADE'

Carne, a nova vilã da inflação Demanda forte puxa receita de supermercados, cujos preços subiram 14% RIO e SÃO PAULO. As altas que já se anunciavam no atacado começam a ganhar os açougues dos supermercados.

O preço da carne subiu 0,52% nos 30 dias encerrados em 22 de abril, de acordo com o Índice de Preços ao Consumidor Semanal (IPC-S), da Fundação Getúlio Vargas. O índice, que subira 0,76% na medição anterior, avançou 0,81% na semana, e a culpa é novamente da alimentação. É a sétima alta consecutiva. A novidade é a presença das carnes no grupo de altas.

— Já estávamos esperando essa elevação no varejo, diante da pressão no atacado. Alguns cortes já estão subindo enquanto outros estão caindo menos.

O IPC-S deve fechar abril mais perto de 0,9% — disse Paulo Picchetti, coordenador do IPC Brasil.

As carnes se unem às massas e farinhas (1,64%) e frutas (5,08%), já presentes no grupo de produtos mais caros. Segundo Picchetti, apenas cinco alimentos explicaram metade do índice de 0,81%: tomate, mamão, pão francês, leite longa vida e cebola.



Nos supermercados, a forte demanda interna puxou a alta de 15,38% no faturamento no primeiro trimestre, frente ao mesmo período de 2007, segundo balanço divulgado ontem pela Associação Brasileira de Supermercados (Abras). Em termos reais, descontada a inflação medida pelo IPCA, a alta foi de 10,26%. Os dados indicam ainda o avanço nos preços pagos pelos consumidores.

O Índice AbrasMercado, que mede o comportamento do preço médio de uma cesta com os 35 produtos mais

consumidos, entre alimentos e produtos de limpeza e higiene, teve alta de 0,36% em março sobre fevereiro.

Frente ao mesmo mês de 2007, o aumento nominal foi de 14,76%, e o real, de 9,58%. Segundo o presidente

da Abras, Sussumo Honda, as altas no atacado, particularmente de trigo e arroz, devem chegar ao varejo em

breve. (Cássia Almeida e Ronaldo D'Ercole)

**Abitrigo quer importar sem impostos** – Janaína Figueiredo, Martha Beck e Cássia Almeida – O Globo – Economia – 24/04/2008

BUENOS AIRES, BRASÍLIA e RIO. A Argentina informou ontem que não tem data para reabrir as exportações de trigo, pois depende de um acordo com os produtores rurais do país. O presidente do Conselho Deliberativo da Associação Brasileira da Indústria do Trigo (Abitrigo), Luiz Martins, quer que o Brasil estenda a alíquota zero de importação de trigo — limitada hoje a um milhão de toneladas — a países de fora do Mercosul. Ele estima que o país terá de importar três milhões de toneladas até o fim do ano: — Se o governo atender à nossa reivindicação, não haverá impacto na cesta básica.

O ministro do Desenvolvimento, Miguel Jorge, disse que não adianta o governo ampliar o limite: mesmo comprando o produto de outros mercados, como EUA e Canadá, sem imposto, as operações sairiam mais caras, por causa dos preços e do frete.

Para o presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Massas Alimentícias (Abima), Cláudio Zanão, os preços das massas devem continuar em alta até o fim do semestre, subindo mais 15% para o consumidor. Ele disse que, mesmo que a Argentina libere as exportações, será preciso recorrer a outros mercados.

— O governo Kirchner tinha prometido reabrir as exportações de trigo em 3 de março, já adiou cinco vezes e agora nos disse que é por tempo indeterminado — disse Martins.

O governo brasileiro informou que os dois países vão discutir o assunto na primeira quinzena de maio.

(\*) **Correspondente**

**Crise pode fazer Brasil taxar a exportação de alimentos** – Miriam Leitão - O Globo – Capa – 24/04/2008

Com a crise mundial provocada pela disparada dos preços de alimentos, o Brasil poderá taxar a exportação de produtos agrícolas. Para garantir o abastecimento e evitar reajustes, o governo já suspendeu as vendas externas de arroz e pressiona o setor privado a fazer o mesmo. Se não conseguir o apoio dos produtores, o ministro Reinhold Stephanes avisou que criará barreiras à exportação.

O milho pode ser o próximo da lista. A alta recorde do petróleo já encareceu a comida no país em 20%.

Para Lula, críticos do etanol são levianos.

**Páginas 25 a 27 e Míriam Leitão**

**Hora da mesa** – Miriam Leitão – O Globo – Economia – 24/04/2008

O povo quer só comida. Aqui e no mundo inteiro.

Nos últimos dias, líderes de FMI, Banco Mundial, FAO, ONU, OCDE, G-8 falaram com espanto e desinformação sobre a crise dos alimentos. O mundo bate cabeça e não entende que não está diante de um problema que vai sumir na próxima colheita. Ele estará conosco pelas próximas décadas.

No Brasil, o problema está bem suavizado.

Os economistas inventaram, em inglês, uma daquelas palavras feias que eles adoram e que será mal traduzida para outros idiomas, ficando ainda mais dissonante. A palavra da vez é: agflação, a inflação agrícola. Andará de braços dados com a velha estagflação, outro temor que ameaça o mundo: o de que, além de não crescer, ainda enfrente alta de preços.

A única causa boa da crise de alimentos — o aumento dos humanos na mesa do almoço — está destinada a desaparecer pelo próprio efeito da crise. Houve crescimento econômico forte em quase todos os países nos últimos anos, e a renda familiar subiu. O resultado: mais pessoas puderam comer melhor. Essa boa notícia deve desaparecer por uma perversa lei econômica. A comida fica relativamente mais escassa, encarece e volta a ser inacessível. Esse mercado consumidor que acabou de chegar à mesa será expulso novamente se os preços continuarem disparando.

No Brasil, o índice que calcula a inflação dos de menor renda está subindo mais que o da inflação da classe média.

Quanto mais os preços subirem, mais eles vão comprometer o orçamento dos mais pobres e mais sacrifícios vão pedir a eles. Na Nigéria, a comida compromete 73% do orçamento familiar; no Vietnã, 65% e, nos Estados Unidos, 16%. Os mais pobres sofrem mais; sempre.

Os líderes mundiais batem cabeça e propõem soluções como um new deal para alimentos, ou um reforço da ajuda aos países pobres. Há vários paliativos, mas eles fariam melhor se tivessem uma visão global para uma crise globalizada. Os eventos climáticos extremos, que dizimaram plantações em vários países do mundo, são só um prenúncio do

que a mudança climática pode fazer com o planeta: as colheitas ficarão mais incertas, as terras aráveis mais raras. A insegurança alimentar é parte da mudança climática e é para ela que o mundo precisa pensar em soluções mais amplas.

A acusação ao biocombustível como o vilão é o ataque a uma das causas. O etanol de milho, de fato, provocou uma reação em cascata.

Subsidiado, o milho para produzir álcool ficou mais caro e contaminou os preços do milho tradicionalmente produzido, que tinha custos menores. E foi além: contaminou o preço da soja e do trigo, que competem com o milho. Subiu o preço da ração animal e, assim, elevou o preço da carne.

A inflação de alimentos provocou confusão de rua no Haiti, na Indonésia, na Costa do Marfim, no Egito, em Camarões e muita preocupação na China. No Brasil, o que aconteceu até agora é pouco, e precisa de uma separação do que é nosso e do que vem de fora. O preço do pão é inflação de fora; a alta dos legumes é coisa nossa. A alta da soja é internacional; a do feijão, nacional. Quem faz essa separação é o professor

Luiz Roberto Cunha. Ele explica que a chuvarada dos últimos meses foi ótima para apagar o risco de apagão, mas fez um estrago nos canteiros dos produtos in natura.

É problema conjuntural, que vai e volta. Sempre acontecem oscilações assim: — No tomate, a alta foi forte; mas, em outros legumes, é a oscilação natural que depende do regime de chuvas e secas. O feijão subiu por causa da nossa safra. A soja sobe no mundo inteiro e vai bater em óleo de soja. Milho sobe, mas felizmente está menos presente na nossa alimentação que na dos mexicanos e na de outros latinoamericanos.

No arroz, o Brasil é auto-suficiente e só agora havia começado a exportar.

Ontem o governo informou que já suspendeu a exportação de arroz dos seus estoques.

O Brasil sempre produziu muito alimento e pode produzir ainda mais, mesmo nos cenários de aquecimento global. Mas teria que aproveitar o momento e ter uma mudança completa de cultura.

Passei o último fim de semana viajando pela BelémBrasília. É triste o que se vê e o que não se vê. A floresta não existe mais há muito tempo; a produção não ficou em seu lugar. Da margem da estrada, o que se vê principalmente é terra degradada e improdutiva.

Os produtores brasileiros, se querem ocupar mais espaço no mundo, têm que mudar de prática. Não estou falando de todos. Mas alguns fazem sujeira suficiente para estragar a imagem dos produtos brasileiros.

A grande questão, no entanto, é que o mundo está com uma lista de remédios tópicos para um problema que ficou crônico. É preciso que se pense em reorganizar a produção e distribuição de alimentos. O tempo dos subsídios e das barreiras agrícolas impostos pelos Estados Unidos e União Européia tem que acabar.

Isso distorceu o mercado e desestimulou a produção em muito país pobre.

Sem mercado, eles apequenaram sua produção.

Os estudos sobre os efeitos das mudanças climáticas sobre a capacidade do planeta de produzir alimentos têm que ser aprofundados.

Os líderes mundiais precisam pensar em soluções tão grandes quando a tsunami que se aproxima das nossas costas.

Onew deal que a ONU propôs tem que ser com o planeta. A Terra não nos agüenta mais; e essa crise é o mais gritante sinal que o planeta está nos mandando.

**Para governo, petróleo eleva preço de comida em 20%** - Eliane Oliveira – O Globo – Economia – 24/04/2008

BRASÍLIA. As sucessivas altas do preço do petróleo no mercado internacional — que na terça-feira fechou perto de US\$ 120 o barril — encareceram os custos de produção e já tiveram impacto de 15% a 20% nos preços dos alimentos, segundo estimativa do ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes.

Essa relação entre o preço do petróleo e os produtos básicos, cuja corrente de transmissão é formada por frete, insumos e fertilizantes mais caros, tem servido de munição para que o governo brasileiro responda às críticas aos biocombustíveis.

Foi o que aconteceu ontem, em cerimônia no Palácio do Planalto.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva acusou os críticos de serem levianos, por estarem se sentindo incomodados com o aumento da importância do Brasil como grande produtor de alimentos, etanol e biodiesel: — As pessoas começam a ficar incomodadas com o Brasil, e muito incomodadas. Eu diria, muitas vezes, até com leviandades contra o Brasil.

Petróleo fecha em US\$ 118,30, alta de 0,19% Lula lembrou que, em reuniões em organismos multilaterais, o Brasil sofre acusações, de desmatamento a trabalho escravo, e que, agora, a novidade são os biocombustíveis:

— O que é engraçado é que essas pessoas que estão criticando os biocombustíveis e que estão preocupadas com o preço do alimento nunca fizeram uma crítica ao preço do petróleo, que salta de US\$ 30 para US\$ 120.

Nunca reconheceram publicamente o quanto implica, no custo do alimento, o aumento do preço do petróleo; quanto implica na produção de fertilizantes o aumento do petróleo e do gás. E tentam, com uma transferência muito simplista, fazer um debate com o qual nós não devemos nos preocupar, porque esse debate nós ganhamos. Ganhamos economicamente, ganhamos tecnologicamente, e vamos ganhar politicamente.

Ele disse que, agora que o país está produzindo cana-de-açúcar para o etanol, passou a ser tratado como “patinho feio”: — O que não podemos aceitar é que as pessoas que já tiveram todo o seu território devastado venham dizer para o Brasil o que a gente tem que fazer. É uma questão de orgulho, não é uma questão de bravata.

Stephanes lembrou que o Brasil importa, somente em adubos, 70% do que consome.

Os preços dos fertilizantes tiveram reajustes de mais de 70% nos últimos meses.

— Às vezes, dá-se a impressão que o produtor é culpado pela alta de preços. Estamos perante movimentos especulativos dramáticos no mercado internacional de commodities — afirmou o presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), Wagner Rossi.

O preço do barril de petróleo leve americano para entrega em junho subiu 0,19% para US\$ 118,30, com o aumento dos estoques no país em 2,4 milhões de barris na última semana. Os contratos de junho foram tomados como referência ontem, pois os referentes a maio expiraram. Na véspera, os contratos para entrega em maio bateram recorde de US\$ 119,37 o barril.

BID não vai apoiar etanol de milho

## **RIO, BERLIM e SÃO PAULO.**

A polêmica global opondo biocombustíveis a alimentos levou o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) a reavaliar a concessão de financiamento para

projetos que afetem a produção de matérias-primas, como milho e soja, disse Nathaniel Jackson, consultor-sênior do banco. O BID apóia a produção de etanol de cana no Nordeste brasileiro, mas não faria o mesmo no Sudeste, que é mais rico.

— Se há um projeto de cana chegando para nós, perguntamos onde é. Se é lá na área que queremos focar, que o governo quer desenvolver, então ele se encaixa na equação — disse Jackson, no Fórum Latino-Americano de Financiamento à Energia Renovável.

— Biocombustíveis não são uma panacéia.

A Alemanha disse ontem que respeitará a meta da União Européia (UE) de levar a 10% a cota de biocombustíveis no setor de transporte até 2020. A meta vem sendo criticada por alguns países da UE, pelo suposto efeito negativo nos preços de alimentos.

### **Governo age para conter preços de arroz e trigo – Eliane Oliveira e Patrícia Duarte – O Globo – Economia – 25/04/2008**

BRASÍLIA, RIO e SÃO PAULO - Preocupado com a escalada de preços dos alimentos, o ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, disse ontem que serão realizados leilões semanais de arroz, a partir de 5 de maio, com o objetivo de derrubar o preço no mercado interno, que chegou a R\$ 31 a saca de 50 quilos. Já o Conselho Monetário Nacional (CMN) vai injetar R\$ 1,2 bilhão em crédito agrícola com foco especial para os produtores de trigo, além de postergar os prazos de vencimento de dívidas.

Após reunir-se com o setor privado, em especial representantes de indústria e distribuidoras, Stephanes disse ter conseguido o compromisso de que as empresas vão controlar seus estoques e evitar que haja desabastecimento. O resultado dos leilões será fundamental para decisões de restrição à exportação. A venda dos estoques começará com 55 mil toneladas, a R\$ 28 a saca de 50kg de arroz tipo 1.

Ele disse que, em caso extremo, poderá haver restrições às exportações do setor privado. Mas admitiu que ainda há espaço para vendas ao exterior.

Contando com as cerca de 400 mil toneladas exportadas pelo governo este ano, o Brasil não prejudicaria o abastecimento interno se vendesse mais 600 mil a 1,1 milhão de toneladas. Os estoques reguladores públicos somam 1,2 milhão de toneladas de arroz, e o setor privado tem 1,8 milhão de toneladas.

. Nossa preocupação é que não passe desse limite (1,5 milhão de toneladas no ano) . disse Stephanes. .

As exportações podem fluir, mas, se houver risco de desabastecimento, vamos tomar medidas.

.Querem tirar o pirulito de nossa boca.

Restringir exportações seria .um desastre., segundo o presidente da Federação das Cooperativas de Arroz do Rio Grande do Sul, André Barbosa Barreto. O presidente da Câmara Setorial Nacional de Arroz, Francisco Schardong, foi ainda mais enfático: . Querem tirar o pirulito de nossa boca.

Segundo João Márcio Castro, diretor do supermercado Princesa, a escassez de arroz no mercado interno contribuiu para a alta dos preços no último mês. O saco de 5kg saiu da faixa dos R\$ 6 para a casa dos R\$ 8 . numa alta de 33,3%, em média.

Jaime Xavier, diretor do Zona Sul, disse os preços do arroz têm sofrido reajustes freqüentes, já tendo sido aumentados em cerca de 17% nos últimos 45 dias.

Já o presidente da Bolsa de Gêneros Alimentícios do Rio de Janeiro, José de Souza, disse que a procura por arroz na Bolsa de Gêneros Alimentícios do Rio de Janeiro (BGA-RJ) cresceu 50% em abril, o que elevou o preço do fardo de 30kg do grão em 48%, da faixa de R\$ 35 a R\$ 44 no meio do mês, e esta semana, a R\$ 52, sem incluir o frete, que custa pelo menos R\$ 3.

Especialistas não viram com bons olhos a idéia de taxar a exportação do arroz. Para José Augusto de Castro, vice-presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), isso abriria um precedente para se aumentar a arrecadação do governo.

Segundo Pierre Vilela, analista da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais (Faemg), a medida encareceria o produto. Para o economista José Carlos Hausknecht, da MB Agro, taxar a exportação seria um tiro no pé.: . A curto prazo, resolve a questão dos preços. Mas somente a curto prazo.

O ex-ministro da Agricultura Roberto Rodrigues criticou travas à exportação do arroz, mas disse não ver riscos de desabastecimento no país. COLABORARAM Aguinaldo Novo e Vivian Pereira Nunes, do Globo Online

**Alta nos preços dos alimentos já é crise global, diz a ONU – Folha de São Paulo – Dinheiro – 26/04/2008**

**Para o secretário-geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon, questão ameaça o crescimento e a estabilidade mundiais - Na tentativa de buscar uma "ação coordenada" para combater o problema, chefe da ONU convocou reunião para a próxima semana**

A alta nos preços dos alimentos já se configura em uma "crise global" e ameaça o crescimento e a segurança mundiais, disse ontem o secretário-geral da ONU (Organização das Nações Unidas), Ban Ki-moon. Ele convocou uma reunião para a próxima semana em Berna, na Suíça, para buscar uma "ação coordenada" imediata contra a crise.

"A ONU está muito preocupada, assim como todos os membros da comunidade internacional", afirmou Ban Ki-moon, na abertura de uma conferência sobre comércio e desenvolvimento, em Gana.

Somente neste ano, os preços do arroz praticamente triplicaram na Ásia, enquanto a insatisfação com os altos custos dos alimentos e dos combustíveis desencadeou violentos protestos em várias partes do mundo.

Aumento na demanda por parte de países em desenvolvimento, expansão do cultivo para biocombustíveis e enchentes e secas em países produtores estão entre as razões apontadas para o aumento dos preços.

De acordo com estimativas do secretário-geral da ONU, cerca de 100 milhões de pessoas entre as mais pobres que antes não precisavam de ajuda humanitária agora não terão condições de arcar sozinhas com os preços de alimentos.

"No curto prazo, precisamos combater a crise humanitária que vem afetando os mais pobres", afirmou Ban Ki-moon. Mas a médio e a longo prazos, "a comunidade internacional e seus líderes devem dialogar para ver como podemos melhorar o sistema econômico, o sistema de distribuição e de que forma podemos promover nova produção de produtos agrícolas", acrescentou.

**Reunião de urgência** - Ban Ki-moon convocou uma reunião para segunda e terça-feiras em Berna, na Suíça, para discutir a crise alimentar.

Devem participar o presidente do Banco Mundial, Robert Zoellick, a diretora-executiva do PMA (Programa Mundial de Alimentos), Josette Sheeran, e o diretor-geral da FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação), Jacques Diouf. O diretor-geral da FAO sugeriu ontem que a comunidade internacional conceda subsídios aos países em desenvolvimento para compensar a ajuda governamental oferecida aos agricultores das nações desenvolvidas. *\*Com agências internacionais*

**Lula afirma que a crise no setor "é passageira"** – Mauricio Simionato e Silvia Freire – Folha de São Paulo – Dinheiro – 26/04/2008

No dia em que a ONU fez um alerta sobre a disparada dos preços dos alimentos, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse, em Campinas (95 km de SP), que a crise "é passageira" e que o aumento dos preços acontece porque hoje "tem mais pobres comendo". "Tem mais chineses, indianos, africanos, brasileiros e latino-americanos comendo, e a produção de alimento não cresceu proporcionalmente à demanda que a sociedade está tendo", disse durante discurso.

Lula anunciou ontem, em Campinas, investimento de R\$ 243,6 milhões para o início das obras do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) nas cidades das regiões de Campinas, Sorocaba e Jundiaí.

"Isso [crise no preço dos alimentos] não pode ser visto como uma coisa perigosa, não. Isso é uma coisa passageira", disse. "Portanto é uma crise que pode ser muito curta, aí vale para a soja, para o feijão e para o arroz. Não vale tanto para o trigo, porque a gente tem de importar trigo." O presidente afirmou ainda que o governo decidiu que vai aumentar a produção interna de trigo para depender menos da Argentina.

**Cana-de-açúcar** - Lula chamou de "mentiras deslavadas" as alegações de outros países de que "a cana-de-açúcar está sendo produzida na Amazônia". O presidente disse ainda que não vai aceitar que estrangeiros digam que o cultivo da cana no Brasil utiliza trabalho escravo.

"Não ficaremos quietos se continuarem as mentiras deslavadas sobre o etanol brasileiro ou sobre o biodiesel brasileiro. Não é uma briga do presidente da República. Não

podemos aceitar que eles digam que a cana-de-açúcar tenha trabalho escravo. Pode ter empresários que não pagam corretamente", disse.

Em Paulínia, Lula afirmou ser uma "falácia" afirmar que o álcool causa aumento no preço dos alimentos. "Quando parecia que as coisas estavam andando mais ou menos certo aparece a idéia, que eu chamaria de falácia, de tentar dizer que a produção de biocombustível é responsável pelo aumento dos alimentos que está acontecendo no mundo inteiro."

O presidente criticou também a taxaçoão sobre o álcool brasileiro imposta pelos EUA. O presidente disse que o Brasil irá entrar na "guerra" em defesa da produção do álcool.

**Guerra** - "Espero que essa guerra não aconteça, mas, se eles quiserem fazer guerra tecnológica, guerra verbal, fazer a guerra ambiental, é importante que eles saibam que faz muito tempo que o Brasil não quer participar de guerra, mas o Brasil dessa certamente não fugirá."

Lula afirmou que o debate sobre a produção do álcool é comercial e pediu para que os brasileiros meçam as palavras quando falarem do assunto.

"Temos que medir as nossas palavras porque cada bobagem que a gente fala no Brasil hoje é logo veiculada pela internet ou pela imprensa nos países europeus. E, quando a gente fala que está tendo muita queimada no Brasil, quando fala que tem não sei o que no Brasil, eles esfregam na cara da gente lá fora o que nós mesmos falamos de nós", disse o presidente.

Em entrevista após a solenidade, o presidente afirmou que citou os Estados Unidos em seu discurso pois se trata de uma briga comercial e que fica "irritado" quando ouve mentiras. "Eu fico muito irritado quando vejo mentiras, quando vejo as pessoas deixarem de fazer o debate sério e ficarem contando mentiras", afirmou. "Eu me sinto extremamente feliz quando vejo que o povo está comendo mais."

#### **Pressionado por alimentos, IPCA-15 sobe 0,59%** - Folha de São Paulo – Dinheiro – 26/04/2008

Mais um indicador sinaliza a persistente alta dos preços dos alimentos: o IPCA-15 subiu 0,59% em abril e superou em 0,36 ponto percentual o índice de março (0,23%). O indicador mais do que dobrou em razão dos fortes aumentos dos preços dos alimentos, cuja variação média saltou de 0,40% em março para 1,28% em abril. Somente os produtos alimentícios responderam por metade do IPCA-15 de abril -0,28 ponto percentual. O repique dos alimentos impulsionou o índice acumulado nos últimos 12 meses: a taxa de 4,94% é maior do que a de 4,55% dos 12 meses encerrados em março. Está, portanto,



acima do centro da meta do governo, fixada em 4,5% -há um intervalo de tolerância de dois pontos para cima ou para baixo.

Segundo o IBGE, "vários produtos alimentícios apresentaram alta". O destaque ficou com o pão francês, cujo preço médio subiu 6,95% em abril. Foi a maior contribuição individual para o IPCA-15.

Além do pão, todos os demais derivados de trigo também ficaram mais caros. A farinha subiu 3,71%. Os alimentos que aumentaram na esteira da alta das commodities no mercado internacional e de problemas de oferta foram óleo de soja (8,82%), açúcar cristal (4,89%) e leite pasteurizado (3,41%).

Segundo Marcela Prada, economista da Tendências, o IPCA-15 superou as expectativas e sinalizou um risco cada vez maior de a inflação estourar a meta. No acumulado em 12 meses, os preços dos alimentos já registram uma alta de 11,95%. Prada diz, porém, que alta do custo dos alimentos não é um problema exclusivo do Brasil. "O preços estão subindo em todo o mundo. No Brasil, a inflação sobe por causa desse choque externo e não por causa de pressões de demanda."

Para a economista, o BC teria de elevar substancialmente os juros para conter o consumo de outros produtos e compensar a pressão dos alimentos, o que não seria a melhor escolha. "Em muitos países, a inflação já supera a meta, e os bancos centrais têm de acomodar esse choque dos alimentos."

Em abril, além dos alimentos, outros itens importantes também pressionaram o índice, como álcool (1,36%), gasolina (0,54%), vestuário (1,35%), energia elétrica (1,30%) e taxa de água e esgoto (0,98%).

**Município de São Paulo** - Também divulgado ontem, o IPC (Índice de Preços ao Consumidor) da Fipe (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas da USP) registrou inflação de 0,49% na terceira quadrimestre do mês (período de 30 dias até 22 de abril).

O índice foi o mais alto desde o dado final de janeiro, quando houve alta de 0,52%. Segundo a Fipe, o índice da categoria saúde foi o mais alto dentre as sete que são apuradas, mostrando avanço de 0,77% no período, contra 0,39% na quadrimestre imediatamente anterior.

Em seguida veio o índice da categoria alimentação, com alta de 0,67%. O índice referente à segunda leitura deste mês havia sido 0,56%. A categoria despesas pessoais teve alta de 0,40%, contra alta de 0,29% na semana passada. Na categoria habitação, o índice mostrou alta de 0,51%, contra 0,50% uma semana antes. Já a categoria transporte registrou alta de 0,22% -ligeira desaceleração em relação ao índice anterior, 0,23%. Na categoria vestuário, o índice teve um recuo, passando para alta de 0,59%, contra 0,77% uma semana antes. *\*Colaborou a Folha Online*

**Cassel defende no RS maior produção de alimentos** – Sítio Eletrônico do MDA – 26/04/2008

Na abertura da 17ª Feira Nacional da Soja (Fenasoja), em Santa Rosa (RS), o ministro do Desenvolvimento Agrário, Guilherme Cassel, ressaltou neste sábado (26) que a produção de alimentos é crucial ante a crise mundial de preços. Cassel representou o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia. A governadora do Rio Grande do Sul, Yeda Crusius, o prefeito de Santa Rosa, Alcides Vicini, o líder do Governo na Câmara dos Deputados, Henrique Fontana, e o presidente da Fenasoja, Milton Racho, também estiveram presentes na solenidade de abertura.

“Esta feira acontece em um momento especial, de aumento de preços dos alimentos, o que coloca de novo na pauta brasileira a pauta dos alimentos. Este momento garante aos agricultores preços altos, por isso temos de apostar ainda mais na agricultura e produzir alimentos em quaisquer lugares e regiões deste estado para contornar eventuais crises”, destacou Cassel, em contraponto à destinação de grandes áreas a outros tipos de plantio, como o de eucalipto.

Cassel lembrou sua participação, há dois anos, na edição anterior da Fenasoja e das críticas na época contundentes a ações do Governo Federal. “Alguns afirmavam que, com o dólar baixo, a agricultura seria atingida. Dois anos depois, a gente confirma que as medidas do governo estavam acertadas. Estávamos certos em apostar na produtividade da agricultura e na agricultura familiar”, reforçou.

A agricultura familiar é responsável por mais de 60% de todos os alimentos que chegam à mesa do consumidor brasileiro e por 80% de toda a mão-de-obra no campo no Brasil. Somente no Plano Safra da Agricultura Familiar 2007/2008, o Governo Federal destinou R\$ 12 bilhões a esse segmento produtivo, cada vez mais importante na economia brasileira – já responde por 10% do Produto Interno Bruto (PIB). Há hoje 4,2 milhões de estabelecimentos da agricultura familiar em todo o País.

**Diversificação produtiva** - O ministro Guilherme Cassel também lembrou na abertura da Fenasoja a atuação do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) pela diversificação da produção nas lavouras – no Rio Grande do Sul, já se destaca, por exemplo, o trabalho pela diversificação da cultura do fumo.

“Como estamos em um momento de ganho na agricultura, este é o momento ideal para pensarmos na diversificação. É necessário criar alternativas”, alertou o ministro, pouco antes de visitar os estandes da Fenasoja, que concentram 600 expositores até o dia 4 de maio. A expectativa é de que os negócios superem os R\$ 30 milhões este ano. O Governo Federal destinou R\$ 1 milhão de apoio ao evento, que ocorre no Parque Municipal de Exposições Alfredo Leandro Carlson.

Também participaram da cerimônia de abertura da Fenasoja o delegado federal do MDA/RS, Nilton Pinho de Bem, e o assessor para Assuntos Federativos do MDA, Orlando Desconsi.

**Crise agrícola gera oportunidade ao país** – Mauro Zafalon – Folha de São Paulo – Dinheiro – 27/04/2008

**Brasil deve aproveitar momento para fazer acordos longos com importadores, obter investimento e avançar na industrialização - No entanto, ainda existem barreiras internas para aumentar participação no mercado de alimentos, como juros altos e impostos**

A crise atual no setor de alimentos abre grandes oportunidades para o Brasil. Mas o país não pode pensar só em volume, como sempre ocorreu, mas em estratégias de produção e de comercialização mundial.

Seguramente o mundo não será mais o mesmo nas negociações internacionais após o forte desequilíbrio atual entre produção e consumo. E esse desequilíbrio, diferentemente do que se verificou em outras crises, não tem um peso preponderante das quebras de safras, mas de elevação de consumo. Os emergentes têm mais renda e comem mais e melhor. Demanda por alimentos de um lado e biocombustíveis de outro levaram, aos poucos, os estoques mundiais para níveis perigosos neste momento.

Os EUA, por exemplo, líderes mundiais em produção de milho, mas que adotaram o produto como energia alternativa, chegam ao final do ano-safra 2008/9 com estoques suficientes para apenas mais 14 dias. O de soja será de apenas 34 dias.

Oferta aquecida, demanda apertada e estoques baixos foram o estopim para uma aceleração nos preços, incrementada ainda mais pelos fundos de investimentos, que também escolheram as commodities agrícolas para investir.

Com esse cenário, a menos que haja uma redução muito forte no ritmo da economia mundial, a demanda por alimentos vai continuar forte e, nos patamares atuais de produção, a reposição dos estoques demora alguns anos.

Países como Japão e China, grandes importadores de alimentos e com muito dinheiro em caixa, provavelmente vão pensar em abastecimento de produtos básicos com uma visão de mais longo prazo.

**Alto custo** - Aí entram as oportunidades do Brasil. O país elevou em muito a produtividade nos últimos anos, mas ainda patina no processo de produção devido a elevados custos e baixo poder financeiro dos produtores.

Governo, cooperativas e câmaras de comércio deveriam buscar acordos internacionais de longo prazo com esses países carentes em alimentos e torná-los responsáveis pela comida que consomem, do plantio à produção final.

O Japão, por exemplo, um dos grandes importadores mundiais de alimentos, empresta dinheiro a um juro próximo de 0,5% ao ano no mercado financeiro mundial. Com

uma taxa semelhante, os agricultores brasileiros diminuiriam em muito os custos, elevariam a rentabilidade e estariam dispostos a investir ainda mais na agropecuária.

Os produtores brasileiros, de certa forma, já fazem vendas antecipadas às tradings, mas indiretamente acabam tendo, embutidas no produto vendido, taxas de até 8% de custos financeiros, descontados dos preços finais. Essa diferença de taxas significaria um grande ganho para o produtor.

Os contratos de produção com esses países poderiam contemplar, ainda, uma garantia de seguros de produção, um dos gargalos dos brasileiros no momento. Os contratos poderiam ser de longo prazo, de cinco a dez anos, o que garantiria abastecimento aos importadores e investimentos por aqui na produção. Quanto aos preços finais dos produtos, seriam ajustados conforme valores vigentes no mercado internacional de cada período. Outra grande oportunidade para o Brasil neste momento é a agregação de valores. O Brasil deveria pensar em uma estratégia de longo prazo para elevar a industrialização, diminuindo as vendas externas de matérias-primas, com menor valor. Isso significa romper algumas barreiras impostas por muitos países importadores. E este é o melhor momento porque eles precisam de alimentos.

**Mudanças tarifárias** - Mas, para isso, o país precisa de mudanças tarifárias internas. A passagem de matérias-primas de um Estado para outro pode tornar a industrialização inviável devido à diferença de impostos interestaduais.

No caminho inverso, o adubo importado pode chegar a Mato Grosso sem pagar impostos, mas, se sair de misturadoras brasileiras, é tributado, elevando o custo.

O Brasil pode ser um dos principais fornecedores de alimentos e de biocombustíveis, principalmente por deter a maior disponibilidade de terras agricultáveis do mundo.

Com isso, o país poderia aprimorar acordos com países dependentes em alimentação ou empresas ligadas ao setor para desenvolver também a infra-estrutura, um dos gargalos para o setor de grãos.

Os investimentos feitos por esses países ou empresas garantiriam acesso a produtos de que necessitam.

**Crítica a biocombustível vem de lobby, diz especialista** – Denise Godoy - Folha de São Paulo – Dinheiro – 27/04/2008

Para o advogado Durval de Noronha Goyos Junior, 56, uma das maiores autoridades brasileiras em direito do comércio internacional, acusar os biocombustíveis de provocar a disparada dos preços dos alimentos é uma manobra dos setores agropecuários dos países mais desenvolvidos, que recebem pesados subsídios dos seus governos.

Noronha, que foi nomeado árbitro do Brasil na OMC (Organização Mundial do Comércio), mas no momento atua defendendo os interesses de nações e empresas em disputas no âmbito do organismo, diz-se preocupado com os rumos da Rodada Doha. "Não vejo concessões por parte dos países ricos", disse ele em entrevista à **Folha**. Leia abaixo trechos da conversa. ★

**FOLHA - Quando o FMI (Fundo Monetário Internacional) e o Banco Mundial disseram que os biocombustíveis estão tomando o lugar dos alimentos nos campos das nações pobres, o ministro brasileiro das Relações Exteriores, Celso Amorim, respondeu que os países ricos deveriam cortar os subsídios aos seus agricultores para estimular os países em desenvolvimento a aumentar o cultivo. O raciocínio está correto?**

**DURVAL DE NORONHA GOYOS JUNIOR** - Sim, mas a situação é muito mais complexa. É verdade que os subsídios desencorajam a produção dos países pobres. Os incentivos trouxeram iniquidade e desesperança às relações internacionais. No entanto, não é só isso que explica a alta dos preços. As turbulências no mercado imobiliário americano e no de capitais fizeram com que os recursos migrassem para o petróleo, o ouro e os produtos agrícolas.

**FOLHA - É consenso que os combustíveis fósseis terão que ser substituídos e muitos países já passaram a adicionar álcool à gasolina, mas, apesar disso, eles lançam essas reclamações sobre os biocombustíveis. Como explicar tal paradoxo?**

**NORONHA** - Nessas nações, alguns setores, como o consumidor -que quer os grãos baratos- e os sindicatos trabalhistas -que desejam manter os empregos- fazem pressão. Um dos fatores que motivam o debate sobre os biocombustíveis e a falta de alimento no mundo é o lobby do segmento protegido dos países desenvolvidos, que quer a manutenção dos subsídios. O livre comércio é só retórica. Nos EUA, para cada US\$ 1 produzido pelo setor agrícola, os fazendeiros recebem US\$ 1. Então, o país somente é uma economia de mercado no que interessa -quando perde no jogo, deixa de sê-lo.

**FOLHA - Como é que se acaba com o impasse na Rodada Doha?**

**NORONHA** - Eu me preocupo muito porque não vejo concessões por parte dos países desenvolvidos. Por outro lado, o Brasil teria que reduzir substancialmente as tarifas à importação de produtos industrializados. Porém, nós desequilibramos as regras contra os nossos interesses, pois não temos condições adequadas de competitividade devido ao câmbio sobrevalorizado. A tarifa fica sendo a única forma legítima de proteção do setor industrial doméstico. A agenda de negociação [de Doha] é a dos países desenvolvidos e a

conclusão desses trabalhos vai se mostrar mais uma vez desvantajosa para os países pobres. A OMC é um organismo multilateral destinado a promover a prosperidade de poucos em detrimento de muitos.

***FOLHA - E como o senhor avalia o desempenho da diplomacia comercial brasileira nessa questão?***

***NORONHA*** - É tradicionalmente pífio. O Brasil é o único país do mundo que usa diplomatas em negociações comerciais. O diplomata não foi treinado pra isso. Ele foi treinado para a conciliação, e não para o debate. O comércio é um relacionamento humano muito agressivo, que requer outras habilidades.

***FOLHA - O seu foi o primeiro escritório latino na China, com inauguração em 2001. O que o país pode ensinar ao Brasil em termos de estratégias para o comércio exterior?***

***NORONHA*** - Vamos ter um déficit nas relações comerciais com a China que pode ficar entre US\$ 6 bilhões e US\$ 8 bilhões neste ano. A vantagem da China nas transações com o Brasil se explica principalmente pelos fatores macroeconômicos. O câmbio chinês está subvalorizado em 25%, enquanto o nosso se encontra supervalorizado em 35%. No que diz respeito a medidas de facilitação para os negócios, os chineses possuem melhor legislação e sistema tributário. Além disso, as taxas de juros lá são negativas e a nossa é a maior do mundo. Para a China também é essencial o planejamento estatal, que nós deixamos de fazer.

**Falso vilão – O Globo – Opinião – 27/04/2008**

O aumento da renda nos países emergentes, especialmente na Ásia, onde estão as nações mais populosas do planeta e há um processo acelerado de urbanização, é, sem dúvida, a razão principal da forte elevação dos preços dos alimentos nos últimos anos. Fenômenos climáticos também prejudicaram o crescimento da produção em várias regiões, e o setor tem sido ainda conturbado por movimentos financeiros especulativos que estimulam a retenção de estoques.

Mas é inegável que esse cenário seria hoje menos perturbador se os países ricos não insistissem com uma política interna irracional de subsídios que vem funcionando como limitador da expansão da produção agropecuária exatamente onde existe mais oportunidade de crescimento. Ou seja, em nações como o Brasil, que é beneficiado por custos declinantes de produção, espaço físico e clima favorável, além de dominar tecnologias que possibilitam ganhos expressivos de produtividade.

O Congresso americano trabalha no momento na aprovação final do programa de subsídios agrícolas (Farm bill) para os próximos cinco anos. Será, novamente, uma montanha de dinheiro: US\$ 300 bilhões, valor que manterá as conhecidas distorções nos mercados mundiais, impedindo o aumento da produção em outros países. Sequer é levada em conta a alta de preços, a qual teria de resultar num corte nesses subsídios.

Curiosamente, o foco dessa discussão se afastou das conseqüências dos subsídios e se direcionam para eleger como vilão de todos os problemas a produção dos chamados biocombustíveis.

Trata-se de uma grande falácia, como se pode observar pelo próprio Brasil. O aumento da produção de etanol brasileiro é derivado mais de ganhos de produtividade do que da ampliação das áreas de plantio.

Mesmo assim a expansão que se verificou não foi suficiente para deslocar culturas tradicionais (geralmente o que se tem ocupado são pastagens degradadas). E o país nem começou a exportar álcool em larga escala.

Este ano, o Brasil colherá a sua maior safra de grãos (mais de 130 milhões de toneladas), com destaques para soja e milho. É bem provável que também venha a ter uma boa colheita de trigo, apesar das dificuldades para o cultivo interno do cereal. As exportações brasileiras de açúcar são crescentes, tal qual as de café e de todos os tipos de carne. Se a comparação for feita em relação aos Estados Unidos, por exemplo, fica claro que os subsídios lá distorcem a oferta de milho para uso na alimentação e em energia.

O resto é cortina de fumaça.

#### **Alimentos em alta podem elevar calote – O Globo – Capa – 27/04/2008**

A escalada dos preços dos alimentos pode elevar a inadimplência e reduzir o consumo. Com as altas, aumenta a parcela da renda das famílias de menor poder aquisitivo comprometida por despesas com comida, que hoje chega a um terço do total mensal. O resultado é um golpe no ciclo de crescimento.

**Páginas 29 a 31**

#### **Tentáculos dos alimentos caros – Patrícia Duarte e Erica Ribeiro – O Globo – Economia – 27/04/2008**

A escalada dos preços dos alimentos, acentuada nas últimas semanas, põe em xeque não apenas a meta de inflação do país. Comerciantes, economistas e bancos alertam que o maior comprometimento da renda das famílias de menor poder aquisitivo — nas quais a alimentação consome até um terço das despesas mensais — pode ter reflexos no nível de inadimplência e no ímpeto de compra dos brasileiros.

Este seria um golpe no atual ciclo de crescimento econômico, inflado há mais de dois anos pelo aquecido consumo doméstico.

O avanço dos preços de arroz, feijão, pães e massas tende a elevar os gastos nos supermercados, reduzindo a folga orçamentária para comprar bens duráveis (como eletrodomésticos), vestuário e até gêneros alimentícios supérfluos, como iogurte e refrigerantes. Também pode abocanhar parte do salário reservada à quitação dos financiamentos contraídos nos últimos tempos de bonança. Estes são marcados por estabilidade, ganhos salariais e queda de juros, beneficiando especialmente quem recebe até seis salários mínimos por mês. Com isso, essas famílias se endividaram mais.

— Cerca de 20 milhões de novos consumidores entraram no mercado de crédito nos últimos dois anos, basicamente de baixa renda. Agora, é preciso ter mais cautela na concessão de crédito — reconhece o economistachefe da Associação Comercial de São Paulo, Marcel Solimeo.

A manicure Maria Batista Brito já sente o aperto. Para manter a mesma lista de compras sem gastar muito, ela teve de trocar itens como arroz, feijão e açúcar de marcas conhecidas por outras mais baratas. Maria gasta R\$ 200 por mês em sua casa, onde mora com o marido, e R\$ 80 por quinzena com as compras de alimentos para a casa de sua mãe: — Se continuasse comprando produtos de marca gastaria, no mínimo, R\$ 50 a mais. O pacote de cinco quilos de arroz de marca conhecida custa R\$ 11, e o de marca própria, R\$ 7. Ainda está caro, mas já é uma economia.

Recorrer a promoções é a saída para redes supermercadistas, principalmente as voltadas para as classes B, C e D, atraírem clientes e, assim, driblarem a perda de receita. Ronaldo Teixeira, diretor da RedeEconomia, com 50 lojas no Rio, diz que o arroz é um dos itens que entraram na lista de substituições do consumidor: — Produtos em promoção são os mais vendidos, e a saída para chamar a atenção do cliente. Além do arroz, iogurte, açúcar e leite longa vida são trocados pelos de menor preço.

Genival de Souza, diretor do Prezunic, diz que os reajustes chegaram a todas as categorias de produtos, e que as tabelas de fornecedores estão com até 10% de alta para o varejista: — Estamos tentando não repassar ao consumidor. Mas em algum momento isso acontecerá. A maior dificuldade é renovar promoções, pois elas tornam a loja atraente. É preciso negociar muito com fornecedores.

#### **Calote aumentou no primeiro trimestre**

Segundo o assessor econômico da empresa de análise de crédito Serasa, Carlos Henrique de Almeida, já se vê uma inadimplência maior: alta de 6,5% no primeiro trimestre do ano, contra 1,2% em igual período de 2007: — Aumento de preços significa mais para as classes de renda baixa e pode gerar mais inadimplência.

A manicure Maria também se enquadra nesse perfil. Ela já está com duas parcelas do computador comprado recentemente atrasadas. Pretende renegociar a dívida com a loja.

Os dados da inflação medida pelo IPCA, do IBGE, mostram reajustes de alimentos acima do previsto. Entre janeiro e março, o feijão subiu 46,06%; tomate, 56,72%; óleo de soja, 25,47%; e massas e pães, 6,20%. Na prévia de abril, a pressão continua: a inflação dos alimentos atingiu 1,28%, o triplo da alta em março (0,40%).

— Os preços dos alimentos mudaram de patamar — diz a coordenadora do Núcleo de Preços do IBGE, Eulina Nunes, lembrando que, em 2007, houve alta de 10,79%.

Pelas contas do economista-chefe da Concórdia, Elson Teles, os preços dos alimentos e bebidas subirão 9% em 2008, quase o dobro do previsto no início do ano. Problemas climáticos no mundo e possibilidade de escassez estão encarecendo as commodities: — As pessoas vão ter de olhar para o orçamento. Não dá para parar de comer, mas de comprar roupas e eletrodomésticos — diz Teles.

Outro efeito, para a inadimplência e o consumo, é a retomada da alta dos juros. No dia 16, o BC elevou a Taxa Selic de 11,25% para 11,75% ao ano e, para o mercado, ela pode fechar 2008 acima de 13%.

— Esses efeitos (inflação e juros maiores) afetam a população de renda menor, diminuindo o consumo. Mas pode haver mais inadimplência. Estamos em alerta — diz Maércio Soncini, diretor da Associação Brasileira de Bancos (de pequeno e médio portes).



— O problema maior são os juros elevados — concorda o coordenador do Núcleo Econômico da FecomércioRio, João Carlos Gomes.

Com os alimentos mais caros, a saída é rever o orçamento e poupar para comprar à vista. Se não der, o vice-presidente da Anefac (associação de executivos de finanças), Miguel Oliveira, aconselha as pessoas a colocarem no papel o custo de empréstimos e ver se cabem no bolso.

**Em meio à crise, Brasil tem chance de avançar no mercado externo** - Eliane Oliveira – O Globo – Economia – 27/04/2008

BRASÍLIA. Se a crise dos alimentos pode afetar o bolso do cidadão e a expansão do consumo, por outro lado pode render benefícios comerciais ao Brasil. O descompasso entre a oferta e o aumento da demanda por produtos básicos no mundo deve fazer do país um grande exportador de bens agrícolas que, até pouco tempo atrás, tinham volumes inexpressivos na pauta. Os casos mais evidentes são os do milho e do arroz.

As exportações de milho aumentaram 182% nos últimos dois anos, devido à redução da oferta no mercado externo, causada pelo aumento da produção de etanol nos Estados Unidos. Com isso, o Brasil tomou o lugar dos americanos como fornecedor do cereal para países como Portugal, Espanha e Israel.

Com o arroz, acreditam governo, especialistas e representantes do setor privado, não será diferente. Diversos países asiáticos suspenderam suas exportações para garantir o abastecimento interno.

Ao mesmo tempo, o ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, já fala em embarques de até 1,5 milhão de toneladas este ano, contra apenas 313 mil em 2007, sem comprometer o atendimento da demanda doméstica.

Mais do que isso, alertou o ministro pelo menos duas vezes na semana passada, a saída será impor barreiras. — Esta é uma grande oportunidade para o Brasil se tornar um player também nesses produtos. O Brasil é o país da oferta — afirmou o presidente da Associação Brasileira dos Produtores e Exportadores de Suínos, Pedro Camargo Neto.

Próxima safra deve superar produção agrícola atual Para o economista José Julio Senna, da MCM Consultoria, é importante que não haja restrição ao comércio internacional neste momento.

Recorrer a medidas protecionistas, como fizeram a Argentina com o trigo e países asiáticos com o arroz, só tende a agravar a situação a médio e longo prazos.

— O agricultor precisa dos bons momentos do mercado para se dedicar à produção. Se os preços estão elevados e o produtor tem sua atividade restrita, fica desestimulado — disse Senna.

A grande aposta é que a próxima safra agrícola vai superar de forma significativa a produção atual, de 140,7 milhões de toneladas. Os preços estão bons para todos os produtos, incluindo soja e feijão.

E as cotações dessas commodities no exterior são fatores estimulantes para o agricultor brasileiro investir mais, apesar do alto nível de endividamento.

Isso será resolvido com uma medida provisória que está sendo preparada pelo governo. Abastecimento de trigo preocupa no Brasil Também é esperado um aumento de 25% na produção de trigo. Para isso, foram anunciadas medidas que vão desde a expansão

dos recursos para o plantio da safra que será colhida a partir de julho até um reajuste de 20% no preço mínimo de garantia do governo, passando a R\$ 480 a tonelada .

— Há uma crise mundial, mas o Brasil está em uma situação privilegiada — disse o presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), Wagner Rossi.

O professor Antônio Carlos Félix Ribeiro, do Núcleo de Apoio à Competitividade e Sustentabilidade de Agricultura da UnB, defende a implementação de uma política de governo mais efetiva e voltada ao aumento da produção e da produtividade.

— É como o futebol. O Brasil não pode se contentar com a fama de ser o melhor. Tem que jogar bem — afirmou.

Apesar das medidas anunciadas pelo governo na semana passada, o trigo é o maior problema em termos de abastecimento.

A cotação do produto subiu 103% lá fora e 90% no mercado doméstico nos últimos 12 meses. O consumidor brasileiro já paga até 25% mais pelo pão francês, pelas massas e pelo macarrão. Para piorar, o grande fornecedor, a Argentina, suspendeu as exportações do grão, e, desde janeiro, entraram apenas cem mil toneladas de trigo americano e canadense.

— O Brasil tem alternativas.

Uma delas consiste na mudança de hábito de consumo: menos pão e biscoito; mais mandioca, carne, leite, derivados de soja, arroz e feijão. Tudo isso enriquece a dieta e fornece proteína — diz o presidente do Centro Brasileiro de Relações Internacionais, José Botafogo Gonçalves.

**'A situação atual foi provocada por colheitas ruins e pela especulação'** – O Globo – Economia – 27/04/2008

BERLIM. Para o ex-comissário de Agricultura da União Européia (UE) Franz Fischler, a explosão dos preços dos alimentos é causada pela especulação e por colheitas ruins, e, por isso, um freio na produção de biocombustíveis não seria solução. O austríaco de 63 anos disse que uma prova disso é que a principal razão das rebeliões em países do Sudeste da Ásia foi a disparada de 100% do preço do arroz, produto que não está relacionado aos biocombustíveis. Segundo ele, o motivo desse aumento foi a especulação. No caso de outros produtos agrícolas, Fischler cita as colheitas ruins em Austrália e Ucrânia e o salto na demanda por alimentos em Índia e China como as principais causas da especulação. Com a melhora das colheitas, ele espera uma nova acalmada dos preços, mas a pressão continuará, porque a população mundial ganha, a cada ano, FISCHLER: “EM junho, teremos o menor estoque de alimentos em 30 anos” 80 milhões de pessoas. (Graça Magalhães-Ruether)

Países já sofrem catástrofe por causa do arroz 'O problema dos subsídios hoje ocorre em Canadá e EUA'

**Graça Magalhães-Ruether**

**Correspondente**

**O GLOBO: O senhor vê relação entre a explosão dos preços de alimentos e o aumento da produção de biocombustíveis? FRANZ FISCHLER:** Há diversos motivos para a explosão dos preços, e a produção de biocombustíveis não é um deles, ao menos no momento. A situação atual foi provocada por colheitas ruins em grandes países produtores e pela especulação.

**O presidente Lula defendeu os biocombustíveis, alegando que o Brasil tem um território grande o bastante para produzir etanol e alimentos em abundância. O senhor concorda? FISCHLER:** Lula tem razão. O Brasil produz biocombustível de cana-de-açúcar. As acusações de que o país destrói a floresta amazônica para plantar cana não têm fundamento.

**A especulação se deveu a uma redução da produção? FISCHLER:** A situação começou a piorar depois das colheitas ruins em Austrália, Ucrânia e outros grandes produtores. Mas há outro aspecto: o aumento explosivo da demanda por alimentos em países como Índia e China. Em junho, teremos o menor estoque de alimentos dos últimos 30 anos. Segundo a FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação), os estoques em junho terão a capacidade para alimentar o mundo por apenas 37 dias.

Essa situação, que é real, alimentou a especulação no comércio de alimentos.

**A demanda por gêneros alimentícios continuará aumentando nas mesmas proporções? FISCHLER:** Se levarmos em consideração que a população mundial aumenta a cada ano em 80 milhões de pessoas — o que equivale à população da Alemanha — e que teremos nos próximos anos uma migração intensa do campo para a cidade, há motivo de pessimismo.

**Na UE, a agricultura foi, por décadas, altamente subsidiada, arruinando a produção de muitos países em desenvolvimento.**

**FISCHLER:** Sim. Nos anos 80, a exportação de alimentos era altamente subsidiada. Mas, hoje, o problema dos subsídios às exportações ocorre no Canadá e nos Estados Unidos.

**Há perigo de uma catástrofe de fome no mundo? FISCHLER:** Em muitos países, já há uma catástrofe, o que não é resultado dos cereais, mas do arroz, cujos preços aumentaram 100%. E o arroz não tem nada a ver com biocombustível ou etanol.

Nesse caso, há um grande componente de especulação.

**Muitos países, inclusive o Brasil, vão suspender exportações. O senhor acha a medida correta? FISCHLER:** Não, porque resulta apenas em pânico, aumentando o elemento especulativo.

**Lula quer medidas de estímulo a alimentos** – Valdo Cruz – Folha de São Paulo – Dinheiro – 28/04/2008

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva encomendou aos ministros Guido Mantega (Fazenda) e Reinhold Stephanes (Agricultura) medidas para estimular a produção de alimentos de consumo popular que estão com preços em alta, como arroz, feijão, leite e trigo.

Entre as medidas, está a concessão de financiamento a juros baixos para incentivar fazendeiros não só a manter esses tipos de produção como aumentá-los. O governo teme que produtores rurais abandonem algumas culturas em busca de outras com preço em alta no mercado internacional.

Segundo um assessor de Lula no Palácio do Planalto, o presidente se reuniu na semana passada com Mantega e Stephanes e pediu "medidas específicas" de incentivo à produção de alimentos de consumo popular visando evitar desabastecimento e alta de preços, que podem levar o Banco Central a manter por mais tempo o processo de alta dos juros.

Trigo e arroz preocupam mais o governo no momento. A escassez de trigo, principalmente por conta das restrições impostas pela Argentina na venda do produto ao Brasil, já encareceu o preço do pãozinho nos últimos dias. No caso do arroz, o governo já decidiu vender parte de seus estoques para conter a alta do cereal.

Na reunião de coordenação da semana passada, Lula discutiu com sua equipe a crise no setor de alimentos. Durante a reunião, ele ouviu do vice-presidente José Alencar e do ministro José Múcio Monteiro (Relações Institucionais), proprietários de fazendas, que os "produtores rurais costumam seguir na onda e se dedicar a plantios mais rentáveis".

Durante o encontro, Mantega destacou que hoje, se fosse excluída a alta de produtos como feijão e leite dos índices de preços, a inflação estaria bem abaixo da meta de 4,5%. Daí que Lula decidiu encomendar medidas para o setor de alimentação para auxiliar o Banco Central no combate à inflação.

A maior preocupação do presidente, porém, não está na "inflação dos alimentos". Nesse caso, ele considera que ela é passageira e tende a refluir no final do primeiro semestre. Sua maior dor de cabeça no momento é o câmbio.

Lula comentou na semana passada com assessores já ter conversado com economistas de dentro e de fora do governo, de todas as tendências, e até agora não encontrou nenhuma solução para a desvalorização cambial que tem prejudicado as exportações.

Segundo um assessor, Lula disse que na questão cambial é preciso agir com cuidado, já que ela tem ajudado no combate à inflação ao baratear as importações. Qualquer mexida na área, alertou o presidente, não pode acabar com esse efeito positivo sobre os preços. Sem ele, o Banco Central pode ser obrigado a manter por mais tempo a alta dos juros e prejudicar o ritmo de investimentos.

Na semana passada, Lula destacou que a boa notícia do momento é que, mesmo com a crise econômica mundial e com a alta dos juros, as empresas mantiveram seus planos de investimentos no país.

**Elevação dos preços ameaça trazer mais pobreza, mas também se apresenta como oportunidade para a agricultura - O problema é que o risco é imediato e as possibilidades são de longo prazo, mas leva tempo ensinar agricultores a usar técnicas modernas**

No Soweto Market, no centro de Lusaka, capital de Zâmbia, a resposta dos vendedores sobre como está o movimento é quase sempre a mesma: "slow, slow..." (devagar, devagar...).

Há um ano, Francis, 29, dono de uma barraca no enorme e precário mercado ao ar livre, vendia três sacas de arroz de 50 kg por dia. Hoje, vende uma, às vezes nenhuma. O motivo, diz ele, é o aumento dos preços. Na África, a inflação dos alimentos, um fenômeno mundial, chegou com força, ameaçando aumentar o já considerável contingente de pobres no continente mais pobre do planeta.

Nas últimas semanas, quando a crise alimentar mundial veio à tona, uma mesma avaliação foi feita do continente: há a perspectiva sombria de aumento da pobreza e desnutrição, que já levou a distúrbios em países como Egito, Burkina Fasso, Camarões e Costa do Marfim, mas também uma janela de oportunidade para sua agricultura. O problema é que o risco é imediato, e a tal janela, todos concordam, é de longo prazo.

"Esta é uma oportunidade para a África elevar a produtividade de sua agricultura. Países em outras regiões estão chegando num ponto em que atingiram um platô. Se a África aproveitar este momento como uma chance e não como um impedimento, poderá ser o celeiro do planeta", diz Purnima Kashyap, diretora do Programa Mundial de Alimentação da ONU (Organização das Nações Unidas) em Zâmbia.

No entanto em lugares como o Soweto Market, com suas ruas sujas, pedintes e pobreza generalizada, a promessa de uma "revolução verde" africana parece longínqua. É fato que o continente tem vastas terras aráveis não utilizadas, e que as que são cultivadas apresentam baixos índices de produtividade, com um potencial enorme de produção. Estima-se que ao menos 80% da agricultura africana seja de subsistência, com o uso de técnicas rudimentares.

**"Ninguém explora"** - No vizinho Zimbábue, em que a questão agrícola tem, além de tudo, cores políticas, John Worswick, líder da associação de fazendeiros locais, estima que metade da área do país esteja em terras "comuns", que são do Estado e ninguém explora. "São terras livres, cujo uso não implicaria em desmatamento, nada. Mas nunca houve interesse em plantar nada ali", diz ele.

Nos mercados africanos, os preços têm aumentado semanalmente. Em Sunningdale, periferia de Harare, capital do Zimbábue, o tomate sempre foi vendido por quilo nas barracas de legumes. Agora, costuma-se vender por unidade. "As pessoas não têm dinheiro para levar muita coisa", diz uma senhora, sentada em sua barraca esperando fregueses. Em

Zâmbia, os preços dos alimentos subiram 22% em média no último ano, segundo estimativa do Programa Mundial de Alimentação. Mas o milho, matéria-prima da nshima -espécie de purê que é a base da alimentação local-, subiu 33%. O nshima tradicionalmente é consumido no almoço com peixe ou frango, mas muitos em Zâmbia só têm conseguido comer puro ou no máximo com algum vegetal, segundo vendedores do produto. Na semana passada, a crise alimentar acabou roubando a cena no encontro da Unctad, órgão da ONU que cuida do desenvolvimento, em Gana, no oeste africano. O tema inicial, os impactos da crise econômica global, acabou ficando em segundo plano. Um dos participantes do encontro, o vice-ministro do Planejamento de Moçambique, Victor Bernardo, deu, em entrevista à Folha, um panorama típico do dilema que os países do continente enfrentam. Por um lado, um enorme potencial "adormecido". Por outro, imensas dificuldades na hora de explorá-lo.

"Queremos transformar uma situação de certa desvantagem numa oportunidade para produzirmos mais. Temos capacidades adormecidas em nosso país, temos uma extensa área arável em Moçambique e não utilizamos", diz Bernardo.

O desafio é ensinar os agricultores a tirarem melhor proveito de suas terras, o que deve levar muito tempo.

"A primeira assistência é ensinar as pessoas a utilizar técnicas mais adequadas de produção. Mas isso tem de estar associado a um sistema de educação. Nós, por muito tempo, deixamos de dar a devida assistência técnica e profissional aos agricultores, de ensinar as pessoas a tirar partido dos recursos que têm", declara.

### **Produção gera desigualdade no continente – Fabio Zanini – Folha de São Paulo – Dinheiro – 28/04/2008**

O boom das commodities agrícolas poderá ser mais um elemento concentrador de renda na África, em vez de se tornar uma oportunidade para pequenos agricultores. O temor se repete nas declarações de ONGs, associações de trabalhadores rurais e mesmo autoridades de organismos internacionais.

Presidente da Roppa, uma associação internacional de camponeses do oeste africano, o senegalês Mamadou Cissokho diz que o aumento nos preços dos alimentos não se traduziu, até agora, em aumento da renda para os pequenos produtores, maioria esmagadora entre os agricultores na África.

"A renda extra fica na cadeia de distribuição dos alimentos que vão para os grandes supermercados. São as grandes cooperativas e os distribuidores que estão lucrando", diz ele, que participou da reunião da Unctad, órgão da ONU para o desenvolvimento, em Gana, na semana passada.

Nas cidades, o forte aumento dos preços é mais dramático para os trabalhadores informais, que não possuem conta em banco, não têm sindicatos que os protejam da inflação alimentar e dependem dos mercados a céu aberto, onipresentes no continente, para sobreviver.

No Soweto Market, em Lusaka, Zâmbia, um saco de 5 quilos de arroz produzido no interior do país sai hoje por 18 mil kwachas, ou o equivalente a R\$ 9. Há um ano, valia 15 mil kwachas, ou pouco mais do que R\$ 7.

O resultado, segundo explica o vendedor Davis Chate, 35, é que as pessoas pararam de comprar o arroz de Zâmbia, que tem um perfume característico e é de melhor qualidade, para comprar arroz importado do Paquistão, mais barato, mas menos saboroso. Os prejudicados, evidentemente, são os produtores locais.

Em Zâmbia, o pior ainda pode estar por vir, segundo Purnima Kashyap, diretora do Programa Mundial de Alimentação no país.

"Nós estamos iniciando a época da colheita aqui. O impacto virá lá para agosto, quando ela acabar e ficar claro quanto teremos de alimentos disponíveis e a que preço. Esse será o parâmetro para o próximo ano", afirma Kashyap.

Em Zâmbia, cerca de 1 milhão de pessoas, ou 10% da população, dependem de auxílio permanente do governo ou da ONU para se alimentar. **(FZ)**

**Debate sobre biocombustíveis e alimentos avança na região** – Fabio Zanini – Folha de São Paulo – Dinheiro – 28/04/2008

É na África, rotineiramente chamada de "a última fronteira agrícola do planeta", que um subproduto da inflação alimentar -a disputa entre os defensores do plantio para biocombustíveis e os que temem seus efeitos- promete ser mais dura. Governos estão divididos, e mesmo uma organização como a ONU tem seus "rachas".

Um dos entusiastas do plantio de fontes alternativas de energia é o mineiro Lucas Assunção, que tem a cada vez mais espinhosa tarefa de afastar dos biocombustíveis a imagem de ser um dos vilões do aumento nos preços dos alimentos, que começou a se formar nos últimos meses.

Coordenador do programa de biocombustíveis da Unctad, o órgão das Nações Unidas que lida com o desenvolvimento, ele vê uma "disputa de mercado" mascarada como preocupação ambiental ou social.

"Esse debate quente é ligado a preocupações ambientais por um lado e por interesse protecionista por outro. É disputa de mercado. Quem tem vende biocombustível e quem não tem fica desesperado", afirma.

Na África, a idéia de produzir biocombustíveis é vendida insistentemente, inclusive pela diplomacia brasileira, como uma alternativa de desenvolvimento mundial. Do outro lado do debate está outro órgão da ONU, o Programa Mundial de Alimentação, que tende a temer, em maior escala, que os biocombustíveis roubem terras que deveriam ser reservadas à produção de alimentos. "Nós alertamos que, o que quer que um país decida sobre biocombustíveis, tenha em mente que mais importante é alimentar sua população", diz Purnima Kashyap, diretora do programa em Zâmbia.

Os governos não estão menos divididos. Na semana passada, o governo de Gana aplaudiu de maneira eufórica a iniciativa do Brasil de abrir no país um escritório da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) para explorar, entre outras, as possibilidades locais para produzir biocombustíveis.

Mas um governo como o de Moçambique, por exemplo, é mais cético. "Nossa prioridade, que deixamos bem clara, é combater a fome da população", afirma Victor Bernardo, vice-ministro do Planejamento moçambicano. **(FZ)**

#### **O mistério do preço da comida – Paulo Guedes - O Globo – Opinião – 28/04/2008**

Encontramos na História dos últimos oito séculos evidências de quatro grandes ondas de elevação de preços, intercaladas por longos períodos de estabilidade. Não são propriamente ciclos, pois não há regularidade ou periodicidade fixa, mas todas as ondas exibem estrutura comum, e começaram da mesma forma", adverte Hackett Fischer, em "As grandes ondas de preços e o ritmo da História" (1996).

"O primeiro estágio sempre ocorre durante prolongados períodos de prosperidade, com os preços avançando lentamente. A grande novidade não é a inflação, mas sim sua composição, as mudanças de preços relativos. A comida e os combustíveis lideram as elevações de preços. Os produtos manufaturados e os serviços só aumentam após longa defasagem. A causa dessas altas de preços foi sempre o aumento de demanda, resultado da melhoria dos padrões de vida. Essas melhores condições materiais ocorrem em meio à expansão dos mercados de trabalho. O primeiro estágio dessas grandes ondas foi sempre marcado pelo progresso material e pela visão otimista do futuro." A recente e brutal elevação dos preços dos recursos naturais em relação aos salários em todo o mundo é o reflexo do mergulho de três bilhões de eurásianos nos mercados de trabalho e, em decorrência, nos mercados de consumo de energia, comida e insumos básicos da nova economia mundial. A vertiginosa inclusão populacional no regime das economias de mercado, a rápida expansão do comércio internacional, a mudança acelerada dos preços da energia e da comida em relação aos preços de produtos industriais e dos serviços, a defasagem salarial em relação a todos esses aumentos e o rápido crescimento das desigualdades pelo aumento dos rendimentos do capital em relação aos rendimentos do trabalho formam um padrão em todas as grandes ondas de preços examinadas por Fischer.

"Nos estágios seguintes, a confiança e o otimismo desaparecem. Há crescente perplexidade ante as perspectivas de desordem política e distúrbios sociais.

Os aumentos gerais de preços são percebidos.



Os mercados financeiros tornam-se instáveis. A oferta de moeda e de crédito é expandida e contraída alternativamente. A inflação emerge e se torna mais volátil. E em cada uma dessas ondas a economia mais forte foi a que mais sofreu e a que teve a maior erosão em seus fundamentos fiscais. Por fim, as grandes ondas quebram estrepitosamente, descredenciando instituições, questionando valores e deflagrando uma crise econômica e cultural.” Há uma estridente disputa sobre quem seria o “culpado” pela explosão dos preços de alimentos.

Ora, não há mistério: os bilhões de “incluídos” na nova ordem emergente estão simultaneamente contendo os salários e fazendo disparar os preços dos recursos naturais. As disputas de terras cultiváveis para produzir alimentos ou biocombustíveis em escala global, por exemplo, são apenas manifestações dessa fenomenal pressão sobre os recursos naturais. E podemos produzir mais de ambos.

**Haiti: a urgência da fome** - José Graziano da Silva - Valor Econômico – Opinião - 28/04/2008

Uma ausência chamou a atenção durante a 30ª Conferência Regional da FAO para América Latina e Caribe, realizada este mês em Brasília. Haiti, um dos primeiros a confirmar presença na reunião que indicou as prioridades regionais da FAO, cancelou-a de última hora. O motivo: a queda do governo do então primeiro-ministro Alexis, que não resistiu aos protestos contra a alta dos preços dos alimentos e combustíveis. Lembrei do Betinho: quem tem fome, tem pressa. Nem conversar quer.

A fome não começou agora no Haiti, tampouco é um fato novo na vida da maioria dos povos içados às manchetes mundiais nas últimas semanas. Dados da FAO indicam que, no período de 2002-2004, 46% da população do Haiti já estava subnutrida. O país vive em instabilidade econômica, política e social, tem recursos naturais escassos e está localizado numa região afeita a fenômenos climáticos que dificultam ainda mais o atendimento a direitos básicos como o direito à alimentação.

Tomamos o Haiti como exemplo. Mas podia ser a África. Ou regiões da Ásia. O fato é que o drama haitiano espelha desafios que se repetem na rotina de outros povos. Empurrados pela alta dos preços dos alimentos, esses dramas, na maioria das vezes anônimos, ganharam um novo sentido de urgência.

No caso do Haiti, onde a fome não pode ser saciada pela produção - ainda insuficiente - de alimentos, a solidariedade internacional é fundamental e não tem faltado. Exemplos recentes vieram do próprio Brasil: a doação de 14 toneladas de alimentos e um apelo à comunidade internacional que resultou na arrecadação de US\$ 5,7 milhões àquele país. Outros governos, liderados pela Venezuela, articulam a criação de um fundo regional de apoio à luta contra a fome.

Mas só isso não basta. Na Conferência que acabamos de realizar em Brasília, os países da América Latina e Caribe enfatizaram a necessidade de priorizar o desenvolvimento estrutural do Haiti e pediram que a FAO facilitasse a cooperação Sul-Sul. A Conferência destacou ainda que os esforços nesse sentido devem incluir não só governos e organizações internacionais, mas também atores privados, do agronegócio à agricultura familiar. A história recente mostra que, sozinhos, nem o Estado, nem o mercado, resolveram os problemas de pobreza, fome e exclusão rural. Pelo contrário, o meio rural da

região é marcado por fortes contrastes: um pujante setor agropecuário voltado à exportação convivendo com altos níveis de pobreza.

Daí a necessidade de um esforço conjunto para mudar essa realidade. Seja facilitando o acesso a recursos naturais como terra e água, através de programas de crédito e capacitação, ou garantindo mercados para seus produtos, investir na agricultura familiar é chave para permitir a inclusão social de milhões de pessoas: mais da metade dos 71 milhões de indigentes da América Latina vivem no campo.

No curto prazo, o incentivo à produção familiar pode garantir a auto-suficiência dessas pessoas e melhorar sua renda, ademais de ampliar a oferta local de alimentos. No médio prazo, semeia condições para superar a exclusão e a insegurança alimentar. Muitos governos já estão trabalhando para isso, em alguns casos com o apoio da FAO, por exemplo, através dos Programas Especiais de Segurança Alimentar que existem em 27 países da região.

---

### **No curto prazo, o incentivo à produção familiar pode garantir a auto-suficiência das pessoas e melhorar sua renda**

---

Este apoio é ainda mais importante no atual momento de alta dos preços e, em especial, para os países de baixa renda e com déficit de alimentos. Segundo estimativas da FAO, em 2007-2008, esses países devem gastar 56% a mais que em 2006-2007 para comprar comida. Na região, Haiti é o caso mais grave, mas não o único.

A FAO pode e tem ajudado vários países a enfrentar esta situação usando sua experiência na introdução de modelos de agricultura sustentável e na criação de marcos institucionais e políticas públicas que promovam a segurança alimentar. Garantir o direito à alimentação, por exemplo, é o objetivo da Iniciativa América Latina e Caribe Sem Fome, confirmado como eixo prioritário dos trabalhos da FAO durante a Conferência Regional.

O caso do Haiti traz à luz outro desafio: enfrentar as doenças transfronteiriças animais. Dificultando ainda mais uma situação alimentar complicada, o Haiti suspendeu a importação de frango e ovos da República Dominicana depois que casos de influenza aviária de baixa patogenicidade foram detectados no país vizinho. Manter a região livre da influenza aviária de alta patogenicidade H5N1 asiática e controlar e erradicar outras doenças transfronteiriças faz parte dos esforços para ampliar a oferta de alimentos saudáveis. Isto é importante para a segurança alimentar e para ampliar os mercados compradores dos produtos agropecuários da região.

Da inocuidade dos alimentos à alta dos preços, a 30ª Conferência Regional da FAO abordou diversos temas importantes para o desenvolvimento da América Latina e Caribe. Os debates não resultaram em soluções mágicas, mas o horizonte dos desafios adquiriu uma transparência encorajadora. Ao lado de ações de urgência, governos e organismos internacionais devem se debruçar sobre iniciativas de desenvolvimento que ofereçam respostas não apenas às manifestações agudas da crise, mas também a seus alicerces históricos.

Numa região em que a oferta de energia alimentar per capita é suficiente para que todos tenham uma dieta saudável, o problema não é a produção, mas o acesso aos alimentos: falta dinheiro para comprar comida. O apoio à agricultura familiar ataca o crônico e o agudo na vida de uma das camadas mais vulneráveis da população, garantindo comida para consumo próprio e renda na venda dos excedentes.

Um salto histórico pode ocorrer na associação da produção familiar com um setor de ponta da economia no século XXI: os biocombustíveis. No Haiti, por exemplo, pode-se modernizar a indústria açucareira voltada para a produção de rum e redirecioná-la à produção de etanol. Nos países da região interessados, a FAO vai ajudar a mapear o potencial de produção de bioenergia e apoiar o desenvolvimento de programas que adicionem renda aos que precisam sem ameaçar a segurança alimentar que toda a sociedade almeja.

Os desafios nunca foram tão claros como hoje. Os gargalos trazidos do passado acossam o presente de forma assustadora. Mas embutem também a direção do futuro.

**José Graziano da Silva é representante regional da FAO para América Latina e Caribe.**

**Especialistas: alta de grãos tem vários culpados** – Cassia Almeida – O Globo – Economia – 29/04/2008

Entre eles, a demanda por comida. A crise que está fazendo os preços de alimentos dispararem no mundo não tem um só culpado, dizem analistas.

Uma série de razões explicam o cenário. O Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos do Bradesco divulgou ontem relatório que mostra alta de 25% no atacado no índice de commodities alimentícias e químicas.

A primeira razão vem da China. Nos últimos dez anos, com crescimento acima de 10% ao ano, mais de 300 milhões de chineses saíram da pobreza. E pobre com mais dinheiro significa mais comida na mesa, diz o presidente do Conselho de Segurança Alimentar, o economista Renato Maluf. Esse fenômeno se repetiu na Índia e no Brasil. Depois vem o etanol.

Segundo André Debastiani, da Agroconsult, entre 2006 e 2008, cerca de 50 milhões de toneladas de milho foram desviadas para produção de etanol nos EUA.

Para Maluf, há concentração forte no mercado de alimentos em toda a cadeia: nos adubos, fertilizantes e sementes; na produção e na distribuição.

Para ele, os países, sobretudo os latinos, com a globalização, acabaram desmontando “instrumentos” para enfrentar a crise: — Um exemplo são os laticínios.

Chegou-se a pensar em liberar a entrada dos laticínios europeus sem taxa no Mercosul. O que está defendendo o Brasil da alta internacional dos lácteos são os pequenos produtores, que seriam aniquilados com a entrada maciça do produto europeu. Aqui, a alta limitouse a um terço da subida internacional do preço.

Isso sem contar a alta do petróleo, que afeta a cadeia produtiva (frete e fertilizantes); as mudanças climáticas, que já provocaram três anos de seca na Austrália; a especulação desviada para os alimentos com a crise financeira; e os subsídios de EUA e Europa, que desestimulam a produção em países menores.

**Autoridades agora culpam o "mercado"** – Valor Econômico – Agronegócios -  
29/04/2008

Autoridades da ONU culpam ontem as especulações de mercado para a recente guinada nos preços dos alimentos e exortaram por um esforço conjunto para garantir que as populações mais pobres tenham condições de se alimentar.

"Temos alimentos o suficiente no planeta para alimentar todo mundo", disse o diretor do Programa de Meio Ambiente da ONU, Achim Steiner. Ele acrescentou, no entanto, que a maneira como os mercados e os fornecedores estão sendo influenciados está distorcendo o acesso à comida. "Pessoas estão sendo afetadas por uma dimensão que é essencialmente especulativa".

O comentário de Steiner foi ecoado por Jean Ziegler, relator da ONU para o direito à alimentação, que na semana passada havia chamado os biocombustíveis de "crime contra a humanidade". Ziegler disse que o "massacre diário da fome" é piorado por fundos de private equity em busca de lucros no mercado internacional.

O Programa Mundial para Alimentos da ONU requisitou US\$ 577 milhões adicionais para zerar o déficit em seu orçamento causado pela alta nos preços e no número de pessoas atendidas.

**ONU anuncia força-tarefa contra crise dos alimentos** – Marcelo Ninio – Folha de São Paulo – 30/04/2008

**Organização também pede doação urgente de US\$ 2,5 bi para ajuda a países pobres - Uma das ações já em curso é programa que visa investir na produção agrícola de países em desenvolvimento, principalmente na África**

O secretário-geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon, anunciou ontem a criação de força-tarefa para enfrentar a crise alimentar mundial e pediu à comunidade internacional a doação urgente de US\$ 2,5 bilhões para que a organização possa continuar seus programas de ajuda aos necessitados.

O anúncio foi feito em Berna, em conferência que reuniu os chefes das 27 agências e organizações especializadas da ONU. O objetivo da reunião foi dar uma resposta coordenada à disparada dos preços dos alimentos, que aumentou a pobreza no mundo e já provoca distúrbios sociais e instabilidade política em vários países. "A recente escalada dos preços de alimentos evoluiu para um desafio sem precedentes de proporções globais", disse Ban, em entrevista coletiva na capital suíça ao lado de vários diretores de agências da ONU.

Entre os motivos para a crise apontados pelo secretário-geral, estão os preços do petróleo, a falta de investimento no setor agrícola, o aumento da demanda por alimentos e os subsídios aos fazendeiros dos países ricos, além de problemas climáticos e restrições às exportações. A ONU estabeleceu metas de curto, médio e longo prazo para lidar com a crise. A prioridade mais urgente, disse Ban, é alimentar os que têm fome. Para isso, reiterou

o apelo para que a comunidade internacional contribua com US\$ 755 milhões adicionais ao PMA (Programa Mundial de Alimentos).

Segundo Josette Sheeran, diretora-executiva do PMA, o orçamento de US\$ 3,1 bilhões para as operações de ajuda em 2008 cresceu US\$ 755 milhões devido à escalada de preços. "Temos capacidade de adquirir 40% menos alimentos hoje do que em junho do ano passado simplesmente por causa dos altos preços", disse.

Ban Ki-moon encabeçará a força-tarefa criada para enfrentar a crise, que será coordenada por John Holmes, subsecretário da ONU para Assuntos Humanitários. O objetivo, disse Ban, é "reunir os chefes das agências especializadas da ONU" em um "mecanismo efetivo e coordenado".

Uma das ações já em curso é a Iniciativa de Emergência da FAO, para a qual o secretário-geral pediu US\$ 1,7 bilhão. A idéia, que faz parte do plano de médio prazo da ONU, é investir na produção agrícola de países em desenvolvimento, principalmente na África.

Jacques Diouf, diretor-geral da FAO, disse que a idéia é dar acesso a sementes, fertilizantes e ração animal, corrigindo um dos principais problemas apontados ontem por trás da crise atual: a falta de investimento na produção de alimentos nos países pobres.

O diretor-geral da OMC (Organização Mundial do Comércio), Pascal Lamy, lembrou outro motivo para isso. "É sabido que os subsídios agrícolas distorcivos dos países ricos prejudicaram a produção de alimentos nos países em desenvolvimento", disse, observando que a crise reforça a necessidade de acordo na Rodada Doha, de liberalização do comércio.

Robert Zoellick, presidente do Banco Mundial, disse que a instituição estuda criar um mecanismo de financiamento rápido para países pobres e que o volume de empréstimos para projetos agrícolas na África no próximo ano será dobrado, para US\$ 800 milhões.

"As próximas duas semanas serão críticas para lidarmos com a crise alimentar. Para 2 bilhões de pessoas, os altos preços de alimentos são uma questão de sacrifício e, em muitos casos, sobrevivência."

**OMC considera "sem precedentes" as medidas adotadas por países asiáticos - ONU pede suspensão de restrições a embarques de alimentos; segundo o Banco Mundial, existe risco de que preços subam ainda mais**

O número crescente de países que passaram a aplicar restrições às exportações de alimentos para garantir os preços e o abastecimento domésticos em meio à crise mundial preocupa a ONU. A medida já foi adotada por mais de dez países, sobretudo na Ásia, num movimento que especialistas da OMC (Organização Mundial do Comércio) consideram "sem precedentes".

Na semana passada, o governo brasileiro decidiu proibir por tempo indeterminado a exportação de arroz do estoque público, por temer o desabastecimento interno. No plano contra a crise anunciado ontem, a ONU apontou as barreiras à exportação como um dos motivos da escalada de preços e defendeu o fim das medidas. O secretário-geral da organização, Ban Ki-moon, pediu "a imediata suspensão" das restrições. "Esses controles encorajam o armazenamento, elevam os preços e atingem as pessoas mais pobres do mundo, que lutam para se alimentar", disse o presidente do Banco Mundial, Robert Zoellick.

Ele elogiou a Ucrânia por ter dado "um bom exemplo" na semana passada, ao suspender as restrições à exportação de grãos. "Isso teve um efeito imediato na queda de preços, e outros podem fazer o mesmo", disse Zoellick, pedindo uma ação conjunta dos governos com o setor privado. Para o diretor-geral da OMC, Pascal Lamy, barrar as exportações "não é uma boa solução econômica" no curto prazo. "É óbvio que tais medidas resultam em aumentos adicionais de preços", disse Lamy. Na semana passada, o Japão, maior importador de alimentos do mundo, disse que pedirá a introdução de normas na OMC para regular as restrições às exportações, algo já adotado por mais de dez países, entre eles Indonésia, Rússia, China e Vietnã. "É óbvio que esse tipo de medida diminui a oferta de produtos no mercado e leva ao aumento de preços", disse Lennart Bäge, presidente do Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola.

**Álcool** - O secretário-geral das Nações Unidas também culpou os biocombustíveis pela alta de preços, mas apenas os que são subsidiados e que "substituem a produção de alimentos". Indagado pela Folha se isso excluía o álcool brasileiro, feito a partir da cana, Ban foi vago. "Há críticas aos biocombustíveis, mas a questão deve ser vista de forma abrangente. Há alguns aspectos positivos e outros que precisamos estudar." No dia anterior, o secretário-geral da Unctad (Conferência da ONU para Comércio e Desenvolvimento), Supachai Panitchpakdi, havia dito à Folha que o álcool brasileiro não entrara em discussão no encontro e que a preocupação da organização é com o produto norte-americano, feito a partir do milho com política de subsídios do governo. (MN)

**Medidas devem ser apenas o primeiro passo** - Gitanio Fortes – Folha de São Paulo – Dinheiro – 30/04/2008

Com um bocado de ceticismo e desapontamento. Dessa forma o professor da USP Guilherme Dias, ex-secretário de Política Agrícola (governo FHC), reagiu ao anúncio das medidas da ONU (Organização das Nações Unidas) contra a crise dos alimentos. "As medidas buscam "tapar o buraco" numa hora em que não há abundância de produção."

De acordo com Dias, têm sido "sofríveis" os resultados de programas de ajuda humanitária lançados a partir de financiamentos. Dias cita o projeto "Oil-for-Food", realizado pela ONU de 1995 a 2003, que enfrentou problemas de operação para usar o petróleo como passaporte para comida no Iraque. Para ele, é preciso haver infra-estrutura de distribuição dos alimentos nos países que vão receber o auxílio. Segundo Márcio Lopes de Freitas, presidente da OCB (Organização das Cooperativas Brasileiras), a força-tarefa da ONU vai precisar analisar de forma bem ampla a questão da energia. Além de aumentar os custos de produção no transporte e em insumos, a alta do petróleo é que leva à ampliação de plantios para biocombustíveis. Custos maiores, por sinal, são um dos motivos para que os preços em disparada não tenham representado necessariamente mais renda para quem produz alimentos, diz Gilman Viana Rodrigues, secretário da Agricultura de Minas Gerais.

**Hora de negociar** - Para o presidente da Sociedade Rural Brasileira, Cesário Ramalho, a crise dos alimentos criou ambiente favorável para a diplomacia do país negociar questões comerciais que interessam à produção nacional. Ramalho avalia que o momento é oportuno para avançar contra o protecionismo agrícola dos países industrializados, incluindo a redução de tarifas que incidem sobre o álcool que o Brasil exporta. Na sua análise, se países sem espaço para expandir a fronteira agrícola importarem mais de empresas brasileiras, poderão liberar mais áreas para a produção voltada à alimentação humana.

**Alimento ficará caro por dez anos, diz especialista** – Folha de São Paulo – Dinheiro – 30/04/2008

Mesmo com os esforços para aumentar a produção e o suprimento, os preços dos alimentos devem continuar altos por pelo menos dez anos, segundo o sueco Lennart Bäge, presidente do Fida (Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola), agência da ONU criada no fim dos anos 70 em resposta às crises alimentares da década na África. Na semana passada, o Fida anunciou a concessão de US\$ 200 milhões a agricultores pobres. Para Bäge, a chave para uma solução de longo prazo para a crise é dar condições aos países em desenvolvimento de recuperar a capacidade de produção.

Em entrevista à **Folha**, ele destacou as vantagens do álcool brasileiro sobre os biocombustíveis de grãos e disse que esta era uma crise anunciada. (MN)

*FOLHA - A crise vai ser longa?*

**LENNART BÄGE** - É o que os especialistas dizem. Mesmo que haja uma resposta em termos de suprimento, se olharmos todos os fatores, como energia cara, mudanças climáticas, reservas em baixa e demanda crescente, tudo leva a crer que os preços vão continuar altos, embora devam cair um pouco. É impossível determinar, mas os preços devem ficar altos por até dez anos, talvez mais.

**FOLHA** - *Qual o fator que teve mais impacto na escalada de preços dos alimentos?*

**BÄGE** - O abandono de investimento em agricultura e as mudanças climáticas. Quando a comida era barata e abundante, havia problemas com a produção como dumping e subsídios. Houve negligência com o investimento de longo prazo na agricultura, o que levou a queda na produtividade dos países em desenvolvimento. A produtividade aumentava de 3% a 4% ao ano para os grãos básicos -hoje está entre 1% e 2%.

**FOLHA** - *Que papel tiveram os subsídios dos países ricos a seus agricultores na queda de produtividade dos pobres?*

**BÄGE** - Tiveram um sério impacto. Subsídios nos países desenvolvidos significam que muitos produtos entram no mercado internacional e achatam os preços, deixando pouco incentivo para agricultores dos países em desenvolvimento.

**FOLHA** - *E os biocombustíveis?*

**BÄGE** - Temos que fazer dois tipos de análise. Sobre a eficiência energética e o impacto na crise. Alguns biocombustíveis são muito eficientes e não competem diretamente com os alimentos. Os especialistas dizem que o álcool brasileiro é muito mais eficiente e tem muito menos impacto na produção de alimentos que outros. Não devemos condenar os biocombustíveis de forma generalizada. Os feitos de grãos como o milho geralmente são menos eficientes e competem com os alimentos.

**FOLHA** - *O diretor-geral da FAO, Jacques Diouf, disse que esta era uma crise anunciada. Por que a ONU não agiu antes?*

**BÄGE** - A ONU vem agindo. A FAO e eu advertimos que falta investimento em agricultura há muitos anos. Mas só quando há uma crise clara há reação política. O mais importante é não apenas nos concentrarmos na ajuda alimentar urgente mas investirmos em medidas de médio e longo prazo, focar na recuperação da agricultura.



**Alta no preço do arroz no atacado, por exemplo, não se refletiu ainda no varejo - IGP-M se desacelera para 0,69% neste mês, contra 0,74% em março; porém, no acumulado dos últimos 12 meses, é o maior desde 2005**

Apesar da desaceleração neste mês, quando teve alta de 0,69%, contra 0,74% em março, o acumulado do IGP-M (Índice Geral de Preços - Mercado) nos últimos 12 meses (9,81%) é o mais alto registrado pela FGV (Fundação Getúlio Vargas) desde abril de 2005. Os produtos industriais, com forte influência dos alimentos processados, puxaram o IPA (Índice de Preços por Atacado), que tem o maior peso no índice (60%) e apresentou alta de 0,65% neste mês. No IPC (Índice de Preços ao Consumidor), que responde por 30% do IGP-M, houve aumento de 0,76%, com destaque para o item alimentação (1,76%). Para Salomão Quadros, coordenador de análises econômicas da FGV, não é possível afirmar que o auge da inflação dos alimentos foi em 2007, pois há outros elementos de pressão nos preços, como compras especulativas e o fechamento de fronteiras. Neste mês, a Argentina voltou a suspender as exportações de trigo para o Brasil, que, por sua vez, apesar de tentar derrubar a medida do vizinho, proibiu por tempo indeterminado a exportação de arroz dos estoques públicos. Apesar da expansão de 1,76% no item alimentação, há pressões que ainda não se refletiram na ponta, no bolso do consumidor. Um dos exemplos é o arroz, que teve variação de 12,08% neste mês na indústria, mas caiu 1,14% no varejo.

**Demanda internacional** - O produtor, no entanto, ainda não se beneficiou de toda a subida de preço com a elevação da demanda internacional. Em plena safra, o arroz em casca, que é vendido pelos agricultores à indústria, teve alta de 6,44% neste mês. Elcio Bento, analista da consultoria Safras & Mercado, considera que a tendência é a acomodação dos valores, não de grandes retrações. A saca de 50 kg vendida no Rio Grande do Sul, principal produtor de arroz do país, passou de R\$ 22 (março) para R\$ 32. Os derivados de trigo também devem pressionar ainda mais a inflação nas próximas semanas. A farinha de trigo teve alta de 4,07%, e o pão francês, de 7,03% no varejo, enquanto, no atacado, o trigo teve aumento de 12,11% neste mês e acumula alta de 58,69% nos últimos 12 meses. "Esse aumento já considera a desvalorização do dólar", ressalta Quadros, acrescentando que, sem o efeito do câmbio, a expansão seria ainda maior. No período de um ano, a moeda teve depreciação de 16% em relação ao real.

**Indústria** - Os alimentos processados tiveram alta de 1,10%, com influência, além do arroz, de carne bovina (1,66%), leite industrializado (2,09%) e massas alimentícias (5,16%). Na outra ponta, puxando os preços no atacado para baixo, estavam os alimentos "in natura", que caíram 5,89% neste mês, com destaque para ovos (-16,43%) e feijão (-6,61%). Apesar da queda de 19,43% no ano, o feijão ainda acumula alta de 147,48% nos últimos 12 meses.

Adubos e fertilizantes, que também sentem os efeitos da crise dos alimentos, registraram uma das maiores altas entre os itens pesquisados no atacado, com variação de 16,32% neste mês, após aumento já elevado em março (9,28%).

Apesar de ter subido menos do que no mês passado (10,38%), o minério de ferro teve ainda forte expansão neste mês (5,49%).

Os preços que compõem o IGP-M foram coletados entre 21 de março e 20 de abril. Para o economista da LCA Consultores Raphael Castro, o índice deve fechar o ano na casa dos 10%. Ele ressalta ainda que, por causa da composição do IGP-M, há efeitos que sofrem dupla ou tripla contagem, como o arroz, cuja variação é observada em três momentos.

O INCC (Índice Nacional de Custo da Construção) completa os indicadores considerados no IGP-M, com o menor peso (10%). Em abril, teve variação de 0,82%, com a alta no grupo mão-de-obra. A aceleração foi consequência dos reajustes salariais em Salvador e no Rio de Janeiro. Em maio, o impacto deverá ser ainda maior com o reajuste em São Paulo.

#### **Lula defende biocombustíveis e critica subsídio agrícola externo – Letícia Sander – Folha de São Paulo – Dinheiro – 30/04/2008**

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva classificou ontem de "distorção absurda" a vinculação entre a crise mundial de alimentos e a produção de biocombustíveis, em mais uma defesa pública dos combustíveis alternativos.

Em discurso na formatura de novos diplomatas, no Itamaraty, o presidente voltou a criticar os subsídios agrícolas dos países desenvolvidos e disse esperar que a discussão em torno do preço dos alimentos tenha um impacto positivo nas emperradas negociações da Rodada Doha.

"Quando lancei a ação contra a fome e a pobreza, jamais pensei que o consumo de alimentos pudesse ser utilizado como argumento contra nós. Se os países ricos desejam realmente aumentar a oferta de alimentos, por que não eliminam os subsídios que dão a sua agricultura? Isso estimulará a produção nos países mais pobres que têm mais terras, mais mão-de-obra e, agora, como ficou provado no caso do Brasil, tecnologia avançada", afirmou.

O discurso do presidente se dá um dia após o relator da ONU (Organização das Nações Unidas) para o direito à alimentação, o suíço Jean Ziegler, ter apelado por uma "suspensão total" da produção de biocombustíveis. Anteontem, a ONU se reuniu em Berna, na Suíça, para traçar um plano contra a crise alimentar no mundo.

Lula atribuiu à política externa brasileira parte do êxito pelo Brasil estar hoje menos vulnerável a crises internacionais. Segundo ele, o Brasil desta vez não está "tão tranquilo", mas sim "maduramente tranquilo e assentado com o pé no chão". Para Lula, um dos motivos de tranquilidade é a diversificação de parceiros comerciais. **\*(LETÍCIA SANDER)**

## **China quer ter lavouras em outros países – O Globo – Capa – 30/04/2008**

Para enfrentar a disparada dos preços dos alimentos no mundo, a China pretende comprar terras para lavouras em outros países, incluindo a América Latina.

A ONU pediu US\$ 2,5 bi em doações para combater a crise alimentar.

Página 27 e Míriam Leitão

## **China quer alugar terra para lavoura no exterior - Chico de Gois, Alan Gripp e Daniela Antunes – O Globo – Economia – 30/04/2008**

LONDRES, BERNA (Suíça), BRASÍLIA e RIBEIRÃO PRETO (SP). A China pretende alugar terra para cultivar lavouras em outros países, inclusive na América Latina, revelou ontem o site da agência britânica BBC, citando o jornal “Beijing Morning”. Segundo o jornal, o aumento dos preços dos alimentos estimulou o Ministério da Agricultura chinês a considerar a possibilidade de as empresas chinesas alugarem ou até mesmo comprarem áreas cultiváveis na América Latina, Austrália e na ex-União Soviética.

A medida seria uma forma de compensar o vertiginoso processo de urbanização e industrialização do gigante asiático, o que vem reduzindo consideravelmente as áreas de produção agrícola na China. De acordo com a especialista em China da BBC, Shirong Chen, a idéia já foi experimentada há dez anos, quando uma empresa chinesa formou uma joint-venture com o governo cubano, para cultivar duas fazendas de produção de arroz. A mesma iniciativa ocorreu no México.

### **ONU e Bird falam em ‘desafio sem precedentes’**

Os preços dos alimentos básicos já subiram 60% no mercado internacional no primeiro trimestre, pressionando a inflação num país que precisa alimentar 1,3 bilhão de pessoas.

A preocupação com os alimentos mais caros não se limita à China. Ontem, as 27 agências humanitárias da ONU e o Banco Mundial (Bird) pediram à comunidade internacional US\$ 2,5 bilhões em doações para combater a crise, que, segundo os dois organismos, coloca “um desafio sem precedentes e de proporções globais”. O pedido foi feito pelo secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, ao fim da reunião de Berna, na Suíça, para tratar do tema. A ONU e o Bird vão criar ainda uma força-tarefa para acompanhar o problema.

— Se não conseguirmos as doações, corremos o risco de termos mais fome, mais desnutrição e a explosão de distúrbios sociais — disse Ban Kimoon, na coletiva de imprensa, ao lado do presidente do Bird, Robert Zoellick, e o diretor-geral da Organização Mundial do Comércio (OMC), Pascal Lamy.

Lula volta a defender o etanol brasileiro

Moon convidou os líderes mundiais para uma reunião de cúpula sobre segurança alimentar, que será realizada em Roma, entre os dias 3 e 5 de junho. E fez um apelo aos países para não limitarem suas exportações de alimentos.

Para os organismos presentes na reunião de Berna, a produção de biocombustíveis é um dos principais elementos a pressionarem os preços dos alimentos. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no entanto, voltou a defender a produção de biocombustíveis pelo

Brasil e criticou os que têm apontado essa política como uma das responsáveis pela crise atual.

— Tomemos a crise mundial de alimentos. Alguns querem atribuí-la aos biocombustíveis.

Essa é, no mínimo, uma distorção absurda. A experiência brasileira demonstrou que os biocombustíveis, além de não ameaçar a segurança alimentar, geram emprego e renda no campo e ajudam a combater o aquecimento global — disse Lula, durante a formatura de novos diplomatas, no Itamaraty. — Se os países ricos desejam aumentar a oferta de alimentos, por que não eliminam os subsídios que dão à sua agricultura? O programa de biocombustíveis brasileiro terá apoio da Espanha na União Européia, garantiu ontem o ministro espanhol de Assuntos Exteriores, Miguel Ángel Moratinos. Em visita ao Brasil, Moratinos disse que o etanol brasileiro é “singular” e que, por isso, há empresas espanholas interessadas em fazer negócio com o país.

— O etanol brasileiro é um etanol bom — disse Moratinos.

Já o presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), Wagner Rossi, disse ontem que o Brasil terá safra recorde de cana-de-açúcar este ano. Segundo ele, serão colhidos entre 558,1 milhões e 579,8 milhões de toneladas do produto na safra 2008. De 309,8 milhões a 321,9 milhões toneladas serão destinadas à fabricação de combustível e de 248,3 milhões a 257,9 milhões de toneladas, para o açúcar. O volume da safra é de 11,3% a 15,6% superior ao do período passado.

#### **Governo Federal anunciará medidas para conter alta nos preços dos alimentos – Sítio eletrônico do MDA – 30/04/2008**

Em reunião realizada na tarde desta quarta-feira (30) no Ministério da Fazenda, em Brasília, com os ministros da Fazenda, Guido Mantega, do Desenvolvimento Agrário, Guilherme Cassel, e da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Reinhold Stephanes, ficou definido que o Governo Federal anunciará nas próximas semanas medidas para ampliar a produção de alimentos no País.

Os ministros avaliaram que a crise pode ter longa duração e que, embora a situação do Brasil seja privilegiada em relação à de outros países, é preciso tomar cautela e se preparar para o futuro.

“O Brasil está mais protegido na questão da alta do preço dos alimentos por ter apostado em políticas públicas voltadas à reforma agrária e à agricultura familiar. Um dado importante é a alta de 83% da cesta de produtos nos últimos 36 meses no mundo, segundo a FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação). Enquanto isso, no mesmo período, no Brasil, o aumento foi de 25%”, destaca o ministro Guilherme Cassel.

O foco das medidas do Governo Federal será o aumento da produção. Isso envolve ações de aumento do crédito, de garantia de preços, ampliação dos seguros e da infraestrutura, e modernização da produção. Tudo com vistas ao aumento da produtividade, como antecipa Cassel.

**Culturas mais visadas** - Neste momento, os ministérios do Desenvolvimento Agrário (MDA) e da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) estão discutindo os seus Planos Safra, que deverão ser impactados pela crise e direcionados para a maior produção de alimentos. O ministro Cassel ainda adianta que as medidas devem contemplar cada cultura de forma diferenciada – especialmente o arroz, feijão, leite, milho, mandioca, trigo, carne e aves. “Uma análise geral aponta que esta crise é real e tem muitas razões, entre elas o fator especulativo, questões climáticas no mundo e o aumento da demanda dos países em desenvolvimento. Esses fatores jogam os preços para cima. Por isto, sabemos que esta crise pode ser de longa duração”, afirma. “Os fundos de ações especialmente depois da crise norte-americana migraram para as commodities, comprando até três safras antecipadas. Isto nos aponta que a crise pode ser de cinco a 10 anos”.

**Força da agricultura familiar** - O ministro defende o aumento da produção de alimentos pela agricultura familiar, que representa 4,2 milhões de famílias. Elas já produzem mais de 70% do que consumimos. O segmento produtivo é responsável por 25% do café, 31% do arroz, 67% do feijão, 84% da mandioca, 49% do milho, 58% suínos e 52% do leite produzidos no Brasil. No campo, esse segmento produtivo representa 80% da mão-de-obra.

**Reconstruindo Malthus** - Marcello Averbug – Valor Econômico – Opinião - 30/04/2008

Em seu mais famoso livro, "Ensaio Sobre o Princípio da População", Thomas Robert Malthus (1766-1834) causou controvérsias ao prognosticar um destino de fome para a humanidade. Segundo ele, em decorrência de uma série de fatores, a população mundial cresceria em ritmo superior ao da oferta de alimentos. Felizmente essa tese não se confirmou e os casos de fome registrados ao longo da história não são explicados pela escassez de produtos alimentares, mas sim pela pobreza (o que não chega a ser um consolo).

Mas eis que, em pleno Século XXI, o espectro da fome provocada por insuficiente oferta de alimentos ronda a humanidade, embora por razões diferentes das apontadas por Malthus. Desde o início de 2007 verificam-se, em várias partes do planeta, tensões sociais e políticas provenientes de obstáculos ao acesso das classes menos favorecidas à compra de alimento. Esses obstáculos resultam da escalada dos preços de produtos como trigo, arroz, milho, soja, óleos vegetais, leite e carne. Segundo a FAO, o custo da refeição média, ao nível mundial, aumentou 40% ao longo de 2007. Evidentemente, essas altas afetam mais as camadas sociais de menor renda, cujos gastos em alimentação atingem elevada proporção do orçamento familiar.

Os países onde essas tensões se manifestam mais explicitamente localizam-se na África, Ásia e, em menor escala, na América Latina - Egito, Marrocos, Costa do Marfim, Mauritânia, Tailândia, Camboja, Vietnã, Indonésia, México e Haiti, entre outros. Também no Brasil constata-se que o preço dos alimentos está puxando a taxa de inflação. Dados de março revelam que o IPCA dos últimos 12 meses teve elevação de 4,73%, enquanto o item alimentos, pressionado pelo aquecimento da demanda interna e exportação, subiu 11,2%.

Cada país atingido pela crise tenta solucioná-la à sua maneira. Por exemplo: Camboja, Vietnã, Índia e Egito reduziram ou suspenderam as exportações de arroz, a fim

de privilegiar o mercado interno. Em janeiro de 2007, milhares de mexicanos protestaram contra o preço da tortilha, alimento popular básico, levando o governo a intervir no mercado de milho. Essas iniciativas unilaterais repercutem negativamente sobre os países pobres importadores, o que levou a FAO a apelar por uma estratégia global.

O lado irônico desse panorama é que, durante décadas, a luta contra a pobreza encontrava-se associada ao conceito de inverter os movimentos de baixa nos preços das commodities, que deprimiam o PIB dos países em desenvolvimento e a renda de seus agricultores. Agora, as cotações mundiais de quase todos produtos agrícolas dispararam, mas os motivos de alegria são poucos. Predomina a preocupação de que esse boom acentue a pobreza em intensidade maior do que os baixos preços das culturas agrícolas. Isto porque, embora favoreça agricultores, alguns dos quais pobres, fere uma categoria mais numerosa, constituída pelas pessoas de baixa renda que precisam comprar alimento: a população pobre urbana e a rural sem-terra.

Vários fatores concorrem para tal explosão de preços: a) crescente demanda alimentar em países emergentes - como China, Índia e Brasil -, onde o nível de vida progrediu em grande velocidade; b) aquecimento do planeta, provocando secas e tempestades que afetam as colheitas; c) impetuosidade nos investimentos em biocombustíveis, afetando a superfície destinada aos alimentos; d) redução da área cultivada, devido à urbanização; e) produtividade agrícola insatisfatória na maioria dos países em desenvolvimento.

---

### **As cotações mundiais de quase todos produtos agrícolas dispararam, mas os motivos de alegria são poucos**

---

Para amenizar parte do impacto desses fatores, basta o clássico funcionamento do mercado. Se os preços sobem, haverá uma resposta no lado da oferta, induzindo aumento da produção rural. Sabendo que nos países desenvolvidos a produtividade e as áreas cultivadas encontram-se em seus níveis mais altos, o Banco Europeu de Desenvolvimento e a FAO identificam possibilidades promissoras nos países do Leste Europeu. Seu potencial é importante, em termos de terras aráveis sub-utilizadas. Por outro lado, a maioria dos países em desenvolvimento, inclusive da América Latina, dispõe de um vasto caminho a ser percorrido em termos de incremento de produtividade. Enfim, uma fatia do déficit na oferta alimentar pode ser reduzida pela ampliação espontânea das safras.

A maior fonte de preocupação advém daqueles fatores de caráter mais rígido e, por conseguinte, de difícil redirecionamento: aquecimento do planeta, impetuosidade nos investimentos em etanol e diminuição das áreas cultivadas devido à urbanização. Como o processo de urbanização é irreversível, sobram como passíveis de uma ação reparadora o aquecimento global e a corrida aos biocombustíveis.

Por mais que a oferta mundial de alimentos cresça via resposta do mercado aos altos preços, perdurarão os estragos decorrentes da degradação ambiental e do exagerado desvio de terras do suprimento de refeições para o de tanques de combustível. É farta a literatura sobre a questão ambiental e as dificuldades nessas áreas são óbvias. Porém, a análise da questão etanol ainda é insuficiente, no sentido inclusive de libertá-la do falso dilema entre ser pró ou contra essa alternativa do petróleo. O esforço em diminuir a dependência dos combustíveis fósseis não se limita a substituí-lo por etanol (a esse respeito, ver artigo meu publicado no Valor em 23/08/07).

Tudo indica que poderá tornar-se realidade o grito de alarme lançado, em outubro de 2007, por Jacques Diouf, diretor da FAO, profetizando "motins da fome". Face a uma situação que corre o risco de se degradar ainda mais, o presidente do Banco Mundial, Robert Zoellick, fez um apelo, em abril, por uma nova política alimentar mundial, a fim de evitar que um número ascendente de países enfrentem crises sociais e políticas.

Ao Brasil caberá papel relevante em um esforço dessa natureza, tanto pelas suas possibilidades como produtor de alimento e etanol, como pelo fato de ser um dos países onde se verifica rápido incremento no poder de consumo das classes de menor renda e, ademais, por figurar entre os alvos de crítica internacional a respeito de zelo ambiental.

**Marcello Averbug é consultor em Washington e ex-economista do BNDES e BID. E-mail: maverbug@yahoo.com**

Coordenador  
Sergio Leite

Pesquisadores

Georges Flexor, Jorge Romano, Leonilde Medeiros, Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf e Lauro Mattei

Assistentes de Pesquisa

Karina Kato e Silvia Zimmermann

Secretária

Diva de Faria

**op**  
**pa** **Observatório de Políticas**  
**Públicas para a Agricultura**

**CPDA** Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade UFRJ, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar  
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214

Fax: 21 2224 8577 – r. 217

Correio eletrônico: oppa@ufrj.br

Sítio eletrônico: www.ufrj.br/cpda

Apoio



actionaid



Ministério do  
Desenvolvimento Agrário

